



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A influência da transmissão psíquica na estruturação psíquica: uma visão
psicanalítica sobre a função materna

Autor: Inês da Costa Chaves

Orientador de Dissertação:

Professora Dr^a. Manuela Veríssimo

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Dr^a. Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da
Professora Doutora Manuela Veríssimo,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dr.^a Manuela Veríssimo por toda a orientação que me deu ao longo do ano para que este trabalho fosse possível.

Ao Tomás, por todo o apoio incondicional, por toda a paciência, força e amor que me dá – por ser o meu porto seguro.

Aos meus pais, por todo o apoio que me dão, por me inspirarem a querer ser melhor, por estarem sempre presentes.

Às minha irmãs, por serem as melhores do mundo.

À minha querida amiga Carlota, por mesmo longe estar sempre sempre presente.

Aos participantes deste estudo, um muito obrigada pela disponibilidade e abertura.

RESUMO

Partindo de uma abordagem psicanalítica, com base nas teorias de grupo postuladas por Kaës (2003) e Freud (1969) acerca da grupalidade psíquica e dos processos psíquicos da transgeracionalidade que incluem os conceitos de identificação inconsciente e de narcisismo parental; e na teoria da estruturação psíquica de Fairbairn que dá especial enfoque às relações de objeto, foquei-me na análise comparativa de um estudo de caso, de mães e filhas, da mesma família, de 3 gerações diferentes. Através do método de análise Hermenêutico, procurei as diferenças e semelhanças nos modos de funcionamento psíquico das 3 participantes. O meu objetivo com este estudo foi perceber de que forma é que o psiquismo materno influencia a organização do psiquismo do filho. Deste modo, a entrevista foi construída no sentido de identificar os mecanismos de defesa, os processos de identificação, a regulação emocional, que as 3 participantes utilizam, e o tipo de relações que estabelecem. As conclusões a que cheguei são que, de facto, o psiquismo e a função materna constituem um dos determinantes da constituição do psiquismo do filho, e que existe uma transmissão psíquica ao longo das 3 gerações, verificada nas identificações inconscientes feitas nas funções do Ideal do Ego, no tipo de relações de objeto que é estabelecido, nos mecanismos de defesa utilizados e nas angústias predominantes.

Palavras-chave: Maternidade, Transmissão Psíquica geracional, Estruturação psíquica, Processos de identificação, Narcisismo parental.

ABSTRACT

From a psychoanalytic approach based on the group theories supported by Kaës (2003) and Freud (1969) regarding psychic groupality and trans-generational psychic transmission, which include concepts of unconscious identification and parental narcissism; and from the theory of Fairbairn's psychic structuring which highlights the relation of objects, I have focused my thesis on a case study based on a comparative analysis of mothers and daughters within the same family, enclosing 3 different generations. Through the Hermeneutic analysis method, I have searched for differences and similarities in the psychic functioning of the 3 participants. My goal with this study was to understand in which ways does maternal psychic influence the child's psychic organization. This being, interviews were developed in order to identify defense mechanisms, identification processes and emotional regulations used by all three, as well as the kind of relationships established by each one of them. Conclusions I have reached reveal that the psychic and maternal functioning constitute as a determinant influencer of the child's psychic that a psychic transmission outreaches all 3 generations. This is verified through the unconscious identifications revealed in the functions of the Ego Ideal, in the type of object relationships established, in the defense mechanisms used and predominant distresses.

Key-words: Maternity, Trans-generational psychic transmission, psychic structuring; identification processes, parental narcissism

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	2
2.1. A construção psíquica da maternidade	2
2.2. Os processos psíquicos na transgeracionalidade	4
2.3. O Narcisismo Parental e o Processo de Identificação	8
2.4. Relações de objeto precoces	10
2.5. Noção de estrutura na teoria de Fairbairn	13
3. Método	21
3.1. Objetivo do estudo	21
3.2. Método de Análise Hermenêutico	21
3.3. Amostra	21
3.4. Instrumentos	22
3.5. Procedimento	22
4. Análise das entrevistas	24
4.1. Relações de objeto	24
4.2. Dependência do objeto	26
4.3. Controlo do objeto sobre o self	27
4.4. Narcisismo	29
4.5. Constância do objeto	31
4.6. Estados Emocionais	31
4.7. Idealização	32
4.8. Complexo de Édipo	33
4.9. Angústias	34
4.10. Autoimagem ou imagem de si	35
4.11. Identificações	37

4.12. Expressão emocional	38
4.13. Defesas	38
4.14. Culpabilidade	42
4.15. Agressividade	43
4.16. Self	43
5. Conclusão	45
Referências Bibliográficas	47
Anexos	49
Anexo I	49
Anexo II	70
Anexo III	108

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende focar os determinantes da constituição do psiquismo e as suas origens, na sua inter-relação com a função materna e o psiquismo materno. Pretendo com este estudo perceber qual é a influência do psiquismo materno na formação/organização do psiquismo da criança (filho), utilizando para isso uma perspectiva transgeracional e enfatizando a importância das relações precoces e da identificação, suportando-me nas teorias de inspiração psicanalítica para o efeito.

Deste modo, será feita a análise da transmissão psíquica ao longo de três gerações de sujeitos da mesma família. As teorias psicanalíticas de grupo (Kaës, 2003) e os postulados de Freud acerca da grupalidade psíquica forneceram contributos importantes acerca deste tema, abordando as questões das identificações inconscientes, do narcisismo parental e Ideal do Ego para explicar de que forma é que é feita a transmissão.

Começarei por abordar a questão da construção do psiquismo materno, explicando posteriormente os processos psíquicos da transgeracionalidade e concluindo com a teoria das relações de objeto, de Fairbairn, e a sua importância para a formação do psiquismo humano.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A construção psíquica da maternidade

“Em qualquer mulher, a gravidez reflete toda a sua vida anterior à concepção. As suas experiências com a mãe e o pai, as experiências subsequentes com o triângulo edipiano e as forças que a levaram a adaptar-se a este com maior ou menor sucesso e, finalmente, a separar-se dos pais, tudo isto influencia a adaptação ao seu novo papel” (p.19, Brazelton & Cramer, 1989).

A construção de uma nova identidade, como mãe, traz ao de cima as experiências frustradas, tanto da infância como da adolescência, – que motivam o desejo de engravidar – que vão dar origem à confusão de emoções e fantasias da mulher (Brazelton & Cramer, 1989). Deste modo, o desejo de ter um filho está relacionado com a identificação, com a satisfação de necessidades narcísicas e com as tentativas de recriar vínculos passados através de uma nova relação com o filho.

No que se refere à identificação, esta está relacionada com a experiência, da mulher, de ter tido uma mãe. Ela, enquanto criança cresceu e desenvolveu a sua autonomia através da imitação da sua mãe (e de outros cuidadores que assumiram a postura maternal), pessoa com quem se identifica inconscientemente e com quem aprende a ser mãe (Brazelton & Cramer, 1989). Assim, a mulher desempenhará as qualidades de mãe e de filha “com base nas experiências passadas com a própria mãe e consigo própria enquanto bebé” (Brazelton & Cramer, 1989). Em relação à satisfação de necessidades narcísicas, esta contempla a manutenção da imagem idealizada de si própria como ser completo e onipotente, o desejo da mulher se “ver em espelho” e de atingir os seus ideais – o filho representa a imagem de si mesma, a expressão do seu eu ideal e a capacidade de ser uma boa mãe. Com a gravidez, a mulher satisfaz o desejo de ser completa – o filho é uma extensão de si própria inicialmente –, sente-se cheia e que o seu corpo é poderoso, anulando assim, sentimentos de vazio. Com este sentimento vem também a fantasia da simbiose, da fusão do eu com o filho e do eu com a própria mãe. Futuramente, as atitudes maternas de vinculação irão depender da capacidade de recuperar estas fantasias de fusão com a mãe (Brazelton & Cramer, 1989). Um filho representa, também, uma oportunidade, para os pais, de realizarem os seus ideais falhados – o ideal de ego dos pais é expresso através do filho imaginário – sendo fantasiado como perfeito e capaz de realizar as “potencialidades

perdidas” dos pais. Deste modo, quanto maiores forem as frustrações dos pais, maior será a exigência destes ao filho. Todos estes desejos são determinantes para que haja vinculação, pois, de outra forma, a mãe não conseguiria lidar com o egoísmo do seu bebê – as necessidades narcísicas da mãe são ignoradas pois serão satisfeitas através dele (Brazelton & Cramer, 1989). Um filho traz consigo a possibilidade de “renovar vínculos passados”, de “reviver afetos adormecidos” e de “resolver os sentimentos contidos nas velhas relações” (Brazelton & Cramer, 1989).

Os trabalhos psicanalíticos têm-se dedicado à vida emocional do bebê antes do nascimento, a chamada perinatalidade psíquica. Por um lado, o avanço da medicina fetal que trouxe a possibilidade de detetar patologias do feto e as suas consequências e, por outro, a nitidez ecográfica que permite aproximar a figura imaginária do bebê ao feto-real, contribuíram para o marcado interesse nas experiências da vida psíquica intrauterina. No entanto, sendo esta uma matéria pouco objetiva, dada a impossibilidade de medir o psiquismo fetal, as hipóteses que se avançam sobre este tema privilegiam o psiquismo materno durante a gravidez (Aragão, 2012).

Missonier (cit. por Aragão 2012) fala-nos de uma *relação de objeto virtual* que corresponde à relação entre a mãe e o feto, que envolve todos os comportamentos, afetos e representações do período da gravidez, e que teria como função principal a preparação parental para a relação com o objeto total (o bebê). O autor compara esta relação de objeto virtual à função continente descrita por Bion (1962), em que a mãe é capaz de conter as angústias do bebê e transformá-las. Outros autores estudam a relação entre os quadros alérgicos ou os sintomas precoces dos bebês e os registos da vida fetal, descrevendo o papel da função materna nestas organizações psicossomáticas do bebê, referindo como causa a qualidade e quantidade de investimento libidinal da mãe, desde o período pré-natal, e relembrando a importância que certas funções, como as trocas humorais entre a mãe e o feto, desempenham no desenvolvimento fetal (Aragão, 2012).

Neste sentido, podemos falar de uma continuidade entre o investimento do bebê *in útero* e a relação que a mãe estabelecerá com o bebê após o nascimento. O investimento que a mãe faz no bebê está ligado à experiência infantil da mãe, sendo que a experiência do bebê estará inscrita na transgeracionalidade de experiências emocionais da sua família. Pesquisas recentes mostram que o “cenário” psíquico da mãe, ou seja, a forma como ela pensa e constrói o bebê imaginário (processos de construção antecipatória), durante a gravidez, organiza a relação posterior com este (Aragão, 2012).

O momento do nascimento marca o encontro com o bebê real na sua dialética com o bebê imaginário, encontro este carregado com os cenários conscientes e inconscientes da gravidez psíquica: a idealização narcísica da criança, com o surgimento das angústias infantis recalcadas e a ambivalência fundamental inerente a todas as relações com o outro.

Se, por um lado, a gravidez obriga a mulher (de forma inconsciente) a regressar às suas etapas infantis do desenvolvimento que foram fontes de ódio e de ambivalência, o que vai provocar, ao longo dos nove meses, oscilações no investimento do feto e que constituirá um papel importante na perturbação psíquica da futura mãe, por outro, também transforma o corpo da mulher, coloca-a numa posição de passividade e leva-a a fazer o luto da sua vida antes da gravidez. Ao mesmo tempo, a mulher desenvolve um trabalho psíquico narcísico e objetal, caracterizado por um duplo movimento identificatório: a procura imaginária da criança que ela própria foi e a construção da identidade parental, feita com base na mãe que ela teve ou que gostaria de ter tido (Aragão, 2012). Todo este trabalho psíquico faz parte do “tornar-se mãe”, e envolve as dimensões tempo, espaço e identificação que implicam alterações na estruturação narcísica da mulher: as alterações no Eu corporal transformam o sentimento de si e do seu próprio espaço psíquico para o sentimento de nós dentro do próprio corpo e dentro da vida. O movimento de investimento narcísico e objetal, acima citado, refere-se tanto ao surgimento de angústias edípicas como de angústias de abandono, uma vez que o nascimento traz sempre consigo o sentimento de perda do feto (Aragão, 2012).

2.2. Os processos psíquicos na transgeracionalidade ou transmissão psíquica geracional

O conceito de transmissão psíquica entre gerações surge associado às teorias psicanalíticas do grupo, que tiveram o seu início com Freud. O autor, na sua obra *Totem e Tabu* (1912), apresenta um primeiro modelo da estruturação e do funcionamento psíquico, onde formula hipóteses acerca da transmissão psíquica e tenta definir o Ego igualando-o a um grupo psíquico. Neste sentido, é introduzida a noção de intersubjetividade dos aparelhos psíquicos que acabará por remeter, também, para as teorias do vínculo (Kaës, 2003).

Segundo Kaës (2003) “As perturbações nas identificações e nos sistemas de vinculação manifestam-se através das desorganizações das marcas identificatórias e das

fronteiras do Ego; esta perturbação está presente nas patologias das personalidades *como se* ou *borderline*, e nas insuficiências ou hipertrofias das funções do ideal. Exprime-se nas falhas dos contratos intersubjetivos nos quais assentam os garantes do espaço onde o Eu pode advir e historiar-se numa pertença a um Nós. As investigações contemporâneas sobre a transmissão da vida psíquica entre gerações, dos seus obstáculos e falhas na formação do “sujeito da herança”, salientam a consistência destas perturbações” (p.8).

As funções do Ideal do Ego desempenham um papel importante nas questões da transmissão psíquica, uma vez que estão na base do comportamento humano. Estas funções favorecem a dependência do Ego precoce para com o objeto e aumentam a idealização do mesmo, uma vez que o Ego se encontra frágil nos primeiros momentos da sua formação (inicia da vida). Deste modo, podemos falar de uma idealização primária, que dá forma ao Ego Ideal (construído parcialmente na relação com o outro) e que assegura a “autossuficiência narcísica e a recuperação da onipotência infantil”, uma vez que remete para as identificações primárias à mãe; e de uma idealização secundária que organiza o Ideal do Ego na estrutura edipiana, em que o objeto representa os ideais que o Ego gostaria de alcançar. Estas duas formas do Ideal do Ego expressam-se através das identificações que o sujeito faz com o outro (Kaës, 2003).

O conceito de identificação é definido por Freud como uma pluralidade de pessoas psíquicas. O autor fala-nos da identificação como constituinte da grupalidade intrapsíquica e do vínculo intersubjetivo, apresentando-a como uma “expressão de um vínculo emocional com outra pessoa, como o substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonado e como a colocação no sujeito de um elemento comum entre ele e o objeto” (cit. por Kaës, 2003).

Assim, podemos falar de diferentes tipos de identificação: a primária (que ocorre em simultâneo com a idealização primária) que remete para a fase oral e está ligada à organização das pulsões e dos objetos internos. O objeto primordial da identificação primária seria, segundo A. Missenard (cit. por Kaës, 2003), o seio materno. A identificação narcísica, corresponde à procura de um objeto que ame o sujeito da mesma forma como este representa o amor que recebeu da sua mãe, ou seja, um objeto que permita ao sujeito ser o mesmo que foi com a sua mãe (relacionado com a criança ideal). Este movimento caracteriza a fase de diferenciação entre o Eu e o outro, com a ameaça de perda do outro (Kaës, 2003) e corresponde à identificação especular.

Estas identificações estão presentes nas relações, de forma inconsciente, e mobilizam o sujeito a construir determinados vínculos com os outros, estando, assim, na origem da transmissão da vida psíquica entre gerações (Kaës, 2003). As identificações inconscientes resultam, a um nível relacional, em alianças inconscientes (i.e., uma formação psíquica intersubjetiva), que têm por base operações de recalçamento, negação ou de rejeição e que constituem a base do vínculo criado. Assim, segundo Kaës (2003), podemos formular as seguintes hipóteses: “o inconsciente de cada sujeito tem marcas, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente de um outro, e, mais especificamente, de mais de um outro”; “o grupo intersubjetivo é um dos lugares da formação do inconsciente; as alianças inconscientes assentam não só em conteúdos inconscientes, mas na própria aliança que, permanecendo inconsciente, produz e mantém o inconsciente; a transmissão da vida psíquica entre as gerações realiza-se através destas alianças inconscientes”.

Sobre as questões da transmissão psíquica, interessa também mencionar o estudo sobre o narcisismo, realizado por Freud, de onde resulta o reforço das noções de contratos e pactos narcísicos. No seu estudo, Freud enfatiza que a “missão” que os pais incutem na criança, de realizar os seus sonhos não realizados, resulta no narcisismo primário. P. Aulagnier (cit. por Kaës, 2003), reforça esta ideia acrescentando que esta missão assegura a “continuidade do conjunto ao qual pertence”. Do outro lado, o conjunto deve investir narcisicamente no novo membro. É nisto que consiste o contrato narcísico, segundo Kaës (2003). O pacto narcísico seria então um contrato narcísico imutável, que não aceita qualquer tipo de transformação, sob pena desta provocar uma falha na continuidade narcísica. Este tipo de pacto carregado de violência estruturante, foi descrito por D. Laing (cit. por Kaës, 2003) ao caracterizar o grupo familiar psicótico.

Kaës (2003) utiliza o conceito de *pacto denegativo* para definir as operações psíquicas que são exigidas ao sujeito, num encontro intersubjetivo, para que o vínculo se mantenha (e.g., recalçamento, denegação, negação, etc.). Podemos, por um lado, falar da valência organizadora do vínculo e do espaço intrapsíquico do pacto denegativo e, por outro, da sua valência defensiva, em relação ao espaço interno e intersubjetivo. Estas características do pacto denegativo dão lugar a “zonas de silêncio, bolsas de intoxicação, (...) que mantêm o sujeito de um vínculo estranho à sua própria história” (cit op., p.108). O pacto denegativo dá origem à noção de aliança denegativa, que consiste na utilização de um vínculo como forma de afastar do recalçamento secundário representações rejeitadas através da negação. Esta noção surge de uma psicoterapia feita em conjunto a uma mãe e filha, em que a

psicoterapeuta mostra que o que a mãe não é capaz de recalcar é recalçado pela filha através de um “sobreinvestimento alucinatório” das representações não recalçadas (M.-Th. Couchoud, cit. por Kaës, 2003). Isto é, o que a mãe não é capaz de elaborar é atribuído à criança como sendo seu.

Uma das hipóteses levantadas acerca dos mecanismos de defesa e das alianças inconscientes inscritas nos processos de transmissão psíquica remete para o inconsciente e afirma que modalidades intersubjetivas e transobjetivas contribuem para a formação deste, podendo, assim, falar-se de um inconsciente coletivo. Associada a esta noção estão as alianças inconscientes – “atos psíquicos de produção conjunta do inconsciente, no vínculo entre sujeitos dentro do grupo (família)” – relacionadas com investimentos mútuos, identificações e funções defensivas comuns. No que se refere a estas alianças, foram levantadas três hipóteses que me parecem pertinentes: - o inconsciente está inscrito em todo o vínculo intersubjetivo; - o inconsciente do outro influencia a estrutura e conteúdos do inconsciente de cada sujeito; - o inconsciente forma-se no grupo intersubjetivo e as alianças inconscientes assentam não só em conteúdos inconscientes, mas na própria aliança que, permanecendo inconsciente, produz e mantém o inconsciente; - a transmissão da vida psíquica entre as gerações realiza-se através destas alianças inconscientes” (Kaës, 2003).

A introjeção é um processo primário pelo qual o recém-nascido estabelece um vínculo emocional com os seus objetos. Não só introduz no eu o objeto, como o conjunto das pulsões e dos vínculos narcísicos e objetais ligados ao objeto. A introjeção assume-se, assim, como o processo através do qual o bebé mantém e conserva o investimento narcísico e a relação com o outro, quando este não está presente (Kaës, 2003). A introjeção só é possível se a função continente (descrita por Bion) da mãe for satisfatória. Quando isto não acontece, surge a identificação projetiva como defesa utilizada pelo bebé contra a relação insatisfatória com a mãe. A identificação projetiva consiste na projeção de partes de si num objeto. Este mecanismo permite ao bebé sentir que controla de forma onipotente os objetos internos, ou seja, as suas relações. Deste modo, o objeto é percecionado com as características de si mesmo projetadas nele e o Ego identifica-se com o objeto da sua projeção. Daqui resulta a confusão da identidade e é aprendido um modo de relação fusional (Kaës, 2003).

2.3. O narcisismo parental e o processo de identificação

Freud (1969), fala-nos do narcisismo e mostra como a criança pode ficar aprisionada nos ideais narcísicos dos seus pais e como a relação de objeto pode ser a herdeira desse narcisismo. O narcisismo, segundo o autor, consiste, na sua primeira forma, no investimento libidinal do Ego – narcisismo primário –, estágio em que não existem relações com os objetos do meio, e na sua forma mais evoluída, no investimento libidinal do Objeto – narcisismo secundário – resultante da identificação com o objeto.

No seu livro “Para a introdução do Narcisismo”, Freud (1969) considera que a atitude dos pais em relação aos filhos consiste numa reprodução do próprio narcisismo dos pais, em que estes atribuem ao filho todas as perfeições (superestimação) e negam ou esquecem todos os seus defeitos. O filho deverá realizar os desejos incumpridos dos seus progenitores e ser o herói que os pais não foram. A imortalidade do Eu, o tema mais delicado do narcisismo, é afirmada através da criança. Deste modo, o narcisismo está ligado a um Eu ideal, composto por todas as perfeições. Este ideal tem, para além de uma componente individual, uma componente social: é um ideal comum de uma família.

Faimberg (1988) centra-se na relação existente entre o narcisismo parental e o processo de identificação. Para a autora, o sujeito identifica-se com o modo de funcionamento dos seus pais internos, que consideram a criança como uma parte deles próprios, privando-a de um espaço psíquico próprio. Nesta organização narcisista, é apropriado tudo o que causa prazer e é expulso tudo o que provoca desprazer pelas funções de apropriação e intrusão (op. cit.).

Considerando que o amor narcisista dos pais pressupõe a apropriação da criança de tudo o que lhes dá prazer, quando a criança se diferencia, será odiada por eles (Faimberg, 1988).

Faimberg (1988) define o narcisismo como o “amor do ego para si e para os objetos, baseado na ilusão de ser o centro e o mestre do seu mundo. O ego ama-se a si como um objeto, e este amor e ilusão são a base do processo de estruturação do ego”. A autora afirma que o narcisismo precisa de ser confirmado pelos outros, que no início são a mãe e o pai, e defende que a relação de objeto narcísica não aceita nada do objeto que não evoque prazer.

De acordo com o princípio do prazer-desprazer, tal como descrito por Freud (cit. por Faimberg, 1988), a regulação narcísica seria feita da seguinte forma: todas as experiências de prazer correspondem ao ego e todas as experiências de desprazer correspondem ao não-ego. Faimberg (1988) ao analisar as transferências de um paciente, afirma que fazemos, frequentemente, identificações inconscientes com os nossos pais internos, sendo eles os nossos organizadores do psiquismo. Ou seja, a parte clivada do ego identifica-se segundo a lógica narcísica dos pais e o sujeito em si funciona de acordo com esta regulação narcísica.

A regulação do objeto narcísico inclui dois tipos de funções, a apropriação, que corresponde ao amor narcísico, e a intrusão, que corresponde ao ódio narcísico. Na função de apropriação, os pais internos, ao identificarem-se com o que pertence ao seu filho, apropriam-se da sua identidade positiva. Na função de intrusão, os pais internos atribuem ao seu filho tudo o que rejeitam e definem-no por uma identidade negativa. Portanto, a criança é odiada por ser diferente e porque a sua “história” será semelhante com a história dos seus pais e com tudo o que eles rejeitam dentro do seu narcisismo. A criança não dispõe de espaço psíquico para desenvolver a sua própria identidade sem estar sobre a influência do narcisismo dos seus pais, pois eles não são capazes de amar o seu filho sem se apropriarem da sua identidade, nem de aceitar a sua independência sem o odiarem. Segundo Faimberg (1988) as funções de apropriação e intrusão levam o sujeito a fazer uma adaptação alienada, ou seja, este define a sua identidade segundo as características dos pais.

“A noção de contrato narcísico corresponde à atribuição a cada um de um lugar determinado no grupo e indicado pelas vozes que tiveram, antes do aparecimento do recém-chegado, um discurso conforme ao mito fundador do grupo” (Kaës, 2003). Este discurso, que contém os ideais e valores do grupo e que transmite a cultura deste, deve ser retomado por cada sujeito. O pacto narcísico, que corresponde a um contrato narcísico carregado de uma violência estruturante, é o resultado da atribuição, aos elementos do grupo, de um papel imutável a “uma posição de perfeita coincidência narcísica”: esta posição não aceita transformações pois qualquer alteração daria origem à descontinuidade narcísica. Tal pacto, que foi descrito por Laing (cit. por Kaës, 2003) para caracterizar os sujeitos do grupo familiar psicótico, contém e transmite violência destrutiva.

Surge o conceito de pacto denegativo, que define operações defensivas, tais como a denegação, a negação, o desmentido, a rejeição, que estão na base da manutenção do vínculo intersubjetivo e que asseguram a continuidade das funções do pacto narcísico.

Estas operações defensivas criam buracos/falhas que aprisionam o sujeito a um vínculo que não lhe pertence (Kaës, 2003).

M. Fain (cit. por Kaës, 2003) fala de uma negação em comum que incide sobre a realidade do objeto do desejo do outro e mantém um estado de não-separação entre os sujeitos de um vínculo. Esta negação coexiste com um regime de identificações narcísicas e projetivas cruzadas.

2.4. As relações de objeto precoces

Se uma mãe conhece o seu filho, se consegue compreender as suas intenções, os seus gestos que expressam as suas necessidades e desejos, ela proporcionar-lhe-á objetos que servem de base para potencializar a sua personalidade, ou seja, ela contém o filho na sua luta em estabelecer o *self* (Bollas, 1989).

Toda a teoria de Freud organiza-se em torno da teoria das pulsões que engloba, as questões do sujeito da pulsão, da pulsão em si mesma e do objeto. Depois de Freud surge uma corrente psicanalítica que se centrou sobre a relação de objeto e, sobre a sua génese na criança (Mijolla e Mijolla-Mello, 2002).

A relação de objeto resume o modo de organização das relações do sujeito com o seu ambiente, na interação entre a estrutura da personalidade do sujeito, a vida fantasmática (no que afeta a apreensão do mundo) e o funcionamento das defesas mais utilizadas. A relação de objeto põe o acento na interatividade sujeito-objeto (Mijolla e Mijolla-Mello, 2002).

As teorias das relações de objeto tiveram o seu início com Melanie Klein, grande revolucionária da teoria psicanalítica pela introdução da noção de relação de objeto. Foi ela que preconizou a existência de um Ego à nascença (imaturado e pouco organizado), capaz de experienciar angústia (nomeadamente no nascimento), usar mecanismos de defesa e de estabelecer relações de objeto (Mijolla e Mijolla-Mello, 2002).

Foram muitos os teóricos que se seguiram a Klein, propondo uma análise e interpretação diferentes para a compreensão da estruturação psíquica, centrando-se nas relações precoces da díade mãe-bebé, sendo exemplos destes Fairbairn, Odgen, Winnicott, Bion, entre outros.

“Quando se fala de relação de objeto, fala-se na realidade de uma inter-relação dialética: o que está em causa não é só a maneira como o sujeito constitui os seus objetos (externos e internos) mas também a maneira como estes moldam a sua atividade” (Bergeret, 1998).

As representações mentais dos outros, a que chamamos objetos internos, incluem características reais e imaginárias que correspondem às pessoas externas e internas, e constituem uma imagem dos relacionamentos com as pessoas significativas. Estas imagens são replicadas nas relações com os demais ao longo da vida e servem como modelos comportamentais (Mitchell & Greenberg, 2003).

O primeiro objeto de todo o indivíduo corresponde ao maior prestador de cuidados da criança (a mãe). É preciso notar que o recém-nascido, não consegue reproduzir imagens de objetos (no sentido psicológico da palavra) pelo que o que existe são representações de objetos dispersas, parcelares. Por outro lado, este apenas tem “consciência” das próprias percepções internas de tensão e calma – não distingue os outros de si próprio. Ou seja, o bebé interage com objetos parciais compostos por partes da mãe (o seio) e partes do seu próprio corpo. Deste modo, podemos considerar que as relações do bebé são, por um lado, autoeróticas e, por outro, anaclíticas (estado de dependência absoluta que liga fisicamente a criança ao cuidador) (Bergeret, 1998) .

Para explicar as relações de objeto, Fairbairn (1944) introduziu a sua Teoria da Motivação, em que defende que a atividade humana é um conjunto de estruturas com energia direcionada para objetos. Segundo este autor, o bebé está, desde o início, orientado para os outros e esta procura de relação tem raízes adaptativas na sobrevivência biológica. O “caos” aleatório aparente dos primeiros meses de vida do bebé não reflete o estágio primitivo narcisista ou autoerótico, em que tende para o objeto para colmatar necessidades, mas reflete antes a inexperiência - o bebé humano leva tempo a aprender como estabelecer contacto e como organizar as relações com a mãe. Assim, o comportamento e experiência humana resultariam da procura e da manutenção de contacto com os outros e a psicopatologia seria o reflexo de perturbações e interferências nas relações com os outros (Greenberg & Mitchell, 2003).

Deste modo, Fairbairn defende que a libido é a orientação/necessidade de relação com o outro e coloca o prazer como um meio para alcançar um fim, que é o objeto e a relação com este, e as zonas erógenas são usadas pelo Ego na procura do objeto, como

ocasiões para o contacto e modos de relação com os outros. O bebé procura contacto com o seio, que constitui o primeiro objeto de relação, para salvaguardar a sua própria sobrevivência biológica e o desenvolvimento emocional (Greenberg & Mitchell, 2003).

O autor diz-nos também que as primeiras relações com os objetos são más e marcadas pela privação e, como tal, sendo doloroso depender de um objeto frequentemente ausente, o bebé estabelece objetos internos dentro de si que atuam como substitutos/soluções para relações insatisfatórias com objetos reais externos. Assim, quanto maior for a interferência e privação nas relações com os seus objetos naturais (pessoas reais), maior será a necessidade do ego estabelecer relações com os objetos internos. A agressividade surge perante as relações insatisfatórias devido ao impacto perturbador destas no desenvolvimento natural da dupla mãe-criança. A agressividade intensa é um fator crucial, com o qual o ego tem de lidar nas suas lutas para manter boas relações de objeto (Greenberg & Mitchell, 2003).

Como se fará, então, o desenvolvimento emocional? A característica central do desenvolvimento emocional é a sequência maturativa natural das relações, isto é, uma proliferação de relações com objetos internos compensadores e uma consequente fragmentação interna. O desenvolvimento emocional passa por três estádios, baseados na maturação de diferentes modos de relação com os outros, sendo o primeiro estádio o da *Dependência Infantil*, o segundo constitui a *fase de transição* e o terceiro o estádio de *Dependência Madura* que corresponde ao estado de maturidade. O desenvolvimento consistiria, assim, na passagem gradual de um modo de relação dependente infantil para um outro que implica uma capacidade para a mutualidade adulta, onde o elemento-chave é a maturação (Fairbairn, 2000).

O primeiro estádio, o da *Dependência Infantil*, corresponde ao estado psicológico dos primeiros meses de vida e caracteriza-se pela experiência de fusão com a mãe, em que se verifica a perpetuação do estado mental existente antes do nascimento: a fusão total com a mãe que exclui considerar qualquer pensamento de diferenciação do corpo materno, corpo este que constitui o seu meio integral e a totalidade do mundo da sua experiência. A identificação primária traduz o modo de relação pelo qual a criança, nesta altura, experiencia o contacto com os outros, sendo o investimento feito num objeto que não foi ainda diferenciado do sujeito. A tendência para se fundir com a mãe deriva do estado de total e incondicional desamparo do bebé, a sua sobrevivência depende da mãe e dos seus cuidados, e ele experiencia-se a si mesmo ou esforçando-se por ser “um com ela”, através

das modalidades relacionais que tem disponíveis (sugar, ingerir, incorporar) (Fairbairn, 2000).

O terceiro estágio, o da *Dependência Madura*, corresponde ao pleno desenvolvimento da saúde emocional, à maturidade psíquica. A dependência é condicional, com objetos potencialmente disponíveis, e não incondicional, com objetos únicos, os pais da dependência infantil. O “receber” é substituído pelo “trocar”, devido a uma capacidade do indivíduo diferenciado para estabelecer relações cooperativas com objetos diferenciados (Fairbairn, 2000).

O segundo estágio, a *fase de transição* faz a ligação entre as relações objetais baseadas na dependência madura e as relações objetais características da dependência infantil, o que implica uma renúncia aos vínculos objetais compulsivos, baseados na identificação primária e na fusão, em favor de relações baseadas na diferenciação e na troca. Este é um passo desenvolvimental difícil e nunca completamente alcançado, onde se enfrenta o medo da separação e da perda total de objetos. Para que esta transição ocorra, a criança deve sentir-se amada e acreditar que o seu amor é bem-vindo e valorizado. O otimismo face à possibilidade deste amor mútuo entre pessoas diferenciadas permite-lhe renunciar ao seu desejo de domínio dos objetos (dependência infantil) e tornar-se um adulto, capaz de relações mútuas no mundo das pessoas reais. Com a renúncia aos objetos internos infantis, a clivagem do ego é dominada e a integridade do ego é restaurada (Fairbairn, 2000).

Por outro lado, se não há esperança face à mutualidade madura mas sim uma ameaça de isolamento e falta de contacto, como consequência da renúncia aos vínculos dependentes, esta nunca se dá e a fase de transição nunca é concluída - a ansiedade de separação é grande, sendo este o conflito central subjacente a toda a psicopatologia (Greenberg & Mitchell, 2003).

2.5. Noção de Estrutura na teoria de Fairbairn

Gradualmente, a partir do nascimento (e provavelmente antes), em função da hereditariedade para certos fatores, mas sobretudo do modo de relação com os pais desde os primeiros momentos de vida, das frustrações, dos traumatismos e dos conflitos encontrados, em função também das defesas organizadas pelo Ego para resistir às pressões internas e externas e das pulsões do Id e da realidade, pouco a pouco, o psiquismo

individual organiza-se com linhas de clivagem originais e que já não podem variar posteriormente. O indivíduo de estrutura neurótica só poderá desenvolver uma neurose e o de estrutura psicótica uma psicose. A estabilidade das estruturas verdadeiras implica igualmente por isso uma impossibilidade profunda em passar da estrutura neurótica à estrutura psicótica (ou inversamente) a partir do momento em que um Ego específico seja organizado num sentido ou noutro (Bergeret, 1997).

Fairbairn apresenta a sua teoria da estruturação psíquica começando por afirmar que o Ego é o “Eu psíquico primário na sua totalidade de original; um todo que se diferencia em padrões estruturais, organizados sob o impacto da experiência das relações de objeto, após o nascimento”, unitário e integral. Se as relações são satisfatórias, o ego permanece integral e intacto, se são insatisfatórias, o ego estabelece objetos internos compensatórios, cuja proliferação leva a uma clivagem do ego, dado que diferentes porções do ego ficam relacionadas com diferentes objetos internos, sendo este apego e devoção do ego aos seus objetos internos que causa uma fragmentação do ego original, integral (Greenberg & Mitchell, 2003).

O autor divide, deste modo, a estrutura psíquica em três, explicando-a da seguinte forma: o bebé experimenta três tipos diferentes de mãe: a mãe satisfatória, a mãe sedutora (aquela que promete e dá esperança) e a mãe que frustra (aquela que rejeita), sendo que as duas últimas correspondem a dois aspetos da mãe dita insatisfatória (Greenberg & Mitchell, 2003).

À medida que a relação original com a mãe externa se torna insatisfatória, esta é interiorizada nas suas três características diferentes, correspondendo a três relações diferentes. Assim, há três objetos externos que são separados: o objeto ideal que está ligado aos aspetos satisfatórios da mãe, o objeto que excita que está ligado aos aspetos prometedores e atrativos da mãe e o objeto que rejeita que está ligado aos aspetos de privação e de recusa da mãe. Quando uma destas características da mãe é interiorizada e estabelecida como um objeto interno, uma parte do ego integral, dirigido para fora, é clivado da sua unidade original, formando uma relação de objeto interna. A clivagem do Ego original vai dar origem a três tipos diferentes de Ego associados aos três objetos internos, o *Ego Libidinal*, que corresponde à parte do ego ligada e identificada com o objeto excitante que não desistiu dos anseios não satisfeitos e das exigências da dependência infantil; é o repositório de esperança e, no seu apego ao seu objeto excitante, permanece ligado a imagens de promessas não realizadas, seduções e potencialidades de contacto com

a mãe; este anseia pela união ao objeto excitante (relação de objeto interno) porque o anseio por gratificação real se tornou muito doloroso; daí que permanece uma relação frustrada e permanente com o objeto excitante (a promessa é mantida viva mas o seu cumprimento é impossível).

O *Ego Anti Libidinal* (ou *sabotador interno*), que corresponde à parte do ego ligada e identificada com o objeto rejeitante (aspeto da mãe experienciado como frustrante e impeditivo), sendo hostil e desprezando qualquer tipo de contacto ou gratificação (ou sabotador interno). É o repositório de todo o ódio e destrutividade que se acumula como consequência da frustração do anseio libidinal; é a parte do ego que, por não ter sido satisfeito pelas seduções da mãe, se identifica com as suas características frustrantes e de recusa; uma grande parte da raiva contida neste é dirigida para o objeto excitante e para o ego libidinal, devido à sua identificação com o objeto excitante: o ego anti-libidinal odeia o ego libidinal por continuar a depositar esperança na possibilidade das promessas da mãe poderem ser cumpridas - estes ataques internos são responsáveis pelos aspetos autodestrutivos e autopunitivos da psicopatologia; o ego anti-libidinal é inimigo da esperança, especialmente da esperança em algo significativo com outras pessoas; odeia e pune o ego libidinal por qualquer tentativa de obter algo dos outros e odeia a pessoa que oferece a possibilidade da relação (Greenberg & Mitchell, 2003).

O *Ego Central* que é um remanescente do ego original e está ligado e identificado com o objeto ideal composto pelos aspetos reconfortantes e gratificantes da relação com a mãe, estando disponível para relações com outros reais no mundo externo (Greenberg & Mitchell, 2003).

O princípio central da teoria da estruturação psíquica de Fairbairn é o de que ego e objeto são inseparáveis, ou seja, um objeto, para ter importância, tem de ter uma parte do ego ligada a si, sendo que este último se desenvolve através de relações reais ou internas. Quando há aspetos das relações originais não satisfatórias com a mãe, estes são clivados e interiorizados, assim como partes do ego original integral são desviadas da sua direção original (para pessoas externas) e seguem-nos no interior de si. Estas porções clivadas do ego (ego libidinal e ego anti-libidinal) ou “egos subsidiários” não estão disponíveis para relações com objetos reais, permanecendo ligadas aos objetos internos compensatórios – objeto excitante e objeto rejeitante fazem parte do mau objeto por não serem gratificantes. O ego mantém relações com estes maus objetos internos num esforço para os controlar e para preservar as relações com a mãe real, pela frustração, raiva e anseios não satisfeitos.

Mas também interioriza o objeto ideal (bom objeto), o que resulta num desenvolvimento secundário: a *defesa moral*. O ego central esforça-se por viver de acordo com os ideais do objeto ideal acreditando que, se estes ideais forem alcançados, o contacto e a relação surgirá. Esta luta pela perfeição moral serve como uma distração e uma defesa contra o investimento dos maus objetos internos pelos egos subsidiários. O que resta do ego central, após a clivagem dos egos subsidiários e o investimento defensivo do ego central no seu próprio objeto interno (objeto ideal), é empregue ao serviço de relações com pessoas reais (Greenberg & Mitchell, 2003).

Assim, a psicopatologia, segundo Fairbairn, resulta da fragmentação do ego e da devoção das porções resultantes do ego aos seus objetos internos, que é feita à custa das relações com pessoas reais (Greenberg & Mitchell, 2003).

A situação endo psíquica estabelece-se nas primeiras relações com a mãe, a clivagem tripartida do ego com os seus objetos correspondentes resulta das primeiras lutas da criança para manter boas relações com a mãe e persiste ao longo da vida. A relação com o pai segue o mesmo molde da relação inicial materna, existindo assim dois conjuntos de cada um dos objetos, o ego combina estes dois conjuntos de objetos, através de processos de estratificação e de fusão, para formar um único objeto excitante, outro rejeitante e outro ideal, havendo agora estruturas compósitas, complexas, derivadas das relações com ambos. A criança projeta sobre os pais as imagens dos objetos excitantes e rejeitantes. Com mais frequência, o pai do sexo oposto torna-se excitante (sedutor e atraente), sendo o outro o rejeitante (intrusivo, malévolo e rival), sendo esta escolha determinada tanto pelo sexo biológico da criança como pelas suas relações emocionais com os pais. Por vezes, ocorre a sexualização das necessidades relacionais porque os anseios emocionais da dependência infantil são experienciados como sendo de natureza sexual, o que constitui uma defesa provocada pelo carácter sedutor do progenitor (na qual os anseios infantis dependentes são disfarçados em genitalidade precoce): o que é desejado não é gratificação sexual mas sim contato e cuidados (Greenberg & Mitchell, 2003).

A estruturação do ego em 3 componentes, cada um ligado a um objeto, estabelecida na relação oral dependente com a mãe persiste ao longo da vida e está subjacente a toda a psicopatologia (Greenberg & Mitchell, 2003).

A psicopatologia é dicotómica e resulta de dois pontos de fixação, o *oral precoce* e o *oral tardio*: o determinante da patologia surge quando o bebé falha no seu esforço para

estabelecer boas relações de objeto, o que leva à experiência de que não é amado pela mãe ou que o seu amor por ela não é sentido ou valorizado. Se a falha surge na fase oral precoce, o bebê considera que o seu amor faz mal e a mãe teve de se afastar devido à sua dependência e carência. A fixação nesta fase resulta em dinâmicas esquizoides, pois a criança retira-se da relação porque sente que o seu amor, a sua avidez oral é prejudicial. Se a falha surge na fase oral tardia, dá-se o desenvolvimento da ironia e do potencial para a agressividade, ou seja, a criança sente que o seu ódio (reação à frustração) é que afastou a mãe, pela sua própria destrutividade. A fixação nesta fase resulta em dinâmicas depressivas e de culpabilidade (Greenberg & Mitchell, 2003).

Todas as formas de psicopatologia são defesas contra ansiedades e conflitos orais (de natureza esquizoide ou depressiva) que se centram, respetivamente, no medo do próprio amor ou da própria raiva. A posição depressiva da fase oral deriva da dependência intensa e do amor frustrado, e a agressividade surge mais tarde como uma reação à frustração (Greenberg & Mitchell, 2003).

Assim, a psicopatologia consiste na interiorização dos objetos, que por sua vez deriva da dependência objetual e da não gratificação relacional, o que é muito doloroso. Ocorrem clivagens, interiorizações e recalcamientos, baseados na necessidade de conservar a ilusão da bondade dos pais como figuras reais (separa e interioriza os aspetos maus dos pais): não são os pais que são maus, mas sim a própria criança; a maldade está dentro de si; se ela fosse diferente, o seu amor surgiria. Ao transferir para si o “fardo da maldade”, as qualidades indesejáveis dos pais (depressão, desorganização, sadismo) estão agora dentro de si sob a forma de objetos, com os quais o ego se identifica (identificação primária), ou seja, a criança consegue obter segurança externa à custa de sacrificar a segurança interna, ao manter a esperança ilusória: por um lado, se experienciasse a maldade como externa, sentia-se dolorosamente incapaz de produzir qualquer impacto, por outro, se esta for tida como interna, é possível manter a esperança, pois esta advém de um controlo onipotente da maldade (Greenberg & Mitchell, 2003).

Estas relações de objeto internas são o núcleo do recalcado, bem como as memórias ligadas aos aspetos excitantes e rejeitantes dos pais: estas são perigosas porque trazem ao alcance da consciência as poderosas e frustrantes relações internas com eles, os anseios continuados e as identificações inerentes, bem como os impulsos e as fantasias que estão recalçados visto serem dirigidos para os pais (e, como tal, ameaçarem trazer à consciência

as constelações de objetos internos), ou seja, no âmago do recalçado e no centro de toda a psicopatologia está o recalçamento dos maus objetos (Greenberg & Mitchell, 2003).

As diferenças qualitativas e quantitativas entre os tipos de patologia são baseadas na extensão dos maus objetos e no grau de maldade destes, na extensão da identificação do ego com os maus objetos e na natureza e força das defesas que protegem o ego dos objetos. Segundo a *Teoria do Recalçamento dos Maus Objetos*, porções do ego seguem estes objetos até ao recalçamento, resultando no recalçamento do ego. Assim, a gravidade da psicopatologia depende da extensão desta clivagem e do recalçamento do ego original (em ego central, libidinal e anti-libidinal), ou seja, de quanto o ego está disponível para relações reais ou satisfatórias com outros e de quanto está ligado aos aspetos sedutores e frustrantes dos objetos internalizados (Bergeret, 1997).

A culpa surge secundariamente através da defesa moral, a criança sente-se moralmente “má” por aceder à possibilidade de se tornar moralmente boa e, assim, conseguir boas relações com o bom objeto. Deste modo, a depressão é uma forma de psicopatologia secundária e derivada, pois a culpa decorre da interiorização do objeto ideal (feita pela defesa moral), após a clivagem esquizoide original (causada pela interiorização dos maus objetos) (Bergeret, 1997).

A depressão, o terror e a futilidade representam as identificações do ego com os aspetos maus dos pais, estes não puderam ser alcançados nas trocas reais e que, por isso, foram incorporadas. A psicopatologia persiste, o sofrimento antigo volta e os padrões destrutivos da integração das relações são perpetuados porque, por trás do sofrimento, das relações e das organizações autodestrutivas da experiência, estão vínculos internos e alianças antigas a outros significativos iniciais. A recriação da mágoa, do sofrimento e da derrota são formas de renovação e de devoção a estes vínculos e a relutância em trair estes vínculos, através de novas relações, impede a mudança construtiva de vida e resulta na resistência central. Esta “compulsão à repetição” implica autodestrutividade, a dor psíquica, o sofrimento e a destrutividade são estruturadas no interior do doente e experienciadas repetidas vezes.

Esta relação permanente com os objetos insatisfatórios define a psicopatologia ao longo de todo o *continuum*: desde o neurótico que escolhe objetos de amor sádicos/não respondentes ou que se comporta de forma a assegurar tal insatisfação objetal, ao depressivo que parece sofrer repetidamente das privações e dos cuidados maternos

precoces, ao esquizofrênico cujos terrores primitivos da infância infestam a sua vida adulta. A criança esforça-se por proteger o que é gratificante e por controlar o que não é, através do estabelecimento de relações de objeto internas compensatórias, pois é na vinculação obstinada do ego libidinal ao objeto excitante que preserva a esperança em contactos satisfatórios e plenos: quanto mais vazia for a troca real, maior será a sua dedicação ao objeto excitante mas rejeitante, interiorizado. É a vivência destas relações objetais internas e a sua projeção no mundo externo que provocam o sofrimento patológico: os objetos de amor são selecionados e transformados em algo que priva, para personificarem o objeto excitante que nunca satisfaz (Mitchell & Greenberg, 2003).

A luta da criança é por contacto, porque precisa do outro, se o outro possibilitar contactos insatisfatórios, a criança não o abandona porque precisa dele e por isso, integra as suas relações com ele numa base masoquista e de sofrimento (Mitchell & Greenberg, 2003).

Winnicott seguiu-se a Fairbairn e veio acrescentar alguns conceitos teóricos ao modelo relacional/estrutura. Aborda a questão da emergência do Eu, dizendo que o bebé, nos primeiros meses de vida, não é capaz de organizar a sua experiência, encontrando-se esta fragmentada. A mãe é que deverá organizá-la, fornecendo ao seu filho um ambiente securizante através do seio (amamentação). A preocupação materno-primária seria então, segundo Winnicott, o estado de dedicação em que a mãe se encontra, e este estado caracterizar-se-ia pela disponibilidade da mãe para se dedicar e cuidar a 100% do seu filho, estando presente a partir do último trimestre da gravidez. A função de *holding*, noção introduzida pelo autor, está intimamente ligada a este estado, e refere-se à capacidade da mãe de conter, securizar e responder de forma adequada às necessidades da criança, do ponto de vista psicológico. Deste modo, quando o bebé chora, se a mãe atender à sua necessidade, este adquire a capacidade de evocar um “objeto” e recebe aquilo que desejava. Este tipo de experiência proporciona um sentimento de onipotência ao bebé que é o que mais tarde irá servir de base à solidez do Eu, segundo Winnicott (Winnicott, 1990). As experiências de gratificação devem ser repetitivas para que se possa dar o desenvolvimento saudável. Para Winnicott, a mãe é o espelho das experiências da criança e, portanto, experiências negativas inibem-na de se auto experimentar e de dar sentido ao Eu (Winnicott, 1990).

A capacidade para estar só é outra das questões levantadas por Winnicott e aprofundadas. Segundo ele, a mãe deverá, para além de adaptar o mundo às necessidades

do bebê, ter uma “presença não exigente” nos momentos em que este não necessita da sua presença. A existência destes espaços é o que possibilitará ao bebê experienciar uma solidão saudável, pois este continua a existir e descobre em si necessidades e gestos espontâneos, isto é, descobre-se a si (Winnicott, 1990).

É também importante que a preocupação materno-primária vá diminuindo ao longo do tempo, para que a criança, aos poucos, vá também enfraquecendo o seu sentimento de onnipotência e se vá diferenciando da mãe. Esta adaptação da mãe é determinante para o desenvolvimento da separação, diferenciação e realização. Se existem falhas nestas funções maternas, o bebê não se permite a experimentar quietude, pois tem que estar constantemente preparado para responder às exigências do meio. Adapta-se, deste modo, às solicitações dos outros e esquece-se das suas. Vai construindo, assim, um falso Eu constituído e moldado pelas expectativas e necessidades maternas, transformando-se na imagem que a mãe tem dela. O verdadeiro Eu fica oprimido e escondido, tentando proteger-se das experiências não gratificantes que poderiam acabar completamente com ele. Portanto, o Eu verdadeiro encontra-se clivado do Eu falso, sendo este último o que opera nas relações com os outros (Bergeret, 1997).

A “mãe suficientemente boa” é uma noção introduzida por Winnicott (cit. por Mitchell & Greenberg, 2003) para caracterizar a mãe que promove experiências securizantes ao filho, possibilitando que este construa um Eu saudável, coeso e criativo. São estas experiências que promovem a passagem da dependência infantil para a independência e proporcionam percepções realistas do ambiente que nos rodeia.

3. MÉTODO

3.1. Objetivo

O presente estudo é um estudo qualitativo de caso, que tem como objetivo compreender o fenômeno da transmissão psíquica materna numa perspectiva transgeracional, aplicada a 3 sujeitos da mesma família, de gerações diferentes.

3.2. Método de Análise Hermenêutico

A investigação qualitativa consiste num conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível e transformam-no numa série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, gravações etc. A este nível, a investigação qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, ao mundo. Significa que os investigadores qualitativos estudam as coisas nos seus meios naturais, tentando dar um sentido aos fenómenos (ou interpretá-los) em termos dos significados que as pessoas lhes dão (Denzin & Lincoln 2003).

Como disciplina fundada na interpretação do texto, a hermenêutica faz a síntese dos processos compreensivos e críticos, procurando a compreensão de sentido que se dá na comunicação (principalmente, na linguagem) entre os seres humanos. O método hermenêutico procura as diferenças e semelhanças entre o contexto dos autores e do investigador, procura entender os factos, os relatos e as observações. Este método envolve uma procura pela consistência interna, através da coerência, consistência e configuração do texto (Alencar, T., & Nascimento, M., 2012). O círculo hermenêutico envolve, também, uma correspondência preditiva que dá lugar a uma interpretação mais alargada, pois sai para fora do texto ao procurar consistência no comportamento observado. Daí que, o que é considerado enriquecedor do entendimento sobre o texto não são somente as relações existentes entre as partes do mesmo, mas também o comportamento que lhe corresponde (Alencar, T., & Nascimento, M., 2012).

3.3. Amostra

Sendo este um estudo qualitativo de casos, a amostra é composta por três sujeitos, com faixas etárias correspondentes a três gerações distintas.

Os sujeitos da amostra caracterizam-se por ser todos do sexo feminino e da mesma família. Duas adultas, a primeira com 72 anos, mãe da segunda participante, com 45 anos. E a última participante tem 18 anos e é, portanto, neta e filha, das participantes referidas anteriormente, respetivamente.

Trata-se de uma amostra por conveniência, sendo o primeiro requisito as pessoas pertencerem à mesma família e o segundo serem do género feminino. A seleção da amostra foi feita a partir da população geral, sem a investigadora ter conhecimento de qualquer aspeto da vida das pessoas que participaram.

3.4. Instrumentos

Construção das Entrevistas

Recorreu-se à entrevista semiestruturada, com questões abertas, de forma a limitar o discurso do sujeito o menos possível, tendo assim a possibilidade de colocar questões clarificadoras pertinentes, que surjam com a informação fornecida do participante.

Foi definido, previamente, o guião da entrevista com as questões essenciais ao estudo, que serviram de linha condutora do discurso do participante.

Todas as questões que constituem as entrevistas foram construídas com base na revisão de literatura efetuada pelo investigador tendo sempre em vista o objetivo do estudo. As questões referem-se aos seguintes temas: relações de objeto, mecanismos de defesa utilizados, regulação emocional, autoimagem, identificação à figura materna.

3.5. Procedimento

A revisão de literatura que consta no início deste trabalho foi feita, principalmente com recurso à biblioteca do ISPA-IU e à plataforma de pesquisa digital de recursos bibliográficos EBSCO.

Foi feito o contacto telefónico com os sujeitos, explicando a natureza do estudo e informando, de uma forma geral, qual o tipo de perguntas que iriam ser colocadas. Após os sujeitos terem aceitado participar no estudo, foram combinadas horas e dias para a realização da entrevista, com cada um deles.

Todas as entrevistas foram feitas em uma sessão e gravadas em formato de áudio, com o consentimento dos participantes. A primeira entrevista realizada foi à avó e teve a duração de, aproximadamente, 1h30min. De seguida foi entrevistada a mãe, e esta entrevista teve a duração de, aproximadamente, 2h. A terceira e última entrevista foi com a filha e teve a duração de, aproximadamente, 1h. Estabeleceu-se uma relação empática entre a investigadora e os entrevistados.

A identidade dos sujeitos nunca foi revelada, tendo estes sido identificados pela letra inicial do seu nome, E, C e CF.

Posteriormente, procedeu-se à transcrição das entrevistas, respeitando a linguagem dos participantes e incluindo a totalidade do discurso gravado.

A análise das narrativas foi feita tendo como referencial as teorias de inspiração psicanalítica e através da análise semi-hermenêutica em estudos de caso.

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1. Relações de Objeto

“Ama-se o outro num esforço disfarçado para, no retorno, ser amado, total e incondicionalmente” (Bergeret, 1997).

O que é o objeto e o que ele fornece tem influência na organização da realidade psíquica, determinando o desenvolvimento da autonomia do sujeito (Matos, 2002).

“A minha mãe primeiro dizia que eu não ia ser capaz, discutimos imenso nessa altura, porque eu dizia que ela não acreditava em mim. (...) Não, olhe, eu não sei de onde é que vem isso, essa minha falta de acreditar em mim.” (Anexo II)

Existe, por um lado, o reconhecimento da desvalorização, por parte da mãe e, por outro, a negação desse aspeto rejeitante do objeto internalizado.

“A minha relação com a minha mãe, acho que... Eu sou muito insegura hoje em dia, principalmente por causa dela, por causa do que ela me diz, das críticas, isso tudo fez com que eu me fosse tornando cada vez mais insegura.” (Anexo III)

O objeto internalizado é rejeitante, não contentor, objeto anti-libidinal descrito por Fairbairn, que corresponde às características rejeitantes da mãe.

“Não, eu até era bastante patinho feio. Até era bastante patinho feio. Mas, como eu sempre achei que ele era uma pessoa superior a mim, tinha sempre um grande orgulho por ele ter tirado direito, por ele trabalhar na melhor empresa do mundo, por ele ser classificado como um dos 100 melhores, haver aquele reconhecimento todo. Portanto, no fundo eu tinha sempre uma admiração por ele e um complexo...” (Anexo II)

Os sujeitos com um modo de funcionamento limite constroem relações a dois. São amados pelo outro, o forte, o grande, percecionando o objeto, por um lado, como distinto deles e, por outro, apoiando-se contra ele (Bergeret, 1998).

Freud (1969) refere que, a respeito da idealização, no estado amoroso, existe uma sobrestima sexual do objeto, ou seja, uma certa quantidade da libido narcísica transborda para o objeto. Diz ainda que em diversas escolhas amorosas, o objeto serve para substituir um ideal do próprio Ego não atingido. A 2ª entrevistada parece eleger como objeto de

amor alguém que percebe como superior a si, o que dá conta da falha narcísica não superada.

Relações Precoces

“Assim levei a minha filha e criei a minha filha comigo. A minha filha foi ali criada comigo, andou no liceu ia ali almoçar comigo, andou na escola ia ali almoçar comigo (...) Todos os dias. (...) Ela foi criada sempre com uma ligação muito forte comigo, sempre, ainda hoje.” (Anexo I)

“Então é assim, eu, quando a minha filha era bebé, quis fazer com ela o que a minha mãe fez comigo, levá-la para a escola comigo. (...) e estava com ela, eu era uma mãe super presente, ia para casa contar história, brincava com as bonecas.” (Anexo II)

“Dantes eu não estava na mesma escola, estava noutra em que a minha mãe trabalhava, portanto eu dava-me super bem com toda a gente, e depois quando mudei foi... 1º já não gostava tanto da educadora e os miúdos nessa altura também começavam a mandar bocas aos mais tímidos e eu comecei-me a fechar mais.” (Anexo III)

Para Winnicott, a mãe é o espelho das experiências da criança e, portanto, experiências negativas inibem-na de se auto experimentar e de dar sentido ao Eu (Winnicott, 1990). A introjeção de um bom objeto interno, caracterizado por experiências de contenção e segurança da criança, permitirá a esta experienciar uma solidão saudável que lhe possibilitará descobrir-se. Se, por outro lado, a relação de objeto internalizada é composta por experiência de sofrimento e frustração, a capacidade da criança criar um Eu estruturado e coeso está posta em causa.

“A minha filha dormia no fundo da sala, na caminha dela, e nós dormíamos num sofá cama. Evidentemente que foi uma fase muito difícil de passar, mas era minha mãe, era minha obrigação olhar pela minha mãe (...) Fiz tudo. Pelos meus pais fiz tudo.” (Anexo I)

“(...) Os pais são os pais, temos que cuidar então, e não me venham cá com histórias, aí não tenho tempo, vou trabalhar, primeiro estão os meus pais.” (Anexo II)

O contrato narcísico está aqui implícito, nos valores e ideias passados da mãe para a filha, que são defendidos e aceites por esta.

Relações Anaclíticas

Um bom objeto interno total é aquele que possibilita a estruturação de um Eu coerente e com limites bem definidos, uma auto-estima suficiente e segura, sem falhas narcísicas, e que permite o estabelecimento de relações com o outro sem uma dependência excessiva do objeto real (Matos, 2002).

Diversos autores (Kernberg, Green, Eisenstein, cit. por Bergeret, 1998) dividem em dois o modo relacional dos estado-limite. Segundo eles, num dos lados, o modo de relação destes sujeitos permanece adaptado à realidade e, no outro lado, o modo de relação é mais idealista. O Ego, para não se fragmentar, utiliza como defesa este modo de funcionamento dual, em que, por um lado, estabelece relações adaptadas e, por outro, anaclíticas (Bergeret, 1998).

(a falar da filha) “(...) *A gente vendeu a casa em Algés e tudo para virmos aqui para ao pé dela, tanto que ela mora ali e nós moramos aqui*” (...) “*Pu-la numa escola perto onde ela pudesse ir almoçar comigo.*” **(Anexo I)**

“*Os meus pais, andávamos de gatas na casa a brincar os três, eu tinha praí 18 anos. Sim eu tenho um laço afetivo fortíssimo com os meus pais, eu chego a casa dos meus pais desligamos a televisão, ficamos praí 3 horas a conversar e não se esgota o tema.*” **(Anexo II)**

“*(...) como os meus pais sempre me protegeram muito, eu depois acabei por entrar também nessa proteção e a sentir-me dependente.*” **(Anexo III)**

Parece existir uma dependência excessiva do objeto real, sem se verificar a passagem para a dependência madura, tal como descrita por Fairbairn (2000). Verifica-se uma transmissão do modo de relacionamento objetal, pautada pela renúncia aos vínculos dependentes.

4.2. Dependência do objeto

“*A minha mãe não tanto, mas o meu pai sim, tem uma pressão muito grande. Não tomo a decisão sem falar com ele, tenho muito em conta o que ele me diz. E a mãe, pode não ser consciente, mas olhe que inconscientemente fica-me lá o que ela me diz.*” **(Anexo II)**

“Sinto-me dependente dos meus pais. (...) Porque eu sempre fui muito protegida. Por exemplo, os meus pais levavam-me à escola, iam-me buscar e eu sempre me senti um bocado presa. Por outro lado também não tinha a coragem de dizer nada porque eles estavam a fazer um esforço e a darem-me tudo o que podiam.” (Anexo III)

A necessidade que o sujeito tem do outro fá-lo aceitar uma relação em que predominam os contactos insatisfatórios. Neste sentido, a dependência objetal e a não gratificação na relação são interiorizadas sob a forma de objetos, e o sujeito mantém relações com o outro numa base masoquista e de sofrimento.

4.3. Controlo do objeto sobre o self

“Pronto o divórcio deu-se e ela veio para minha casa. (...) estive em minha casa 6 meses, 6 meses, passou o natal (...) afastou-se ela... buum...pronto tinha assim a mania que era mais gira, melhor do que eu, enfim, ou eu teria um complexo de inferioridade, também podia ser por aí, pronto.” (Anexo II)

São relatadas pela entrevistada várias relações de amizade marcadas pelo insucesso, devido a desilusões constantes e conseqüentes frustrações. O Ideal do Ego atua nas personalidades limite como um sabotador, pois promove relações de idealização com o outro, pautadas pela ambivalência – o outro ora é idolatrado, ora é odiado. As relações de objeto são de dependência, onde ora um é grande, ora o outro é pequeno. Dada a incapacidade do sujeito de se opor a tal dependência, este agride os objetos para se conseguir separar deles.

“Eu sinto que dou mais de mim aos outros do que eles me dão a mim, sinceramente, mas... Isso dantes incomodava-me mas agora já não tanto.” (Anexo III)

A suborganização do ego que se identifica com o objeto tem tanta necessidade de relacionamento objetal, como o componente-self presente nas relações internas de objeto. O objeto força frequentemente os laços com o self, induzindo-lhe sentimentos de inferioridade, culpa ou ameaça, isto é, exercendo controlo sobre a vontade de transformação relacional do self. Este controlo é tanto mais exercido quanto o novo objeto é integrado sob uma nova forma de relação, mais madura e independente da anterior (Ogden, 1983).

Objeto rejeitante

O objeto rejeitante corresponde aos aspetos negativos da mãe, experienciados como frustrantes e rejeitantes, que foram internalizados.

“A relação dela comigo é uma coisa que é tão conflituosa que, pronto... Não... Não é boa, pelo menos na minha opinião. Apesar de ela achar o contrário.” (Anexo III)

“Por sermos tão diferentes... Por ela... Ela sai muito, tem imensos amigos, fala imenso. E eu sou precisamente o contrário, não que eu não tenha amigos, mas não sou nada de estar sempre a sair e de fazer as coisas que ela gosta.” (Anexo III)

Ψ – E ela quer que tu faças as coisas que ela gosta?

C – Pois, exatamente. (Anexo III)

O narcisismo da mãe, ligado ao Ideal do Ego, expressa-se aqui no seu desejo ver cumpridos os seus ideais através da filha, apropriando-se dela como sendo uma parte de si própria. As tentativas de diferenciação da filha são odiadas pela mãe, pelo seu amor narcisista.

Eu tento dizer que devíamos falar, que a discutir não resolve nada. Mas não vale a pena. Portanto já nem tento coisa nenhuma, é deixar. (Anexo III)

O Ego anti-libidinal ligado ao objeto rejeitante, não acredita nas relações significativas com o outro, rejeitando a possibilidade de um contacto satisfatório com o outro da relação.

Ideal do Eu

O Ideal do Ego é o polo em torno do qual se organiza a personalidade. Nos sujeitos com personalidade limite, o Ideal do Ego é mais arcaico, ligado a um passado marcado por experiências de relações investidas numa dinâmica de dependência. Por este motivo, são sujeitos que manifestam imensa necessidade de afeto e, por apresentarem dificuldade em se envolver com outras pessoas (por medo de perda do objeto) tornam-se disponíveis e adaptativos a qualquer situação. É comum, estes sujeitos terem relacionamentos que sobrecarregam ou isolam, verificando-se na relação com o outro uma dupla ansiedade: por

um lado, o medo de se fundirem com o objeto e perder a sua identidade; por outro, o medo de serem rejeitados e abandonados (Reghelin, 2007).

“Eu sou filha única e como não tenho irmãos prezo muito os amigos, por isso entrego-me demasiado. Espero que os amigos me deem aquilo que eu lhes dou e isso não acontece.” (Anexo II)

Quando as relações afetivas com o objeto original foram difíceis, o indivíduo permanece excessivamente ligado a esse objeto ou aos seus substitutos. O investimento excessivo nas relações com o outro, pela necessidade de afeto, faz com que a entrega deste sujeito seja sentida pelo outro como desadequada e intrusiva. Por outro lado, o investimento relacional é feito no sentido de compensar as frustrações e anseios das relações primárias, numa esperança ilusória de preenchimento de um vazio.

C – Ab, a minha mãe também foi sempre uma mãe galinha comigo, se calhar eu agora faço o que ela fez comigo, eu critiquei e se calhar agora fiquei igual, ou pior. (...) Aliás, eu acho que sou professora porque vivi ali no meio dos miúdos. Eu até queria ser educadora, depois é que mudei de ideias. Porque a minha mãe era super preocupada e se calhar eu faço com os outros essa proteção, pode ser daí, foi um espelho que tive.” (Anexo II)

Eu acho que me preocupo imenso com os outros... Hum... Não sei, por exemplo, uma amiga minha tem uma coisa importante num dia, e eu nesse dia, desejo-lhe sorte ou quando acaba pergunto-lhe como é que correu, tenho esta preocupação. Enquanto que os outros não têm essa preocupação comigo. Pelo menos, é raro. (Anexo III)

Winnicott ao falar das personalidades limite, diz-nos que estes sujeitos, devido às experiências insatisfatórias da infância, não são capazes de usar e/ou destruir o objeto, estabelecendo, assim, relações anaclíticas com os objetos subjetivos, porque a estruturação do Self é muito frágil. Perante a ausência de um *holding* adequado, resulta uma incapacidade do sujeito em estar só, pelo medo da ameaça de aniquilação (Reghelin, 2007).

4.4. Narcisismo

“O narcisismo é uma forma indireta de procurar dar a si mesmo o que não foi dado por outros” (Mitchell & Greenberg, 2003).

A dimensão narcísica inscrita no solucionamento do conflito narcísico intrapsíquico entre o Self diminuído e o Eu ideal, leva o sujeito a desejar o apreço, a valorização de si próprio. O Eu ideal infantil persiste e torna a pessoa prisioneira do passado caracterizado pelas relações insatisfatórias e da realização incompleta, ou seja, o sujeito não está disponível para uma relação real com o objeto e acumula frustrações (Matos, 2002). Esta seria a relação do Ego libidinal com o objeto que excita (Fairbairn, 2000).

“E isso basta-me, fico feliz por ela, fico feliz de elas acharem que eu as ajudei, é isso que me enche, gosto de ser importante por... Ai, gosto mesmo! Gosto de me sentir importante porque fiz o bem assim a alguém, gosto que me reconheçam isso.” (Anexo II)

“Porque eu sempre tive esta ideia que queria ajudar os outros. Lá está, como tenho aquela preocupação toda, hum... E não sei, agradava-me a ideia de ouvir uma pessoa e de ajudá-la a resolver os problemas dela.” (Anexo III)

Está presente em ambos os relatos o desejo de valorização e reconhecimento, que dá conta da falha narcísica resultante das relações de objeto da infância. A ansiedade narcísica corresponde ao medo de ser insignificante, de ter pouco valor, ou seja, o medo de ataque à autoestima, e esta surge como resposta às falhas narcísicas (Matos, 2002).

Ódio narcísico

Ψ – E tu achas que a tua mãe é agressiva, ataca-te um bocadinho?

C – Sim, sim, definitivamente.

Ψ – E porque é que tu pensas que ela faz isso?

C – É precisamente por querer que eu seja mais como ela, que eu me abra mais... Hum... E então fica chateada por eu ser assim e por não fazer as coisas à maneira dela.

Ψ – E tu acabas, por isso, por te sentires mal, pela forma como tu és?

C – Sim.

(Anexo III)

“Sim, eu sinto que ela quer mudar completamente aquilo que eu sou, e isso é uma coisa que eu não quero, nem pensar.” (Anexo III)

Existe uma falta de espaço psíquico para o sujeito desenvolver a sua própria identidade sem estar sobre a influência do narcisismo da mãe, neste caso. As frustrações relacionais da mãe e aquilo que ela rejeita de si própria é projetado com agressividade para a filha, numa tentativa da mãe de ver satisfeitas as suas necessidades narcísicas através da filha.

4.5. Constância do objeto

(como reage à mudança) “*Aiii, mal. Mal, mal. (...) Tenho medo. (...) De me dar mal. (...) Porque não confio, sou muito insegura. Mas não passo essa imagem, mas sou. Tenho um medo terrível.*”

(Anexo II)

(como reage à mudança) *Inicialmente não gosto muito, aliás só a ideia de mudança, fico sempre de pé atrás. (...) Por medo de não me adaptar. Acho que é mais por aí. Mas depois gosto de mudar, acho que me faz bem.* **(Anexo III)**

A incapacidade de contenção por parte da mãe e a introjeção de uma má relação de objeto (tanto da 2ª entrevistada, como da 1ª) não permite que o sujeito atribua valor a si próprio e tenha confiança na sua solidez egóica, o que faz com que uma situação desconhecida, não controlada por ele, represente uma ameaça ao seu Eu frágil. Surge a ansiedade, que pode ser definida como o afeto que corresponde ao medo, à ameaça de perda ou insegurança, e que funciona como sinal de antecipação do perigo para o Eu pôr em ação os mecanismos de adaptação e defesa (Matos, 2002).

4.6. Estados Emocionais

(Quando está sozinha) “*Eu, ai, sinto-me bem. Gosto de pintar, gosto de fazer ponto cruz, gosto de ler, gosto de jogar Sudoku, gosto de ver filmes, gosto de escrever poemas. Hum... Gosto de arrumar gavetas, gosto de desarrumar coisas, gosto de decorar, inventar. Ai, eu adoro estar sozinha (ri-se).*” **(Anexo II)**

A ansiedade causada pela incapacidade de estar só é rejeitada pelo sujeito. Este mantém-se ocupado na esperança ilusória de não dar conta do vazio que sentiria se não estivesse.

4.7. Idealização

A idealização diz respeito ao objeto da pulsão que se vê sobrestimado, elevado e exaltado, sem que a sua natureza seja modificada. A idealização dos pais vai permitir à criança criar para si ideais (Ideal do Ego) e manter uma relação de amor e de proteção com os aspetos ideais dos pais (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002).

A interiorização dos objetos, segundo a teoria da estruturação psíquica de Fairbairn, deriva da dependência objetal e da não gratificação relacional. Com a necessidade de conservar a ilusão da bondade dos pais como figuras reais, o sujeito idealiza-os, separando os aspetos maus e bons do objeto e transferindo para si a maldade do objeto.

“O meu pai é como lbe digo, era aquela coisa mas ele adorava-me. (...) O meu pai adorava-me, de maneira que tinha ligação forte com o meu pai como tinha com a minha mãe.” (Anexo I)

“E eu estou a falar de dar materialmente mas eu acho que também dou disponibilidade, não é só dar materialmente, porque eu acho que dar também é dar afetos, também é passar a tarde com uma amiga a ver o rio, eu faço isso e o meu pai também é tal e qual como eu.” (Anexo II)

O Ideal do Ego, que se forma a partir da idealização das imagens parentais, exerce uma forte influência sobre as expectativas que o sujeito cria na relação com o outro. Se a relação é mantida com um objeto idealizado, o sujeito acumula frustrações e desilusões pois não está em relação com o sujeito real.

“Influenciou porque o amor está acima de tudo na relação deles. E na minha também. Amor, franqueza, verdade. São os valores muito fortes que me foram passados.” (Anexo II)

“Eu gostava de ter uma relação em que eu pudesse falar com ela sobre tudo. E sei que não é o caso.” (Anexo III)

A identificação inconsciente feita à mãe é expressa pelo desejo de ter uma relação de objeto caracterizada pelo Ideal de Ego da mãe.

“Eu gostaria de ter total confiança na outra pessoa, hum... Não discutir. Claro que isso às vezes, é inevitável, mas lá está, eu gostava de conversar com a pessoa, de tentar resolver as situações sem ser aos gritos, sem ser... Assim, a discutir. O típico ambiente aqui em casa. (...) Eu quero que a pessoa com quem eu esteja me oiça, do gênero, eu estou a falar e quero que a pessoa se interesse pelo que eu estou a dizer, hum... E não quero que a outra pessoa vá só acenando e dizendo que sim, e não estar a ouvir nada, por exemplo. E gostava de estar apaixonada (...).” (Anexo III)

(Como é que é estar apaixonado?) “Hum... (ri-se) Bem, isso já foi há tanto tempo... Hum... Não sei é uma sensação boa. Como se aquela pessoa fosse a pessoa mais importante do mundo e mais nada importasse.” (Anexo III)

4.8. Complexo de Édipo

O complexo de Édipo caracteriza um conflito sexual, inscrito numa problemática triangular (mãe, pai, criança), que marca a entrada na genitalização da libido. No caso da rapariga, o Édipo constitui um movimento de mudança de objeto de relação: da mãe para o pai. Todas as desilusões na relação da rapariga com a sua mãe irão favorecer este movimento. A filha elege como objeto de amor o pai, com o objetivo de obter a sua admiração, e como objeto de ódio a mãe (Bergeret, 1998).

Ultrapassar o Édipo representa a passagem para a sexualidade adulta, e manter-se preso a ele, significa assentar no conflito neurótico (Bergeret, 1998).

(a falar sobre o pai) “(...) vai caminhar 2h por dia, nós agora caminhamos muitas vezes ao fim do dia, vou com ele. E falamos de muita coisa, somos muito cúmplices, eu com o meu pai tenho uma relação fora do comum.” (Anexo II)

A relação entre a libido narcísica e a idealização do objeto permite ao Ego recuperar razões para se amar a si mesmo fundindo-se com o objeto idealizado.

(A falar da relação com a filha) “(...) Onde piorou foi na adolescência. Porque ela era muito pai pai pai, e eles eram muito os dois, e o M. canaliza todo o amor e toda a forma de dar afeto para a minha filha. Festas rosto da minha filha, beijinhos, abraços, tudo, tudo. (...) sentia que tinha havido uma substituição, absolutamente.”

“(...) as pessoas diziam-me “Ah vocês são dois, são dois mais um à parte”, tu tens que melhorar a tua relação com a tua filha, tu tens que...”

Portanto, ela a figura que respeita é o avô, não é o pai, ela vê o pai como um parceiro. (Anexo II)

A filha projeta sobre os pais as imagens dos objetos excitantes e rejeitantes. O pai tornou-se o objeto excitante e a mãe o rejeitante. Os anseios emocionais da dependência infantil foram experienciados, em parte, como sendo de natureza sexual, e ocorreu a sexualização das necessidades relacionais.

4.9. Angústias

“A angústia do estado-limite é uma angústia de perda de objeto e de depressão que diz respeito simultaneamente a uma vivência passada infeliz no plano narcísico mais do que erótico e, ao mesmo tempo, permanece centrada sobre um futuro melhor, tingido de esperança, de salvamento, investida na relação de dependência com o outro.” (Bergeret, 1998).

Segundo Fairbairn (2000), a maior necessidade da criança é sentir, de forma segura, que é amada como pessoa pelos seus pais e que estes, por sua vez, aceitam o seu amor. Se esta segurança for sentida de forma convicta, a criança não temerá depender dos objetos reais e irá renunciar à dependência infantil. Quando esta segurança não é sentida, o sujeito é invadido por uma ansiedade de separação que o manterá fiel à dependência infantil, pois este não acredita que alguma vez irá obter a satisfação das suas necessidades emocionais insatisfeitas.

Angústia de Separação

“Creio entender o que chamam de angústia de separação; é o resultado do que se criou efetivamente no interior do sujeito; uma intrusão intolerável. Isto acontece quando o objeto se encontra numa situação de excesso de presença em função da sua falta” (Green, 1993, p. 387).

“(...) vejo o divórcio em ultimíssima instância, porque é assim, eu ver-me sozinha, uma coisa é gostar de estar sozinha em casa, outra coisa é viver sozinha... Eu era incapaz, era incapaz, porque eu tenho que ter alguém a cuidar de mim, sinto que tenho que ter, pronto. Tenho muito medo de ficar doente, ali esparramada e sem ninguém a tratar de mim, tenho medo disso, assusta-me.” (Anexo II)

O medo é o sinal psíquico de uma desgraça que pode verificar-se e está ligado à ansiedade. O medo de perder o objeto é o que caracteriza a angústia de separação e corresponde ao medo da quebra da relação simbiótica com a mãe.

Angústia de perda do objeto

A perda de um objeto é sentida como perda de uma parte do Ego, que leva a uma forte angústia de fragmentação. O sujeito afasta-se do outro num esforço inconsciente de preservar e conservar o bom objeto, lutando assim contra o perigo que o mundo externo representa.

“Fiquei mais forte. Fiquei mais forte, mais exigente. Eu acho que me entrego, de há dois anos para cá, com alguma precaução. Se eu sinto que a relação está a ficar dependente, afasto-me.” (Anexo II)

“Abh... isso é um bocadinho complicado... Não sei, é porque eu sou tão insegura e já ouvi tanta coisa ao longo da vida que ... Fecho-me sempre, não consigo estar numa relação tão próxima com uma pessoa.” (Anexo III)

O medo da perda do objeto colocou o sujeito numa posição defensiva, e dado que este não acredita que a relação com o objeto possa ser satisfatória (ação do ego-anti libidinal), não investe nela e acaba por retirar-se da relação.

4.10. Autoimagem ou imagem de si

Segundo Lacan (cit. por Kaës, 2003) a experiência do espelho está na origem do Ego. A identificação do primeiro narcisismo reporta-se à imagem corporal: esta imagem concebe a unidade do sujeito, “a relação erótica em que o indivíduo humano se fixa a uma imagem que o faz alienar-se de si próprio”. A estruturação da realidade está dependente desta experiência de espelho, em que as funções do Ego passam por uma alienação fundamental que constitui a imagem refletida de si próprio (a forma original do Ego Ideal), tal como a relação com o outro que se confunde mais ou menos, segundo as fases da vida, com o Ego Ideal. A identificação do segundo narcisismo, isto é, com o outro, permite ao homem situar a sua relação imaginária e libidinal no mundo. No espelho a criança descobre que o que aí

vê é ela própria e não a outra, mas que há outro. Vê duas imagens, identifica-se à sua e identifica a outra como sendo diferente da sua e semelhante ao seu reflexo (Kaës, 2003).

A desidealização da auto-imagem pode ser brusca e traumática se já foram vividas experiências anteriores de frustração, abandono e rejeição. A auto-estima é construída em conformidade com o quadro afetivo coeso do self, sendo elevada se existir uma predominância dos afetos prazerosos, e baixa se os afetos penosos predominarem. A baixa auto-estima está relacionada com falhas empáticas nas relações primárias e gera vazios existenciais (Kernberg, 1967).

“Eu sou uma pessoa sensível, sou amiga do meu amigo, não sou falsa, sou amiga, quando vejo que são meus amigos eu sou. Gosto também de dar, de repartir, se me calcam os calos, aí depois também fico fria, se me fazem qualquer coisa que eu não goste, então depois aí também me sinto um bocado, sinto. Já não é a mesma pessoa para mim.” (Anexo I)

“Tenho muito mau feitio, sou uma pessoa muito orgulhosa, gosto de ter razão, gosto que reparem em mim, sou vaidosa. Tenho um bom coração, sei que tenho. Pá, mas tenho mau feitio. Fazem-me uma, perdo. Fazem-me duas normalmente, ainda desculpo. Mas à terceira é que nem que depois passem ao meu lado. Não sou capaz. Sou má. Porque eu acho que sou tão boa, acho que me entrego tanto tanto que depois... (...) Sou extrovertida, sou animada, não sou capaz de estar calada. Acho que me adapto bem a qualquer circunstância. Gosto de pôr os outros à vontade. (...) gosto de dizer uma chalaça para as pessoas descontraírem, não gosto de um ambiente de tensão, não gosto de formalidades, detesto.” (Anexo II)

“Ligo muito à opinião dos outros. Não sei... Então porque gostava que tivessem boa opinião de mim.” (Anexo II)

A relação de objeto internalizada é marcada pela dependência e fraca diferenciação do objeto, o que resulta numa dificuldade de se autoconhecer e definir, necessitando de corresponder àquilo que o outro espera, contruindo um falso self. A imagem que o outro faz do sujeito é o que determina a sua identidade.

“Desinteressante... (ri-se) Não sei. Não sei muito bem como é que me hei de descrever. Não sei, acho que não há nada de ... Especial. Não sei, em mim, não sei. (...) Humm... Sou insegura, preguiçosa... Mas também sou muito compreensiva com as pessoas, tenho imensa paciência...Acho que sou leal, do género, não consigo virar as costas a uma pessoa assim, sem mais nem menos. E pronto é isso.” (Anexo III)

A identificação deficitária, marcada por um vazio afetivo e incompletude narcísica, leva à constituição de uma identidade negativa. As projeções maciças da relação de objeto primário e a rejeição da identidade da filha por parte da mãe, marcada por um investimento narcísico pela necessidade de ver satisfeitas as suas frustrações através da filha, levaram a que esta última não se tenha investido narcisicamente.

4.11. Identificações

Podemos distinguir, essencialmente, dois movimentos identificatórios implicados na constituição da personalidade: - a identificação primária, caracterizada pelo narcisismo, em que o outro é tomado como modelo, tem como objetivo a formação do Eu e do Self; a identificação secundária surge com o Édipo e caracteriza a formação da identidade e diferenciação sexual (Bergeret, 1998).

“Não, não sou como a minha mãe não. A minha mãe gostava muito, por exemplo, de receber pessoas em casa (...) Eu já não sou assim, eu para vir uma pessoa a casa já sou um bocadinho complicada, já sou mais o lado do meu pai, e não é que não goste de receber pessoas, mas já.. Sou diferente, tudo me mete confusão.” (Anexo I)

“Porque somos muito parecidos. (...) O meu pai é muito parecido comigo, o meu pai está sempre preocupado com o bem-estar dos outros, não suporta ver pessoas zangadas, fica doente, fica mesmo doente. (...) Tipo, vê um sobrinho a mal tratar o pai e fica mesmo debilitado, preocupa-se imenso com o bem-estar, é uma pessoa super positiva, vê a vida sempre pelo lado bonito. É uma pessoa que se preocupa além do bem-estar dele, preocupa-se com o bem-estar dos outros. Dá o que tem e o que não tem, eu sou muito parecida com ele.” (Anexo II)

(como descreve a mãe) *“Hum... É uma pessoa completamente diferente de mim, extrovertida, fala imenso, portanto, chocamos imenso. É boa pessoa mas, à sua maneira.” (Anexo III)*

(identifica-se mais com o pai) *“Porque ele é mais introvertido como eu, mas por outro lado, quando conhece as pessoas, consegue-se abrir e ser uma pessoa completamente diferente.” (Anexo III)*

Chama a atenção o facto de, as três entrevistadas, identificarem-se com a figura paterna e não com a figura materna. Kaës (2003), ao descrever as identificações inconscientes, fala-nos das alianças inconscientes que, uma vez permanecendo

inconscientes, estão na base da transmissão da vida psíquica entre gerações. Parece que a proximidade e identificação ao pai, relatada pelos três sujeitos, sugerem as funções do Ideal do Ego que favorecem a dependência do Ego precoce para com o objeto e aumentam a idealização do mesmo. O pai idealizado e com quem os sujeitos estabeleceram relações de dependência constitui uma identificação inconsciente à mãe.

4.12. Expressão emocional

”(...) Não é que eu seja uma pessoa triste, mas sou muito introvertida, portanto, as pessoas podem ter a ideia que eu sou triste, por causa disso.” (Anexo III) – A passividade do Eu resulta da consequência inibitória da superproteção e do controle (Matos, 2002).

“Hum... Difícilmente... Não é muito fácil, para mim, exprimir as emoções, mas tenho tentado ao longo dos anos e acho que estou muito melhor do que estava há uns anos atrás. (...) É assim, se for uma situação negativa eu só vou expressar ao extremo, do género, se for uma situação que eu já não eston a aguentar mais.” (Anexo III)

A internalização de um objeto que proporcionou experiências de solidão, abandono e incompreensão, leva o sujeito a sentir-se desamparado e sem esperança.

Bergeret (1997) ao referir-se às organizações limite, diz-nos que o sujeito mantém-se preso ao Ideal do Eu, ideal este inacessível pelas suas características perfeitas. Esta seria a principal causa da introversão – o sujeito retira-se da relação pois não consegue atingir o seu Eu Ideal.

4.13. Defesas

As defesas são, tal como Anna Freud definiu, “uma atividade do Ego destinada a proteger o indivíduo contra uma exigência pulsional demasiado grande” (cit. por Bergeret, 1998). Uma pulsão é composta por dois elementos, um deles é o afeto, sendo este impossível de ser recalçado, e o outro a representação, que está ligada às perceções e associada a um afeto correspondente, e é sobre ela que incidem os mecanismos de defesa (Bergeret, 1998). As defesas são, assim, mecanismos adaptativos do Eu que regulam as pulsões, organizando a relação de objeto (Matos, 2002).

As organizações limite superam o momento em que as frustrações primárias poderiam permanecer fixadas numa organização do tipo psicótico. No entanto, os sujeitos com este tipo de organização sofreram um traumatismo na fase edípica, fase esta caracterizada por um Ego ainda muito frágil ao nível das defesas e da adaptação, o que levará à utilização de defesas mais arcaicas (e.g. identificação projetiva, recusa, etc.) (Bergeret, 1998).

O recalamento, mecanismo de defesa mais tardio e mais elaborado, desempenha nos estados-limite um papel menor do que nas neuroses em prol do desdobramento dos imagos, das reações projetivas, do evitamento, da forclusão e de outros mecanismos acessórios que se revelam todos mais arcaicos, menos bem-sucedidos, mas também menos exigentes em formações reativas do que o recalamento (Bergeret J. , 1998).

Clivagem

“Tenho necessidade que as pessoas me retribuam de alguma forma, para sentir que gostam de mim, senão eu de imediato penso, pronto esta já não é minha amiga.” (Anexo II)

Segundo Freud, a clivagem consiste na coexistência de duas atitudes psíquicas em relação à realidade exterior, em que uma tem em conta a realidade e a outra recusa-a. O objeto é percebido como bom ou mau e introjetado dessa forma, de maneira a conservar o Ego de situações dolorosas.

“Eu não mostro esse lado, de que fico mesmo triste. (...) Acho que não vale a pena, acho que as pessoas... As pessoas não querem saber, não perdem tempo, é para quê, vou-me estar a mostrar.” (Anexo II)

Ψ – Morre para si aquela pessoa?

C – Morre completamente, mas é que eu não falo. (Anexo II)

“Naquele momento eu corto e fecho-me, não quero conversas, mas depois... Não quer dizer que a relação acabe aí.” (Anexo III)

O sujeito relaciona-se com as características positivas do outro, em parte idealizadas (bom objeto introjetado), rejeitando as suas características negativas. Ao desiludir-se, o

sujeito passa a relacionar-se apenas com as características negativas do outro (mau objeto introjetado) e a odiá-lo.

Introversão

(em relação às bocas que ouvia dos colegas) *Não ligava, nem sequer respondia, nunca fui muito de responder de volta. Simplesmente ignorava e pronto.* **(Anexo III)**

“Tenho medo de me magoar. Porque as relações com rapazes, de amizade ou do que for, que eu já tive até agora, acabou tudo mal. Hum... Não sei, inicialmente os rapazes gozavam muito comigo, portanto eu, logo a partir daí, quando alguém se aproxima de mim eu fico logo a pensar que alguma coisa de mal vai acontecer aqui.” **(Anexo III)**

O sentimento latente de inferioridade, condicionado por, no fundo, o sujeito se sentir pouco apreciado pelo objeto, leva a que este se distancie afetivamente, desinvestindo o objeto. Segundo Bergeret (1997), o sujeito limite está preso ao seu Eu Ideal que se mantém inacessível e inatingível, retirando-se da relação, o que constituiria o domínio da defesa por introversão.

Projeção

A representação incómoda de uma pulsão interna é suprimida e o conteúdo deformado, regressando posteriormente ao consciente como fazendo parte de um objeto externo. Ou seja, o sujeito sente a necessidade de transformar um perigo interno em algo externo, que não lhe pertence. A projeção fortalece o Ego, estabelece a distinção entre Ego e não Ego.

(A falar da filha)

“Só que depois aí ficou gordinha, a Inês continuou magrinha, ela teve que usar óculos, ela teve que pôr aparelho. Pronto. Ela era o retrato do patinho feio a entrar na primária.” **(Anexo II)**

“Não, não não. Eu percebo a irreverência da adolescência, eu fui péssima.” **(Anexo II)**

“(...) eu sentia-me assim um bocadinho o patinho feio ali porque era mais cheinha” **(Anexo II)**

Também de verifica um movimento forte identificatório em relação à filha. A descrição que a mãe faz dela própria em pequena é a mesma que faz da filha. Parece existir alguma dificuldade de se diferenciar, numa tentativa de permanecer numa relação anaclítica com a filha.

Negação

A negação é o recurso defensivo que permite tolerar o que foi recalcado e retorna ao consciente, através da atribuição de sentido a situações que, de outra maneira, seriam insuportáveis.

(Ao falar da filha) “(...) Portanto, ela não tem motivos para ser uma criança triste, mas era. Ela não era uma miúda extrovertida.” **(Anexo II)**

(Ao falar da relação que tem com a filha) “Mas não, de todo, eu acho que é positiva, acho que é uma boa relação.” **(Anexo II)**

(ao falar das relação dos pais) “Não é lá muito boa, mas também há outras coisas boas na relação deles, portanto...(...) Sim, diria que no geral é uma relação boa.” **(Anexo III)**

Identificação Projetiva

O sujeito identifica-se projetando partes suas no objeto, transformando, através de projeções, o objeto. Esta transformação não é apenas fantasmática mas também, em certa medida real, pois, o objeto, aceitando e integrando essas projeções, transforma-se na sua realidade concreta e objetiva (Matos, 2002).

*Ela tem complexos, acha que é gorda, que está a ficar obesa, portanto diz que eu também estou a ficar obesa e que nós temos que ir para o ginásio as duas. Portanto, ela usa-me muito para, para fazer as coisas que ela precisa. Para não se sentir sozinha nisso vai dizer “nós precisamos disto, nós precisamos daquilo”. Por exemplo. E portanto, eu fico a pensar que sou gorda, quando dantes isso não me passava muito pela cabeça. **(Anexo III)***

O sujeito projeta-se a si nos outros, fazendo com que o outro se sinta a ele mesmo, na relação de objeto interno. A outra pessoa é sentida pelo sujeito que projeta, como a sua parte do Ego identificada com o Self em interação com o objeto interno, numa relação de

objeto interno. Neste caso, a Identificação projetiva envolve uma fantasia inconsciente em projetar o componente-self para o objeto externo acompanhado de uma pressão sobre o objeto para concretizar a fantasia (Ogden, 1983).

4.14. Culpabilidade

A criança faz um esforço para estabelecer boas relações de objeto e quando este esforço falha surge a culpa, que leva à experiência de que não é amada pela mãe ou que o seu amor por ela não é sentido ou valorizado.

Fairbairn (2000), ao descrever a psicopatologia fala-nos do ponto de fixação oral tardio, que estaria associado a dinâmicas depressivas e de culpabilidade. Quando a falha surge nesta fase, a criança sente que o seu ódio afastou a mãe, atribuindo a culpa da falha relacional a si própria.

Ψ – Como é que vai gerindo esses sentimentos todos? Culpa-se a si de alguma maneira por as pessoas serem assim consigo? Acha que é a C. que tem alguma coisa que faz com que...

C – Acho, acho.

Ψ – E acha que essa coisa é o quê?

C – Pois, não sei... Mas alguma coisa é.

(Anexo II)

“Durante imenso tempo achei isso, que a culpa era minha, mas depois comecei a falar com as minhas amigas sobre as discussões, e elas a dizerem-me que era ridículo e que eu não tinha motivo nenhum para me sentir culpada. E este apoio das minhas amigas fez-me perceber que não, eu não tenho culpa disto.” (Anexo III)

Estas posições depressivas derivam da dependência intenso e do amor frustrado, sendo o potencial para a agressividade desenvolvido nesta fase de fixação. A culpa advém da interiorização do objeto ideal, que numa inter-relação com o Ego central se esforça por viver de acordo com seus ideais.

4.15. Agressividade

Segundo Mitchell & Greenberg (2003), a agressividade é uma “reação à falta de amor primário”. Surge com as relações insatisfatórias devido ao impacto perturbador destas no desenvolvimento natural da dupla mãe-criança.

(em relação à mãe) *Aliás, eu não discuto com ninguém, só com ela mesmo. (Anexo III)*

A agressividade parece ser, exclusivamente, dirigida à mãe, como resposta não só à relação insatisfatória da díade mas também à agressividade que a própria mãe dirige à filha. É feita uma identificação com o agressor, em que a filha se transforma em quem “metia medo”, a mãe, suprimindo-a e obtendo tranquilidade por isso.

4.16. Self

(...) arranjei uma ama para a minha filha (...) ela tinha pouco tempo (...) 7/8 meses (...). E depois aí eu fui para casa dessa senhora e chorei todo o dia. (...) E a minha filha foi sempre comigo para essa senhora, durante 1 ano. (...) (Anexo I)

Quando não existe esperança na mutualidade madura, numa relação de intimidade caracterizada pela reciprocidade de trocas de afetos, mas sim uma ameaça de isolamento e falta de contacto se forem renunciados os vínculos dependentes, a passagem de um estado para o outro nunca se dá e, em vez disso, instala-se uma grande ansiedade de separação.

“Gostava de ter tido um rapaz. Mas também vou-lhe ser sincera, também tive medo, porque hoje as coisas já são mais fáceis, mas antigamente as coisas não eram assim tão fáceis, acho que sofri muito para ter a minha filha, andei de ambulância, de noite, de um lado para o outro, fiquei traumatizada.” (Anexo I)

“Eu tinha pânico de ter filhos, portanto ou era cesariana para eu não sentir ou não queria (...). Não senti, estava anestesiada, mas depois custou-me, ela não me deixava dormir, de hora a hora, tinha que acordar. 3 meses para esquecer. E depois eu não quis voltar... Depois ela cresceu, começou a ser calminha e eu pensei, “não vou voltar a passar por aquilo outra vez, Deus me livre”. (Anexo II)

A relação de objeto aqui relatada começa por ser patológica logo no momento após o nascimento da(s) filha(s). A identificação inconsciente à mãe, feita pela 2ª entrevistada, aparece subjacente ao “pânico de ter filhos”.

5. CONCLUSÃO

A enorme influência que os nossos cuidadores primários têm sobre a construção da nossa personalidade e o modo como nos relacionamos com os outros parece inquestionável.

O objetivo deste estudo de caso, exploratório, era perceber de que forma é que o psiquismo materno influencia a organização do psiquismo do filho. Ao falar de psiquismo, falo de todas as operações inscritas nele, desde mecanismos de defesa, modos de relação com o outro, processos de identificação, relações de objeto, regulação emocional. O que tentei identificar, nas entrevistas, foram operações psíquicas comuns nas três gerações de mulheres da mesma família, que participaram neste estudo, de modo a aproximar-me do modo de funcionamento psíquico transmitido. A entrevista ao 1º sujeito não me permitiu retirar tantas informações quanto as que necessitava, tendo sido mais difícil fazer a sua análise e encontrar pontos comuns com os outros sujeitos, no que se refere ao modo de funcionamento psíquico.

Apoiando-me na literatura sobre as teorias psicanalíticas de grupo e nas teorias psicanalíticas que falaram sobre os processos de identificação e das relações de objeto, encontrei vários dados nas entrevistas que me aproximaram do meu objetivo.

Foi possível verificar-se uma predominância, nos três sujeitos entrevistados, de uma relação de objeto dominada pela dependência, não tendo sido alcançado por eles o estágio de dependência madura, tal como descrito por Fairbairn (2000). Embora nenhuma das três faça uma identificação consciente à mãe, todas foram revelando aspetos funcionais semelhantes, que as aproxima tanto nas estratégias defensivas, como no tipo de relação que estabelecem com o outro, sendo notório que as experiências emocionais vividas na infância dão conta de uma falta de contenção que não lhes permitiu construir um Ego totalmente coeso – o que é concordante com os pressupostos teóricos de Kaës (2003), ao descrever as identificações inconscientes como algo que está presente nas relações e que mobiliza o sujeito a construir determinados vínculos com os outros. A internalização do bom objeto interno não foi conseguida, e tanto a 2ª como a 3ª entrevistada apresentam baixa autoestima, falhas narcísicas associadas aos Ideais do Ego e uma dependência excessiva do objeto real. As falhas das funções do Ideal do Ego fazem-se notar, tanto na dependência do Ego como nas idealizações feitas do objeto, e a identificação narcísica sobressai na procura, feita pelos sujeitos, de um objeto que ame o sujeito da mesma forma que este tem

internalizado o amor que recebeu da mãe. As frustrações nas relações, tanto de amizade como amorosa, que a 2ª entrevistada relata e o desinvestimento nas relações, com uma retirada para um isolamento, descritos pela 3ª entrevistada dão conta deste tipo de identificação inconsciente.

O contrato narcísico inerente à transmissão psíquica transgeracional (Kaës, 2003) está presente nos valores defendidos pelos três sujeitos e o narcisismo materno aparece, sobre a forma de projeção, no desejo das duas mães de verem cumpridos os seus ideias nas filhas.

Tanto a 2ª como a 3ª entrevistada falam de uma entrega excessiva (em que referem que dão mais aos outros do que recebem) nas relações afetivas, o que revela, mais uma vez, que as relações com o objeto primário foram penosas, representando esta entrega uma tentativa de compensar as frustrações sentidas e de preencher um vazio afetivo. Daqui surge também a ansiedade de separação, relacionada com a incapacidade de renunciar aos vínculos dependentes, sendo esta possível de identificar nas três entrevistadas.

O amor narcísico da 2ª entrevistada é relatado pela filha, como sendo sentido com agressividade e intrusão, sem haver espaço para que esta desenvolva a sua identidade. As respostas agressivas da filha revelam, por um lado, uma identificação inconsciente que esta faz com a sua mãe e, por outro, a frustração que ela sente por não se conseguir libertar do vínculo dependente já dominante. Estes processos identificatórios estão na base da transmissão psíquica entre gerações (Kaës, 2003; Freud 1969).

As três entrevistadas relatam uma relação de proximidade e identificação ao pai, recusando a identificação à mãe. O pai é caracterizado como alguém parecido com elas e com quem têm uma relação de cumplicidade/companheirismo. Parece, mais uma vez, que as identificações inconscientes dos três sujeitos favorecem vínculos semelhantes com os demais significativos.

A angústia dominante das entrevistadas é a de perda do objeto caracterizada por aproximações e afastamentos consecutivos, devido à ameaça de perda do Eu. Este tipo de angústia, que é comum às três participantes, denuncia duas mães que não foram capazes de conter a filha na sua luta em estabelecer o *self*, ao mesmo tempo que dá conta das alianças inconscientes que foram transmitidas entre as duas gerações de mães e as identificações inerentes a estas alianças – cada mulher desempenha as qualidades de mãe e de filha com base nas experiências passadas com a própria mãe (Brazelton & Cramer, 1989).

A autoimagem que a 2ª e a 3ª entrevistada têm de si é negativa, o que remete para a predominância de afetos penosos e para falhas empáticas que ambas terão experienciado nas relações primárias, que terão gerado vazios existenciais. A culpabilidade surge, em ambas, associada a estes vazios existenciais, que são o reflexo das tentativas falhadas de estabelecer boas relações com o objeto de amor.

O modo de funcionamento psíquico dos sujeitos parece organizar-se numa dinâmica característica dos estados-limite, tendo sido possível retirar mais dados que corroboram esta afirmação na entrevista ao 2º sujeito. No entanto, não sendo o objetivo deste estudo identificar a psicopatologia subjacente aos sujeitos, não irei desenvolver este ponto.

Encontramos, assim, nas três entrevistas, características estruturais comuns que nos permitem ir ao encontro dos principais temas da transmissão psíquica entre gerações. Estando consciente das limitações que a investigação qualitativa traz consigo, penso que este estudo nos permite compreender alguns dos determinantes do psiquismo humano, aproximando-nos do seu objetivo. A transmissão psíquica negativa pode ser travada, em contexto psicoterapêutico, tornando conscientes as identificações inconscientes e fornecendo um contentor adequado que possibilita a internalização de boas relações de objeto, para que o Ego do paciente se possa fortalecer e lidar de forma adequada com as suas frustrações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, T., & Nascimento, M. (2012). Hermenêutica Dialética: Uma experiência enquanto método de análise na pesquisa sobre o acesso do usuário à assistência farmacêutica. *Promoção Saúde*, 25(2), 243-250.
- Aragão, R. O. (2012). Narrativas do início da vida - como contar o nosso primeiro capítulo? *Primórdios*, 2, 73-128.
- Bergeret, J. (1997). *A Personalidade Normal e Patológica*. (Climepsi, Ed.). Lisboa.
- Bergeret, J. (1998). *Psicologia Patológica*. (Climepsi, Ed.) Lisboa.
- Bollas, C. (1989). *Forces of Destiny*. Londres.
- Brazelton, B. T., & Cramer, B. G. (1989). *A relação mais Precoce: Os pais, os bebês e a interação precoce*.
- Denzin, N. K., & Lincoln Y. S. (Eds.). (2003). *Collecting and interpreting qualitative materials* (2nd ed.) Thousand Oaks, CA: Sage.
- Faimberg, H. (1996). Listening to Listening. *International Journal of Psycho-Analysis*, 77.
- Faimberg, H. (1988). The telescoping of generations: A genealogy of alienated identifications. *International Journal of Psycho-Analysis*, 24, 19.
- Fairbairn, R. (2000). Estudos Psicanalíticos da Personalidade. Lisboa: Vega Editora. (2ª Edição)
- Freud, S. (1969). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1921).

- Freud, S. (1969). Para uma introdução ao Narcisismo. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard brasileira*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1969). Totem e Tabu. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XIII, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1913 [1912-12]).
- Green, A. (1988). Seminário sobre el trabajo de lo negativo. In: Green, A. *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do grupo* (1ª ed.). (Climepsi, Ed.) Lisboa.
- Kernberg, O. (1967). Borderline Personality Organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15.
- Matos, A. C. (2002) O desespero: Aquém da depressão. (1ª ed.). (Climepsi, Ed.) Lisboa.
- Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. (Climepsi, Ed.) Lisboa.
- Mitchell, S. A., & Greenberg, J. R. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. (Climepsi, Ed.) Lisboa: Vértices.
- Reghelín, M. (2007). O Transtorno Borderline da Personalidade. *Revista Contemporânea de Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 2, 274-283.
- Winnicott, D. W. (1990). *The maturational processes and the facilitating environment*. Londres.

ANEXOS

Anexo I – Entrevista E. (Avó)

A E. apresenta uma figura cuidada, exhibe um discurso fluído e organizado mas, por vezes, apresenta falta de vocabulário para expressar as suas ideias. Apresentava-se ansiosa pelo medo de não saber responder às questões. Ainda assim, mostrou-se muito disponível para me ajudar no que pudesse.

As questões foram adaptadas ao longo da entrevista pois a participante não compreendia sempre o que lhe perguntava.

Ψ – Olá E. Queria começar por agradecer a sua disponibilidade para participar no meu estudo. O tema que eu estou a trabalhar tem a ver com a maternidade, e o que eu pretendo investigar é o que é que é transmitido das mães para os filhos, ao nível psicológico. Toda a informação que me der será completamente confidencial e tratada de forma anónima.

Então, vamos começar por perguntas simples. Quantos anos é que tem?

E – 72.

Ψ – É natural aqui de Lisboa?

E – Não, sou de Mirandela.

Ψ – E vive em Lisboa há quantos anos?

E – Eu vim para Lisboa quando tinha 14 anos, portanto é fazer as contas.

Ψ – Ok. Qual era a sua profissão.

E – A minha profissão, até vir para Lisboa, foi ajudar a mãe, na lida da casa e depois quando vim para Lisboa, vim trabalhar, porque a mãe não tinha possibilidades, então tive que vir nova, tive que vir trabalhar, para ajudar a mãe. Porque a mãe era mãe solteira e, portanto não estava com o pai, e eu tinha que ajudar.

Ψ – Então olhe, se calhar é importante. Podemos começar por aí. Vivia só com a sua mãe?

E – Não, eu vivi só com a minha mãe e tinha irmãos, os irmãos também estavam a trabalhar lá na terra, portanto o irmão já faleceu, faleceu há cerca de 1 ano, e estava a

trabalhar na terra. E eu depois quando vim, portanto, desculpe aqui baralha-me um bocadinho. Trabalhava no campo, e eu então, portanto estava eu e a mãe só em casa e o irmão estava a trabalhar no campo com uns senhores, a trabalhar, para ajudar também a mãe. Pronto. E uma irmã também a mesma coisa, a trabalhar com uns senhores para ajudar, para nosso bem. O pai, como nós não eramos filhos do mesmo pai, eu sou filha única da parte do pai e então, depois, é assim, a minha mãe teve os meus irmãos primeiro, e depois é que me teve a mim com o meu pai. O meu pai tava na casa com a família dele e a minha mãe estava em casa comigo, portanto, estava eu e a minha mãe, mas sempre em convívio com os meus irmãos. Portanto uma ligação forte com os meus irmãos.

Ψ – E a avó materna?

E – Não conheci. Os avós paternos conheci, portanto os avós da parte do meu pai, conheci. Mas não me consideraram como netas, não tive aquela coisa com os avós. Da parte da minha mãe conheci o avô mas já muito pequena, ligeiramente me lembro dele.

Ψ – Portanto, a sua mãe não tinha grandes apoios da família dela? Ou seja, quando vocês eram pequeninos era a sua mãe que estava sozinha?

E – Era a minha mãe que estava sozinha, exatamente. Embora que, da parte do meu pai, pronto, não aceitaram o facto de eu ter vindo ao mundo. Mais tarde as coisas depois mudaram, pronto, se quer que eu lhe conte a história toda, pronto, mais tarde eu cresci, vim para Lisboa, estive em Lisboa até aos 23 anos, depois aos 23 anos fui para a terra, aí o meu pai já estava com a minha, e então o meu pai já não me deixou vir para Lisboa, porque os meus avós já tinham falecido, e o meu pai herdou, chama-se “herdar alguma coisa da parte dos pais”, os pais eram labradores, e herdava-se da parte do pai. O pai, como já tinha herdado umas coisas da parte do pai, juntou-se à minha mãe. Nessa altura, os meus pais não me deixaram vir para Lisboa porque diziam que eu não tinha necessidade de andar aqui por Lisboa porque já havia uns bocadinhos para nós trabalharmos para termos alimento. Eu depois aí estive 3 anos na terra, fui para a costura, de uma aldeia, para casa de uma irmã, em Mirandela. Fui para a costura 3 anos, namorei o meu marido que estava cá em Lisboa por cartas, depois conhecemo-nos, tratámos do casamento e eu vim para Lisboa. Portanto, neste intervalo houve 3 anos que não estive em Lisboa, vim com 14 anos mas houve 3 anos que eu estive assim na terra, depois casámos e eu e o meu marido fizemos com que os meus pais se casassem. Já estávamos casados, estou casada há 46/47 anos.

Ψ – Como é que conseguiram fazer isso?

E – Porque depois a minha irmã, o pai dos meus irmãos não existia, pronto, a minha mãe realmente desde que me teve a mim, esteve só com o meu pai. E depois nós conseguimos porque como eles já estavam juntos, antigamente na aldeia o estarem assim juntos era assim um bocado. Pronto, não era bem aceite, não é como hoje. Pronto, então nós fizemos o pai casar. Nós íamos lá todos os anos ver os pais, “Ah, assim não estão bem”, pronto e então aí eles casaram, e ainda estiveram casados muitos anos.

Ψ – Os seus irmãos eram mais velhos que a E.?

E – Eram mais velhos. Mas tive sempre boa ligação com os meus irmãos, só a partir que a minha mãe morreu, faleceu, os meus irmãos depois, pronto, os meus avós da parte do meu pai faleceram não é e o meu pai automaticamente acabou por herdar o resto quando a mãe faleceu não é, o que é que acontece, o meu pai quando se casou com a minha mãe chamou os meus irmãos e disse “olha, eu vou casar com a vossa mãe, mas quando eu morrer o que é meu é para a minha filha, isto que fique bem claro”, e a minha mãe sempre me disse que o que havia dentro de casa era para eu distribuir com os meus irmãos e os terrenos que eram realmente meus, porque a minha mãe quando foi para o pé do meu pai tinha uma casa, e vendeu essa casa e distribuiu pelos netos, então a minha mãe não tinha nada. E então essa herança do meu pai era para mim. Os meus irmãos, não sei, nunca tive nada com eles, nem falei no assunto, eles entenderam (ainda hoje estou para perceber) que eles com certeza que queriam que o meu pai dividisse os terrenos com eles e a partir daí, eu já vai para uns 22 anos que não falo com uma irmã, e o meu irmão faleceu-me o ano passado, que era o meu irmão mais querido, e isso deu cabo de mim, fiquei traumatizada, porque era uma ligação muito forte que eu tinha com ele.

Ψ – Custou um bocadinho não é?

E – Fui-me um bocadinho a baixo (chora). Foi muito forte, de maneira que pronto, porque eu nunca me convenci que os meus irmãos quisessem aquilo que era meu, eu convenço-me que não, convenço-me mais que é uma cunhada minha, a mulher do meu irmão, mas daí cortei relação, tenho dois sobrinhos bem formados.

Ψ – Olhe, então vamos voltar um bocadinho atrás.

E – Diga diga, desculpe lá que eu às vezes não me estou a explicar muito bem.

Ψ – Não, está a explicar tudo muito bem, eu percebi tudo o que me contou e foi importante o que me disse, obrigada. Agora, o que eu queria saber mais é da sua relação com a sua mãe.

E – Não, sempre boa, sempre...

Ψ – Lembra-se de si quando era criança, quando era pequenina?

E – Quando era pequena... Não quer dizer, tenho... Sei que ia para a escola e a minha mãe tava sempre coisa para ter a comidinha feito, lembro-me que quando fiz o exame da 3ª classe, antigamente era a 3ª classe, pronto eu não tenho estudos, só a 3ª classe, mas aprendi o suficiente para ler e escrever, leio bem uma carta, escrevo bem uma carta, e então lembro-me da minha mãe, quando fiz o exame, toda entusiasmada a vestir-me, ainda me lembro do vestido que levava, fui para o exame juntamente com uma amiga, quer dizer, sempre boa relação com a minha mãe.

Ψ – Hum.. E como é que descreve a sua mãe? Que recordações é que tem dela?

E – A minha mãe era uma pessoa extraordinária, era uma pessoa, como é que eu lhe hei-de explicar. Muito nervosa, muito nervosa, dava tudo, nada era dela, quando chegavam os nervos era de temer, ela desmaiava com os nervos, caía no chão, mas depois então dava o sangue dos braços, pelos filhos, a família toda, pelos sobrinhos, pelos irmãos, pronto, era espetacular. Quanto a mim, quanto a nós aos filhos, não temos queixa da mãe, a mãe foi uma boa mãe, trabalhou muito, muito, chegou a cozer, sabe o que são alqueiros? Chegava a cozer aos 15/16 alqueiros no forno a lenha, para umas e para outras pessoas, para os mais altos, os mais ricos. Portanto, a minha mãe foi uma mãe na aldeia muito reconhecida por muito trabalhadora para nos criar, não nos abandonou, foi uma mãe espetacular.

Ψ – E a E. conversava muito com ela? Confiava nela?

E – Sim, sim, tudo.

Ψ – Sempre tiveram uma relação boa? Na sua adolescência também?

E – Sim, às vezes rapazes da nossa aldeia, quando eu andava na escola, virava-se para eles, a minha mãe era assim uma pessoa muito engraçada, sabe que na horta às vezes as pessoas qualquer coisa dizem uma asneira, “ai seu catano”, desculpe a expressão, “ah meu malandro, isto aquilo, olha que dou-te com o pau”, era muito assim, muito brincalhona

com as pessoas, mesmo a mocidade nova, as raparigas brincavam com a minha mãe, era uma pessoa cheia de vida, totalmente diferente de mim. Uma pessoa cheia de vida.

Ψ – A E. não se considera uma pessoa cheia de vida?

E – Não, não sou como a minha mãe não. A minha mãe gostava muito, por exemplo, de receber pessoas em casa, para dar de comer, alguém que aparecesse cá de Lisboa que fosse à aldeia, meu deus, “venha cá, venha cá”, punha logo o comer na mesa. Eu já não sou assim, eu para vir uma pessoa a casa já sou um bocadinho complicada, já sou mais o lado do meu pai, e não é que não goste de receber pessoas, mas já. Sou diferente, tudo me mete confusão.

Ψ – Porquê?

E – Não sei, sou amiga de dar e gosto da pobreza mas não sei.. É feito meu pronto.

Ψ – Então e em que é que se identifica com a sua mãe?

E – Com a minha mãe eu não me identifico assim muito, identifico-me mais com o meu pai.

Ψ – É? Mas foi a sua mãe que esteve mais presente pelo que percebi.

E – Exatamente, teve sempre mais presença a minha mãe. Com a minha mãe, eu não sei, a minha filha é mais a minha mãe do que eu. A minha mãe era muito de rendinhas, gostava muito de dar de comer, so estava bem quando tinha gente em casa, portanto é como lhe digo, a minha filha é toda avó, eu não, eu sou mais pai.

Ψ – Então, e como é que se descreve a si? Para eu a ficar a conhecer um bocadinho melhor. Conte-me lá que parecenças são essas com o seu pai?

E – A mim... O meu pai era mais poupado, a minha mãe era uma pessoa que distribuía o dinheiro dela, o meu pai foi sempre uma pessoa mais poupadinha. Com o meu pai, deixe lá ver... Não sei, assim o feito do meu pai. Nesse aspeto, também não lidei assim muito com o meu pai.

Ψ – Então e diz que é parecida com ele em quê? Nisto de ele ser poupado, de gostar de ter pessoas em casa...?

E – Não, quer dizer. Não é que eu não goste de ter pessoas em casa, eu faz-me é impressão porque tenho que ter tudo muito arrumado, muito nos lugares.

Ψ – E isso era da sua mãe? Ela tinha que ter sempre tudo muito arrumado?

E – Era, era, isso era. A minha mãe tinha que ter tudo ali. Sim, isso era da minha mãe. O meu pai, é como lhe digo, poucos anos tive assim com ele, juntamente não é, pronto. Convivi com o pai mas não tive assim ligação muito forte com o pai. Embora que ele não via outra coisa, como era a filha única, era a filha do pai. O meu pai era assim, segundo a minha mãe, não era muito pela pobreza, a minha mãe era muito pela pobreza, o meu pai como era um bocado mais, ele já na altura que foi criado, pronto, família de labradores, mais rico, para lhe explicar melhor, então não era assim muito pela pobreza.

Ψ – Não era tão humilde como a sua mãe.

E – Não, era assim mais... Não era pelos pobres como a minha mãe. Ele estava sempre mais contra a pobreza, a minha mãe defendia a pobreza. Mas eu não sou assim... O meu marido diz assim “és parecida com o teu pai, hoje já mudaste um pouco, na questão do dinheiro”, hoje já mudei um pouco, na altura também havia pouco dinheiro, mas compreendo que sou o lado do meu pai, mas caso contrário, também sou diferente do meu pai. Também tenho pena da pobreza e fico comovida. O meu pai na altura era dos grandes da aldeia e não eram tanto pelos pobres. O meu marido diz “já não tens o feitio do teu pai, o teu pai era uma pessoa mais.”, pronto eu não, já gosto de dar e de dividir, já é diferente. A minha mãe pronto, a família era mais pobre mas era mais formada, mais inteligente, e o meu pai era famílias mais da terra, mais de dinheiro. Tá a ver? E então tornava-se uma pessoa mais, era mais frio. Embora que ele na aldeia era uma pessoa de respeito, toda a gente o respeitava. Mas lidava com os ricos... Não quer dizer que o meu pai fosse má pessoa, mas era feitio na altura.

Ψ – Então, mas a nível de relação sente-se mais próxima da sua mãe?

E – Sim, sempre sempre, com a minha mãe.

(20min30seg)

Ψ – As suas amizades, ao longo da sua vida, como é que eram?

E – Ah! Boas, ótimas.

Ψ – Como é que era na adolescência por exemplo? Conte-me lá uma história ou outra. Como é que era a sua relação com elas?

E – Fantástica. Tinha amigas sinceras, amigas puras, quando era, por exemplo, quando estava na terra, tinha amigas que estavam no Porto, hoje a gente desligou-se umas das outras, mas tinha amigas fantásticas. Contava tudo a elas e elas a mim, tudo fantástico.

Ψ – E dava-se com facilidade? Tinha facilidade em fazer amigos?

E – Sim, muito muito.

Ψ – E nisso acha que é mais como a sua mãe? A sua mãe também era assim dada e fazia amigos com facilidade?

E – Ah sim, ui! A minha mãe é a minha filha. A minha mãe é a minha filha... Eu digo-lhe muita vez, “tu herdaste tudo da tua avó”. Ela ainda conviveu muitos anos com a avó, não sei se ela estava no curso ou no estágio na altura em que a minha mãe morreu mas conviveu ainda muitos anos com ela. E na altura em que a minha mãe morreu ela ainda passou um muito mau bocado, porque a minha mãe teve uma doença na bexiga, nós vivíamos numa casa em Algés pequena, e então aí a minha filha ficou um bocadinho traumatizada porque a minha mãe deu-nos muito trabalho... Muito trabalho.

Ψ – Vivia com vocês a sua mãe?

E – Não, a minha mãe viveu sozinha na terra enquanto esteve lúcida, enquanto pôde. Ela dizia que queria estar “na terra”. E depois quando foi que a minha mãe adoeceu, isto foi uma coisa que o meu pai me pediu, quando faleceu, “a mãe fica a teu cargo”. Quando o pai faleceu fui buscar a minha mãe, olhei dois anos por ela, mas ela pediu-me sempre que nem morta se queria em Lisboa, então quando a minha mãe morreu eu levei-a para a terra, então estão lá os dois juntos. E aí a minha filha passou um mau bocado porque a noite queria estudar, queria descansar e não podia, a avó levantava-se, nós tínhamos um quarto só e uma casa de jantar, a minha filha dormia na casa de jantar e a minha mãe dormia na caminha ao lado. A minha mãe tinha que dormir sozinha, a médica disse que “a sua mãe tem que ter uma cama baixinha para ela dormir e tem que ter muito cuidado para que ela não caia”. Eu depois pus a minha mãe a dormir no meu quarto, pus uma caminha baixinha, eu mais o meu marido demos o meu quarto à minha mãe, o meu marido foi um bom pai, é um bom pai, é bom avô, é bom genro, foi um bom filho, foi tudo, o meu marido tem tudo com ele. Não posso dizer nem “isto”.

Ψ – E a E. e o seu marido dormiam onde?

E – A minha filha dormia no fundo da sala, na caminha dela, e nós dormíamos num sofá cama. Evidentemente que foi uma fase muito difícil de passar, mas era minha mãe, era minha obrigação olhar pela minha mãe. Eu tinha uma casa na terra, que foi a casa que os meus pais me deixaram, tínhamos lá feito obras, eu não podia deixar o meu marido e a minha filha que estava a estudar, não podia deixar o meu marido e ir com a minha mãe para a terra. Tinha um andar em Carcavelos que tinha comprado para a minha filha ir quando se casasse. Não podia ir para Carcavelos porque tinha que estar ali, que a minha filha e o meu marido precisavam de mim que o meu marido trabalhava, e foi assim um bocadinho muito complicado. Depois a mãe faleceu, as coisas resolveram-se. Depois a filha casou, vendeu-se o andar que tínhamos em Carcavelos, comprou-se a casa que ela tem hoje, que a gente lha deu, depois vendemos a da terra e a de Algés e viemos e comprámos esta para nós.

Ψ – E quanto tempo é que durou essa situação com a sua mãe?

E – Essa situação durou 2 anos. Foi muito complicado, essa situação foi muito dura, chorei muita lágrima. Mas ainda hoje choro pela minha querida mãe. Fiz tudo. Pelos meus pais fiz tudo. O meu pai, eu estava a trabalhar numa escola, no infantário, trabalhei lá 20 anos, e na altura eu estava a ganhar para mandar para a minha mãe, para a ajudar a olhar pelo meu pai, que a minha mãe não podia, e fiz viagens, quando o meu pai estava doente eu fui lá, eu fiquei lá, falei com a diretora, fiquei lá à espera porque o meu pai já estava nos últimos dias, e o meu marido trazer a minha filha a Lisboa, porque estava a estudar. E a minha filha aí ficou com uma amiga, essa amiga por acaso é grande amiga dela ainda hoje. Essa amiga foi impecável, a minha filha ficou com ela, e o pai voltou para cima e depois foi o funeral do pai. Fiz tudo, não tenho nem um pequenino remorso, fiz tudo quanto pude pelos pais. Queria saber mais? Veja lá.

Ψ – Eu estou aqui a pensar numa coisa... Espero que a E. não fique chateada comigo. O seu pai, pelo que eu percebi até agora sempre foi um bocadinho afastado, ou seja, a relação de proximidade que a E. tinha com a sua mãe, não tinha nada a ver com a relação que tinha com o seu pai...

E – Não porque o pai só ia à noite a casa, ou seja, como é na província antigamente, como é que eu lhe hei de explicar, eu não queria utilizar esta palavra, mas é a palavra que na altura se dizia, “vai à amante”, tá a perceber? Antigamente era isso que se dizia. E eu quando

sentia a porta, eu já sabia que era o pai que vinha ali, tá a perceber? E eu aí tinha convivência com o pai, mas na rua o pai não me conhecia.

Ψ – Porquê?

E – Por causa da família. O pai sabia que era meu pai, mas o pai na rua, eu passava e não falava. E nem o pai comigo nem eu com o pai.

Ψ – Porque a sua mãe era a amante?

E – Exatamente. Porque a minha era a amante e a família do pai não aceitava isso. Então era a guerra depois em casa, aliás que foi, a guerra depois em casa com os avós, os avós não aceitavam e os irmãos não aceitaram isso de maneira nenhuma.

Ψ – Mas a E. ainda assim parece que tem uma admiração grande por ele, não é?

E – Ai o meu pai, o meu pai era muito nosso amigo.

Ψ – Não ficava sentida por ele não lhe falar na rua, por exemplo.

E – Não, não, o meu pai, o meu marido foi um filho para ele e então o meu pai não via outra coisa. Era maluco comigo. Não faz ideia quando íamos à terra, eu e o meu marido, o que ele sentia, vaidoso connosco no carro, aquele orgulho que ele sentia. Era era, sem dúvida.

Ψ – E também sentia isso da sua mãe?

E – Muito, muito, sem dúvida.

Ψ – Então, descreva-me um bocadinho o seu feitio.

E – O meu feitio, como é que eu lhe hei de dizer. Eu sou uma pessoa sensível, sou amiga do meu amigo, não sou falsa, sou amiga, quando vejo que são meus amigos eu sou. Gosto também de dar, de repartir, se me calcam os calos, aí depois também fico fria, se me fazem qualquer coisa que eu não goste, então depois aí também me sinto um bocado, sinto. Já não é a mesma pessoa para mim.

Ψ – Desiludiu-a não é?

E – É, é, eu quando sou amiga, olhe, eu como já lhe disse trabalhei, tive colegas, tenho uma colega que ainda hoje adoro, muito sincera e ela sempre muito pura comigo, muito bem.

Aliás, eu tive bom ambiente de trabalho, os 20 anos de trabalho que tive, tive sempre boas colegas, mas tenho uma que ainda trabalha no infantário, que ela está para se reformar agora, conversava a minha vida toda com ela e ela comigo, toda, toda, é uma coisa com ela. Tenho amizades, sou mesmo amiga.

Ψ – E como mãe, como é que se descreve como mãe?

E – Ah, eu acho-me a melhor mãe do mundo.

Ψ – E como é que é ser a melhor mãe do mundo?

E – Como é que eu lhe hei de de dizer... (silêncio)

Ψ – (Silêncio) Então vou-lhe fazer algumas perguntas, para ser mais fácil.

E – Exatamente.

Ψ – Quando é que engravidou?

E – Passado 1 mês de me casar estava logo grávida.

Ψ – Isso foi com quantos anos?

E – 26 anos. Só conheci o meu marido, quando me casei não sabia o que era um homem como agora. Antigamente era assim.

Ψ – E engravidou por vontade vossa?

E – É assim, a gente não queria logo logo, mas calhou calhou. Foi feito com muito amor e carinho.

Ψ – Como foi o tempo da gravidez? Como é que se sentiu?

E – Muito bem, muito felizes. Fosse rapaz ou rapariga, o que viesse. Muita felicidade, fui sempre muito feliz com o meu marido, ainda hoje sou, com a minha filha, com a minha neta, ainda hoje sou. Só tive esse pormenor, com os meus irmãos, pronto, da parte da minha mãe, desde que a minha mãe faleceu.

Ψ – Como é que era a sua filha quando era bebé? Era um bebé fácil ou difícil?

E – Fácil, fácil.

Ψ – Chorava muito?

E – Não, não.

Ψ – Dormia bem?

E – Ui, dava-lhe a chucha e vai para a cama e dorme, pronto.

Ψ – E em bebé?

E – Foi fácil.

Ψ – A entrada para a creche, como correu?

E – Foi assim, antes de ir para a creche, eu trabalhei numa senhora um ano, e essa senhora fazia parte das vicentinas e então abriram um infantário depois em Algés. Eu trabalhei nos Macieiros da Cruz Quebrada, não sei se conhece, se calhar não conhece, eu trabalhei lá um ano. E eu levei a minha filha comigo. Ai, não desculpe. Tenho que voltar atrás, se quer saber portanto, eu quando fiquei de bebé trabalhava numa fábrica de malhas, à máquina, no coze e corte, a fechar as malhas à máquina, e eu aí fiquei de bebé e mais tarde começaram-me a inchar os pés, aos 8 meses, com um calor, que era Agosto, e eu deixei o trabalho, depois como a bebé nasceu deixei o trabalho aí 5 ou 6 meses, não havia esta coisa toda como há agora de ficarem em casa estes dias todos, pronto. E como em primeiro lugar estava a minha, embora que o meu marido não trabalhava muito, mas deixei o trabalho e tomei conta da minha filha.

Ψ – Ela mamava?

E – Sim teve um tempo que mamou. E chegou uma certa altura e eu disse para o meu marido, bem, isto não pode ser, agora não podes ser tu sozinho a sustentar a casa, que o meu marido era empregado de balcão de prateleiras metálicas, não sei se conhece, e eu disse “eu tenho que ir à vida” e então eu fui à procura de trabalho, bati à porta, tive a sorte de bater à porta daquela senhora que me disse “olhe, eu não preciso de empregadas mas como é uma moça do Norte, e as moças do Norte antigamente eram muito bem faladas em Lisboa, por forma de serem trabalhadoras ou trabalhadeiras pronto, e eu fui a essa senhora e arranjei uma ama para a minha filha.

Ψ – Quanto tempo ela tinha aí?

E – Não me lembro, ela tinha pouco tempo mas não me lembro. Eu sei que ainda a levava ao colo, 7/8 meses, por aí. E depois aí eu fui para casa dessa senhora e chorei todo o dia. E

a senhora perguntou-me porque é que eu andava a chorar e eu disse “Oh Sr.^a D.^a. Maria Luísa, eu deixei a minha filha numa ama e não estou habituada”. E ela disse “não chore, amanhã traz a sua filha consigo”. E a minha filha foi sempre comigo para essa senhora, durante 1 ano. Ao cabo de 1 ano essa senhora disse-me assim “A E. prefere trabalhar em minha casa e pôr a sua filha numa creche ou prefere ir para uma creche e levar a sua filha consigo?” e eu disse-lhe que preferia ir para a creche e levar a minha filha comigo. Aquela creche defronte à Igreja, tá a ver? Fui eu que pus a chave naquela porta. Assim levei a minha filha e criei a minha filha comigo. A minha filha foi ali criada comigo, andou no liceu ía ali almoçar comigo, andou na escola ia ali almoçar comigo, ela ainda andava na faculdade, na faculdade não desculpa, na faculdade estávamos na fase da minha mãe, eu deixei de trabalhar aos 45 nos, mas a filha foi almoçar comigo até que foi para a faculdade.

Ψ – Todos os dias?

E – Todos os dias.

Ψ – E a escola dela era próxima do infantário?

E – Perto, perto, ela andou no secundário lá perto, depois andou aqui em Linda-a-Velha, também ia lá almoçar. Ela foi criada sempre com uma ligação muito forte comigo, sempre, ainda hoje. Não se esqueça onde vai! A gente vendeu a casa em Algés e tudo para irmos aqui para ao pé dela, tanto que ela mora ali e nós moramos aqui. Porque só temos esta filha e continuamos sempre muito próximos uns dos outros.

Ψ – A E. era auxiliar de educação?

E – Não, não, era cozinha. No princípio como não havia tantas auxiliares eu também ajudava as crianças. Mas foi na cozinha que eu trabalhei.

Ψ – Então é uma ótima cozinheira!

E – Sim sim.

Ψ – E a sua mãe também era?

E – Era sim, aprendi com ela desde pequenina. Nós cozinávamos naquelas panelas de 3 pés. Quanto à filha, sempre relação muito boa como vê, sempre com os pais, ela é maluca com os pais. Só temos esta.

Ψ – Ok. E como é que a sua filha era em pequena?

E – Ai, muito vivaça, muito querida, muito dada às pessoas.

Ψ – E aos estranhos também? Ou não tanto?

E – Não, não, era dada. A neta já foi diferente, não a filha não.

Ψ – Como é que correu a mudança do infantário para a escola?

E – Pu-la numa escola perto onde ela pudesse ir almoçar comigo.

Ψ – E como é que ela reagiu à entrada na nova escola? Chorou?

E – Não, nunca tive problemas com os professores, não.

Ψ – Mas então reagiu bem?

E – Sim, ela estava habituada com miúdos.

Ψ – Fez amigas com facilidade?

E – Sim, muitas amigas sempre de um lado para o outro, sim.

Ψ – E na adolescência, como foi?

E – Houve uma fase, isto já mais tarde, ela tinha coisa de 16/17 anos, e era aquela coisa de namoricos, e houve um senhor que trabalhava na companhia das águas, que me disse “olhe que a sua filha está ali com um namorado no jardim, mais a sua colega”, e então aí ralhei com ela, tive que ralar com ela. Depois tudo passou, depois só soube que ela tivesse outro namoro com o marido, que é o que tem hoje, namoraram-se 10 anos, não tive assim grandes problemas com ela com os namoricos.

Ψ – Nem outro tipo de problemas?

E – Não, nada. Da adolescência dela não tive. Às vezes chateava-me quando ela vinha tarde, quando saía com o marido que tem hoje. Ela vinha tarde, então aí é que eu não gostava.

Ψ – E como é que é a vossa relação, de mãe e filha?

E – É boa, acho que é boa, sempre foi boa.

Ψ – Descreva-me lá isso um bocadinho.

E – A gente conversa, a minha filha vem e conversa tudo com a gente e a gente com ela. Também não temos assim problemas complicados, eu felizmente não tenho problemas com o pai, nem o pai comigo, ela também não...

Ψ – E acha a sua filha parecido consigo? De personalidade?

E – Não, não.

Ψ – Como é que é a sua filha? Pode descrê-la um bocadinho?

E – Eu já lhe disse, a minha filha é uma pessoa muito nervosa.

Ψ – A sua filha também?

E – É, já lhe disse que ela é a minha mãe chapada, em tudo. Mas ela é, dá o sangue dos braços, tem um coração maior que esta casa. Mas os nervos cuidado com ela, não lhe calquem os calos. Mas depois explode mas se for preciso depois abraça-se à pessoa. Depois fica arrependida, é capaz de se chegar a pessoa...

Ψ – A E. também é assim? Também se considera uma pessoa nervosa?

E – Por exemplo, eu não tenho assim grandes coisas, chatices com o meu marido, não tenho, mas qualquer coisa sou capaz de explodir logo, mas depois passa.

Ψ – Não se considera tão nervosa como era a sua mãe?

E – Não, não.

Ψ – A sua mãe quando ficava nervosa também se chateava?

E – Ai a minha mãe desmaiava, caía com os nervos, ficava como morta no chão.

Ψ – O que é que a punha assim tão nervosa?

E – Coisas que a contrariassem. Não podia ser contrariada. O meu pai tinha que a deixar fazer tudo quanto ela quisesse. A minha mãe fazia tudo quanto queria. Não a podia contrariar. Mas a minha filha é a minha mãe chapadinha em tudo. A explodir qualquer coisa, explode logo. “Oh filha, então, tem calma!”, mas depois passa, passa aquilo e pronto depois acabou. Depois tem um coração para dar. Não pode ver doentes, pronto, mesmo em relação com as amigas, eu vejo que ela dá o coração, mesmo a dar em casa, eu vejo que ela é uma pessoa amiga. É a minha mãe chapada, ponto.

Ψ – Ela foi muito cuidada pela sua mãe não é?

E – Sim, até muito tarde. Ela tem muitas recordações da avó. Tem boas e más recordações claro, como lhe disse daquela fase, a minha filha a querer dormir e a avó a levantar-se de noite. E a minha filha qualquer coisa tem medo, ainda hoje já passou um bocadinho, mas qualquer coisa lhe metia medo, que a avó assustou-a, assustou-a. Ficou um bocadinho traumatizada.

Ψ – O que é que a E. acha que a sua mãe lhe passou a si?

E – A minha mãe passou-me o ser séria, ser educada com as pessoas, isso ensinou-me. E depois ensinou-me a fazer tudo, sei fazer de tudo um bocadinho. Sei deitar a mão às coisas, graças a Deus, sei cozinhar, sei engomar uma peça de roupa como deve ser, sei costura, a minha filha alguma coisa que sabe fui eu que lhe ensinei, mas sei sei. Ensinou-me a fazer de tudo. Foi uma boa mãe.

Ψ – E do seu feitio, o que é que acha que a sua mãe lhe passou? Consegue identificar mais coisas?

E – Do meu feitio não sei, não sei... (silêncio) Ah! Por exemplo, tenho uma coisa da minha mãe, se qualquer coisa que tenho chatices com o meu marido, não me calo logo, tenho que ficar a falar a falar um bocado. E a minha mãe falava falava, nunca mais se calava. E o meu marido diz, tu és como a tua mãe, nunca mais te calas. Pronto, isso herdei dela. É, a minha nunca mais se calava, a gente tinha que a deixar falar, até esgotar.

Ψ – E a sua filha, também é assim?

E – Ela, como é que hei de dizer, ela explode, entra muito em choque comigo, não é que ela não me adore, mas ela aceita melhor as coisas da parte do pai do que comigo, se houver qualquer coisa, por exemplo, se for o pai a conversar com ela, ela aceita melhor do que de mim. Tá a perceber? Comigo choca-se mais.

Ψ – E porquê? Porque é que acha que é assim?

E – Sei lá. Ela para mim “porque tu não sabes, não compreendes, tenho que explicar as coisas muito bem explicadas”. Tá a perceber? Depois passa pronto acabou. Não passa daí.

Ψ – O pai é um elemento mais...

E – Conversação diferente, para a ouvir diferente.

Ψ – É diferente em quê?

E – Sei lá, compreende-a se calhar melhor, não sei. Eu compreendo-a bem mas se calhar, não sei. Às vezes eu digo “fala aqui com o pai” e o pai diz “pois tu não tens paciência para a filha”.

Ψ – Sempre foi assim? Sempre falou mais com o pai?

E – Ela tem muito respeito ao pai, teve sempre mais respeito ao pai do que a mim. Não é que o meu marido seja autoritário. O meu marido tem um feitio diferente, é uma pessoa que quer paz, gosta muito de paz, é uma pessoa espetacular, gosta muito de paz não gosta de chatices, nada, nada, chatices com ele não. E então diz “tu e a filha parece que não se entendem”, mas depois pronto, dai por um bocado quando a filha telefona está tudo bem. Tá a perceber?

Ψ – E vocês zangam-se porquê?

E – Às vezes qualquer coisa, sei lá... Queria-lhe dar um exemplo mas não tou a conseguir... Ela às vezes diz-me assim “oh mãe, isto ou aquilo”, e eu “mas tu não aceitas isso”, “oh mãe, não tem que ser assim”, sei lá, e depois eu digo “eu não era assim, eu não era assado...”, tá a perceber? E ela depois choca, e depois pronto.

Ψ – Ok. Então, o que é que a E. acha que passou à sua filha?

E – Acho que lhe passei tudo, olhe, quis-lhe ensinar muita coisa que ela na adolescência não queria aprender, na cozinha, ela agora já faz umas coisas, já está casada, já viu que lhe faz falta, não é? Pronto, já sabe cozinhar, aprendeu, mas podia ter aprendido mais. Mas na altura, na adolescência não era de querer aprender assim muito as coisas comigo, não era, e eu aí, enervava-me um pouco com ela, porque eu queria que ela aprendesse.

Ψ – Os pais querem sempre que os filhos sejam perfeitos quase, não é?

E – Mas ela fugia um bocado às coisas aí, irritava-me um bocado com ela.

Ψ – Mas ela era cumpridora na escola não é?

E – Sim, sim, não era brilhante, mas foi sempre o suficiente para não chumbar, nunca chumbou ano nenhum.

Ψ – E ela foi para professora, acha que esta escolha teve alguma coisa a ver com o facto de a E. trabalhar num infantário?

E – Eu acho que sim, porque ela no princípio quando era mais pequena dizia que queria ser educadora, mas depois pensou em professora. Acho que sim, que teve um bocado influência isso. E ela gostou sempre muito de miúdos.

Ψ – E a E. também?

E – Ai sim, sim. Isso adoro, isso então é comigo. Adoro crianças.

Ψ – Porque é que a E. só teve uma filha, foi opção ou foi...?

E – Sabe porque só tive um filho? Porque, na altura a vida também não era fácil, porque como lhe digo, eu ganhava na altura, o meu marido tenho impressão que ganhava 1conto e 500 e eu vim trabalhar para a creche e na altura a ganhar 1000\$, que já era muito dinheiro, e na altura eu achava que até tinha facilidade de ter outro filho, eu tinha tido facilidade tinha, mas pensava no futuro deles, nisto e naquilo, tinha medo. Depois arranjámos a casa, na altura eram 1600\$ e então o meu marido ganhava para a renda da casa, o que eu ganhava era para comer, tá a perceber? Só que depois como eu e a minha filha comíamos no infantário, eu fazia o almoço para o marido levar na lancheira e então daí eu começava a pensar “mas ter outro filho como”, então foi esse motivo. Porque eu até tinha tido facilidade de criar outro filho.

Ψ – E gostava de ter tido outro filho?

E – Gostava de ter tido um rapaz. Mas também vou-lhe ser sincera, também tive medo, porque hoje as coisas já são mais fáceis, mas antigamente as coisas não eram assim tão fáceis, acho que sofri muito para ter a minha filha, andei de ambulância, de noite, de um lado para o outro, fiquei traumatizada.

Ψ – Mas isso só na altura do parto?

E – Na altura no parto. Veio uma ambulância era 5h da manhã eu andei depois para o Hospital de São José, desse para o Hospital de Sta. Marta, quer dizer acabei por ir ter à Alfredo da Costa. Quer dizer, acho que fiquei um bocado traumatizada.

Ψ – O parto em si, correu bem?

E – Ainda levei dois pontos. Ela nasceu quase com 4kg, e eu ainda levei uns pontos. De maneira que eu fiquei assim um bocado, eu não quero ter mais filhos. Mas o meu marido queria ter tido um rapaz. Adorava, adorava, adorava. Mas é como lhe digo, a vida também não era fácil. Às vezes era 1h da noite e eu ainda à espera do pai para jantar. A gente lutou muito para conseguir comprar esta casa e a casa à filha. Eu trabalhei muito lá na creche, cheguei a fazer 40 almoços para as crianças e 7 para adultos. Ainda não lhe contei a história toda, porque quando vim para Lisboa na minha adolescência, desculpe lá estar a voltar atrás agora, eu vim trabalhar para casa de uns senhores, ou seja, eu vim com umas pessoas amigas que eram muito amigas da minha mãe, e disseram que me iam levar para Lisboa porque eu não tinha lá futuro. E eu vim com essas pessoas amigas da minha mãe, estive com ela e ela disse-me “olha, eu não quero que tu estejas a ser prejudicada, de maneira que eu vou-te arranjar um trabalhinho para tu arranjares o teu dinheiro”, enquanto estive com essa senhora ela pôs-me na costura, depois ela arranja-me uma casa e tive sorte, mas posso dizer que tive uma infância feliz, e então fui trabalhar para uma o palácio de Conde Berné, fui muito feliz, muito feliz, conheço aquilo tudo por dentro como as minhas mãos. Sabe que eu, na altura era servir, se quer que lhe conte a verdade. Fui muito feliz com as minhas colegas também. Eu corri todas as casas de cinema de Lisboa, todos os 15 em 15 dias nós íamos ao cinema. Posso-lhe dizer que fui muito muito feliz, fui feliz no infantário, fui feliz como empregada de servir, na altura chamava-se assim, não tenho vergonha de dizer, trabalhei muito, eu com 14 anos estava ajudante de cozinha. Posso-lhe dizer que fui muito feliz no trabalho, ah! E todos os meses mandava dinheiro à minha mãe, uma carta registada, eu ganhava 200\$ e mandava-lhe todos os meses 100\$. Mas pronto, como lhe digo, tive uma infância feliz, uma adolescência feliz, depois de casada graças a Deus também não tenho tido problemas, os problemas que tive foi só, como lhe digo, a partilha do meu irmão, caso contrário fui sempre feliz.

Ψ – O seu marido sempre a ajudou com a sua filha?

E – É assim, o meu marido é muito bom marido mas para trabalhos de casa nunca teve assim muito jeito. Com a filha sim, quer dizer não, não, porque antigamente não se usava muito isso com os pais, eu é que fazia tudo à filha, tá a ver? Ele preocupava-se mais em trazer o dinheiro para casa. Quanto à filha também não era precisa que eu era desenrascada.

Ψ – O que é que a E. tentou transmitir à sua filha que é seu? Ou seja, quais são as suas qualidades ou características que tentou passar à sua filha?

E – Poupar, mas ela não é como eu. Gostava que ela tivesse sido mais poupada ao longo da vida. Eu é assim, eu sou poupada mas sou farta em casa, gosto de ter a casa cheia. Já fui mais agarrada ao dinheiro, hoje em dia não sou tanto. Não deixo faltar nada nem à neta nem à filha.

Ψ – E mais qualidades suas que gostava de ter passado?

E – Ah, não vejo assim outra qualidade que tenha que passar, é só isso.

Ψ – Quais é que são as suas qualidades? Às vezes não é muito fácil responder a esta pergunta, eu sei.

E – Não sei como é que lhe hei de dizer. É como eu já lhe disse, eu sou amiga do meu amigo, se passo na rua e vejo assim alguém a pedir gosto de dar, tenho pena da pobreza, isso não sou avarenta, não sou invejosa. Sei lá...

Ψ – Acha que tentou ser com a sua filha um bocadinho a mãe que a sua mãe foi consigo?

E – Não, acho que não.

Ψ – E como filha, acha que a sua filha é parecida à filha que a E. foi?

E – Sim, acho que a minha filha é capaz de dar tudo por nós, eu também fui assim. Sim, acho que sim. A minha filha é só o que eu lhe digo, pronto só gostava que ela fosse feliz e só quero o melhor para ela, isso é o que eu peço a Deus. De resto, que seja a vontade dela, foi ela que escolheu o marido, casou, foi à vontade dela, ninguém se meteu nesse assunto. O que lhe passei, é como lhe digo, coisas que gostava de lhe ensinar, que é assim e que é assim, mas pronto, há feitios das pessoas, as pessoas não são todas iguais.

Ψ – Então e com a sua neta, como é que é a sua relação com ela?

E – Como avó, adoro a minha neta é minha filha. A minha neta é a minha paixão, sei lá, a minha neta é a minha filha.

Ψ – A sua relação com a sua neta é diferente da que tinha com a sua filha?

E – É totalmente diferente. O amor é igual é só dizer que a gente não os tem. Só que a gente para a neta teve mais tempo, sou maluca com a minha neta e sou maluca com a minha filha, agora a minha neta, fui eu que a criei até ela ir para o infantário, ainda hoje ela vem cá almoçar, hoje por acaso não veio mas amanhã já vem. Pronto, tem semanas que

almoça aqui todos os dias portanto já pode ver a ligação que temos com ela. Somos uns avós babados.

Ψ – Acha que é menos rígida com ela do que era com a sua filha?

E – Ah, sim, muito menos, à minha filha ainda lhe dava umas palmadas no rabo mas nunca toquei na minha neta. Adoro a minha neta e a minha filha, o meu marido pronto, é diferente, acho que cada coisa no seu lugar, o meu marido é um amor, o amor da neta e da filha é outra coisa.

Ψ – Agora lembrei-me de uma pergunta que não lhe fiz. A sua filha ia para a vossa cama quando era pequenina?

E – Ai, muito, muito.

Ψ – Até muito tarde?

E – Ela levantava-se de manhã e sentava-se na cama, ao fundo da cama a conversar connosco. Horas e horas.

Ψ – Mas à noite não dormia com vocês?

E – Não, não. Dormia no quarto dela. Depois passou a dormir na sala, tinha um sofá cama. Mas agora também lhe digo que a minha neta é diferente. Conversa mais connosco do que com os pais, então com o avô é uma coisa louca. E a minha filha quando se deitava da cama a primeira coisa que dizia era “oh pai apaga a luz, porque a gente dormia com a porta aberta e ela dizia “oh pai apaga a luz””: Quando falar com ela, ela diz-lhe isso, só se não se lembrar. Posso-lhe dizer também que a minha filha teve uma infância feliz, foi criada muito feliz e com muito amor e carinho.

Ψ – Ok. E. quero agradecer-lhe muito, mais uma vez, a sua disponibilidade para estar a conversar comigo.

E – Só uma coisa, não correu bem, desculpe lá.

Ψ – Não se preocupe, correu muito bem. Obrigada. Depois se eu vir que me faltou perguntar alguma coisa não se importa que volte cá?

E – Não, não, nada.

Ψ – Ok, então está tudo. Muito obrigada.

E – O meu pai é como lhe digo, era aquela coisa mas ele adorava-me.

Ψ – Mas sentiu a falta dele em algum momento?

E – Não, o lidar com o meu pai, assim junto tive pouco tempo, de maneira que não estranhei assim... Mas depois quando ele morreu meu Deus (emociona-se). Mas depois quando me casei convivi com ele, o meu pai era maluco comigo, pronto era filha única, ele era maluco comigo. Depois de nós casarmos os meus pais já estavam juntos e todos os anos íamos para casa dos pais, e íamos buscá-los mais o meu marido eles passavam 15 dias lá em casa, a minha filha há de se lembrar. O meu pai adorava-me, de maneira que tinha ligação forte com o meu pai como tinha com a minha mãe. Estimei sempre muito os dois. Portanto é assim olhe. Eu já tinha dito ao meu marido, eu sei que as pessoas vão ao psicólogo para se tratar mas a coisa que eu mais gostava era ter ido a um psicólogo contar a minha vida toda. Parece-me que bateu na porta sempre.

Ψ – Que bom, fico muito feliz E. Muito obrigada.

Anexo II – Entrevista C. (Mãe)

A C. apresenta uma figura bem cuidada e confiante. Exibe um discurso organizado, fluído e apresentou uma boa compreensão das perguntas colocadas pela entrevistadora. Apresentasse ansiosa mas é algo que vai diminuindo ao longo da entrevista.

Dados Biográficos

Nome: C

Idade: 45 anos

Naturalidade: Lisboa

Residência: Linda-a-Velha

Profissão: Professora

Número de filhos: 1

Com quem vive: Marido e Filha

Ψ – Olá C., o meu nome é Inês. Quero antes de mais agradecer a sua disponibilidade para participar no meu estudo. Sou estudante de Psicologia Clínica e estou no último do mestrado a realizar a dissertação do final de curso. O estudo que estou a desenvolver para a minha dissertação está relacionado com a maternidade e o meu objetivo é perceber o que é que é passado, ao nível psicológico, de mãe para filhos. Vou-lhe pedir que me responda a algumas perguntas que lhe vou colocar o mais abertamente possível.

C – Ok.

Ψ – Então, a primeira pergunta que lhe quero fazer é como é que a C. era em pequenina?

C – Era muito alegre, gostava muito de cantar, metia-me com as pessoas na rua, tenho fotografias no estádio nacional a pegar num tronco a fazer de microfone mas não tenho jeito nenhum para cantar (risos), os meus pais levavam-me muitas vezes a fazer piqueniques no estádio nacional e tenho essa imagem. Depois a minha mãe foi cozinheira, durante 20 anos, num infantário e eu fui criada com a minha mãe. Por isso, nós vivíamos

numa casa muito pequenina, 2 assoalhadas, vivíamos os três, sou filha única não é, e as imagens são essas, eu era uma miúda muito alegre, ia com a mãe para o infantário, fui sempre criada com a minha mãe, desde os 2 anos e meio que ia para lá com ela. E pronto, a imagem que tenho é essa, de ser uma miúda alegre, brincalhona, conversadora.

Ψ – Lembra-se como é que foi a sua entrada para a escola primária?

C – Lembro. Portanto eu estava no infantário com a minha mãe e depois a primária tinha que subir uma rua, então uma educadora de infância ofereceu-se para me levar porque a minha mãe tinha um horário muito apertado lá dentro, e eu comecei a ir com essa educadora de infância. Não chorei, tive uma boa adaptação, tive uma péssima primária porque tive 4 professores, não tenho aquela recordação da professora da primária. Tenho uma história engraçada acerca da última, portanto a que me fez o 3º e o 4º ano, a Professora Céu, depois a Professora Céu reformou-se e eu tirei o curso de professora, eu trabalhei 11 anos no privado quando fui para o público abriu uma vaga e a vaga era da minha professora primária. As pessoas acham muito engraçado.

Ψ – Essa professora marcou-a?

C – Sim, tenho boa imagem dela mas não tenho assim uma marca do professor primário, porque tive vários.

Ψ – Como é que era a sua relação com as outras crianças, na escola e fora da escola?

C – Em pequenina ou já mais crescida?

Ψ – Em pequenina.

C – É assim, eu tinha algum ciúme de... (risos) Ai, de uma coisa tão parva mas eu vou contar. É assim, no infantário onde eu estava com a minha mãe, eu era cheinha, e a minha mãe primava muito por me arranjar os cabelos e eu era conhecida pela menina dos caracóis, eu tinha o cabelo loiro e a minha mãe era muito cuidadosa, fazia-me penteados diários, mas eu era muito infeliz porque usava botas ortopédicas. Na altura as miúdas usavam, portanto ainda que eu usasse vestidos, aquilo para mim era traumático eu ir de botas e as outras poderem usar sapatos. E lembro-me de uma menina, muito magrinha, muito bonita, usar umas meias de risquinhas até ao joelho, que eu achava que aquilo era o máximo, e portanto ela era linda e eu era muito feia porque tinha botas e não tinha aquelas

meias. Pronto, e a minha mãe lá fez um sacrifício de me arranjar umas meias parecidas. Mas... Pronto eu sentia-me assim um bocadinho o patinho feio ali porque era mais cheinha.

Ψ – E isso fazia com que se inibisse nas relações?

C – Não, não, não, não tenho essa ideia, gostavam de mim, eu era muito comunicativa.

Ψ – E dava-se facilmente? Fazia amigos com muita facilidade?

C – Fazia fazia, a minha mãe era muito querida de levar os miúdos para casa, os vizinhos, fazia os lanchinhos. Não, eu isso não... Era um bocado comigo mesma, sentia-me ali... Não sei, com algum complexo por causa das botas e depois tenho aquela imagem de vestido, cheinha e com a bota ortopédica e as outras magras, de sapatos e com a minha da risca.

Ψ – E isso foi logo...

C – Para aí com 5/6 anos. Portanto, na primária volta a haver a moda da minha d risca, e na minha turma, por acaso tenho uma fotografia que... Eu tou a falar e a lembrar-me. Na minha turma havia uma miúda que era nadadora do Sport Algés e Dafundo, que hoje é uma figura pública da televisão, Sílvia Rita, que aliás é responsável pela natação acrobática, e ela andava com a dita meia de risca, portanto aquilo na nossa época, as magras usavam a meia.. Mas ela era tão minha mãe, era. Eramos muito amigas.

Ψ – E ainda são?

C – Olhe não. Encontrámo-nos por acaso pelo *facebook* mas não.. Perdemos o contacto.

Ψ – Então e tinha amigos mais próximos, mais íntimos e outros mais afastados?

C – É assim, dessa idade não tenho amigos até hoje. Reencontrei... É assim, nessa altura, em pequenina, antes da escola primária, portanto ainda no infantário, tinha uma amiga que era a Clarinha, que conheci desde 2 anos de idade. Eramos super amigas, só que depois mudámos de escola, cada uma seguiu o seu percurso, depois reencontrámo-nos na adolescência, por isso ela ainda foi ao meu casamento, depois, olhe, depois deu-se uma coisa muito parva. Ela foi trabalhar para a SIC e eu fui dar aulas para Algés, portanto relativamente perto, e eu ia visitá-la. E na SIC proibiram as visitas, porque achavam que as amigas iam lá incomodar e chamaram-na à atenção. E eu fiquei muito ofendida e nunca mais a fui visitar, fiquei quê... 4 anos sem a ir visitar.

Ψ – Ficou ofendida com ela porquê?

C – Porque ela disse-me, e não nos podíamos encontrar fora porque ela tem uns horários completamente loucos, trabalha se for preciso pela noite dentro. Pronto não conseguia horário para ir ter com ela e como ela me disse que a tinham proibido eu disse “Ah, então como é que eu a vou ver?”, fico à espera que ela me chame. Nem ela me chamou nem eu nunca mais a procurei, conclusão, um dia soube que o pai dela faleceu e não consegui estar presente, nem no velório nem no funeral, e aquilo mexeu comigo, liguei-lhe, pedi-lhe desculpa, deu-se o reencontro, estamos super amigas e agora voltámos a ser o que eramos.

Ψ – Passados os 4 anos?

C – Sim, sim, passados os 4 anos. Continuo a ter que ir lá porque o horário dela está cada vez pior. Continuo a ter que ir lá. Portanto, quando é que eu a vejo? Quando passo na SIC e vou lá comer um pastel de nata, eu chamo-lhe a amiga do pastel de nata. Ficámos se for preciso algumas horas a conversar... Ela não tem horário, por exemplo agora nos globos de ouro ela não tinha roupa para vestir, liga-me eu vou lá ajudo-a, sabemos que... Eu fui operada ela logo me ligou, muito querida e pronto, foi-me dar um beijinho, mas não temos horário.

Ψ – Ok. Mas agora ela já a procura?

C – Sim, sim. Aquilo foi uma fase muito difícil naquela empresa, foi, a SIC teve ali um bocado em baixo e restringiu muito as entradas das pessoas. E depois ela teve medo como a chamaram à atenção de que não podiam estar a receber pessoas de fora.

Ψ – Ok. Como é que caracteriza as suas relações de amizade? Agora podemos falar atualmente.

C – Ahh Eu sou filha única e como não tenho irmãos prezo muito os amigos, por isso entrego-me demasiado. Espero que os amigos me deem aquilo que eu lhes dou e isso não acontece. E eu não aprendo porque, é assim, eu gosto muito de dar e gosto muito de dar aquilo que tenho, por exemplo e independentemente do que aquela peça me possa ter custado, não ligo a isso. Por exemplo, vou-lhe dar um exemplo: Eu tinha umas botas que pa pronto, tinham sido bastante caras, mas como não me apertavam eu ofereci as botas a uma amiga. E isto passou-se várias vezes, ofereci-lhe várias vezes.

Ψ –E ela nunca lhe ofereceu nada a si?

C – Não não, ela não me deu amizade em troca. Eu não queria que ela me oferecesse nada.

Ψ – Ah Ok.

C – Eu queria que ela me retribuísse de algum modo. Huum...As pessoas pensam, tipo, “ah ela dá porque tem a mais” as pessoas não pensam: “ela dá porque quer, porque isso faz parte”. É assim, eu não fui criada com muito, porque os meus pais são pessoas humildes e não tive assim brinquedos na minha infância, não tive, não tive. Mas é assim, os natais mais felizes da minha vida foram na minha infância. Os meus pais, andávamos de gatas na casa a brincar os três, eu tinha praí 18 anos. Sim eu tenho um laço afetivo fortíssimo com os meus pais, eu chego a casa dos meus pais desligamos a televisão, ficamos praí 3 horas a conversar e não se esgota o tema. Pronto, por isso ah... para mim os valores materiais não são tudo na vida. Claro que a nós sabe-nos bem mas as pessoas hoje o que é que pensam? “Ela dá porque tem a mais”

Ψ – Não valorizam a atitude.

C – Não. E eu isso custa-me, percebe? Isso custa-me, olhe por exemplo esta miúda que eu lhe estou a falar, que a calcei, que a vesti, porque ela estava cá em Lisboa um bocado desamparada e eu quis dar-lhe aquilo que tinha, porque também via que ela tinha dificuldade. Quando chegou o natal ela veio-me oferecer uma pulseira e a pulseira estava-me grande. Encontrámo-nos para tomar um café, a pulseira estava-me grande e eu disse-lhe: “Olha é melhor levares a pulseira, como foste tu que fizeste apertadas um bocadinho”. Portanto já passaram 5 meses do natal e ela não me veio dar mais a pulseira...ah eu mando-lhe mensagens, eu ligo-lhe ela não atende. Eu mando mensagens ela responde, e então ela diz “Eu não gosto de...não gosto de falar ao telefone, desculpa lá eu só gosto de escrever”. E eu aceitei isso, pensei, pronto tenho que aceitar ela é assim. Só quando foi o natal, no dia em que eu lhe ofereci as quinquagésimas botas, porque como lhe digo, calçava-a e pronto. O que é que acontece ah... estamos no café e ela atende dois telefonemas à minha frente. Pronto e eu fiquei magoada. Eu não me posso magoar assim, mas eu fico mesmo, porque penso, epá sou usada porque no fundo as pessoas vêem-me como aquela que a pode vestir ou calçar ou dar ou não sei que, mas isto não é ser amigo

Ψ – E disse-lhe alguma coisa? Falou com ela, disse-lhe que estava zangada ou triste?

C – Não fui capaz. Não fui capaz, fiquei muito sentida, epá engoli pensei, epá isto vai passar ela pronto. Mas não, isto voltou ao mesmo e portanto eu neste momento cortei relações, vou-me afastando deixei de ligar deixei de enviar as mensagens, pronto. Não...ah... esta era uma amizade recente, agora, uma amizade profunda que...hein...é assim...eu eu eu

não gosto de relações líquidas, eu gosto de relações sólidas. Gosto de amigos que se dispam de preconceito e que comam no chão como comem na mesa, brinquem sem vergonha sem... e hoje em dia é muito difícil encontrar isso. As pessoas dão-se porque socialmente lhe dá jeito dar-se bem com A, B ou C, percebe?

Ψ – Percebo.

C – Ah...E tenho várias histórias de amigas que não me dei muito bem. Pronto a história da grande amiga que me marcou na minha vida, tenho duas. Olhe, tenho uma amiga que não sei se posso alargar este... É assim, eu tirei um curso, portanto, fui tirar o curso de professora e encontrei uma miúda muito tímida no curso muito encolhida lá ao canto e puxei muito por ela porque sou muito faladora. E ficámos logo amigas. Tirámos o curso juntas, ela namorou muitos anos com um rapaz de boas famílias, muito conhecido, enfim, socialmente. Namorou muitos anos com ele e...não... quase na altura do casamento ela ficou indecisa se casava ou não. E as suas amigas populares, na nossa época também já havia as populares, as coqueluches de Cascais, todas lhe diziam (imita) “Tens de casar! Que ele é supé bem! Tu tens de casar”. E eu dizia-lhe: eu acho que não te deves casar. Se não gostas dele, o que é que interessa namorares 9 ou 10 anos? Bom, mas ela casou-se com pompa e circunstância e na véspera já estava interessada noutra rapariga. Ah... e pronto eu fui contra achei que ela não devia... mas pronto ela casou-se, aquilo foi um mega casamento e ela foi infeliz, claro. Esteve casada 1 ano e durante esse ano foi a preparação para um divórcio, sendo que os pais lhe disseram “olha se tu te separares nós deserdamos-te e não falamos contigo e saís de casa, nós não te vamos abrir a porta”. E eu disse, “se tu te separares, fazes bem que era o que tu nunca te devias era ter casado. Eu recebo-te em minha casa, abro-te a porta, vou só falar com a minha família porque quero que saiba”. Os meus pais opuseram-se, disseram que eu não era boa do juízo porque eu estava casada há cinco meses, portanto em lua-de-mel, ela era uma rapariga muito gira e eu era louca, então agora eu ia por uma amiga em casa recém-casada. Pronto o divórcio deu-se e ela veio para minha casa. Eu ia trabalhar e ela ficava em casa com o meu marido, ela ficava a tomar banho numa casa de banho ele ficava noutra. Como irmãos. É assim ela foi madrinha da minha filha, nós fomos padrinhos de casamento deles. Portanto, isto só pra lhe contar... isto é uma história de amiga amiga que eu acho ninguém fazia o que eu lhe fiz. Hum.. esteve em minha casa 6 meses, 6 meses, passou o natal...passou...pá acho que uma prova de amizade muito grande, não é?

Ψ – Sim sem dúvida.

C – Pronto, os anos passaram e ela voltou a viver no ambiente de cascais e portanto eu não lhe ensinei nada.

Ψ – Mas ela afastou-se de si?

C – Afastou-se, afastou-se... afastou-se ela ...huum...pronto tinha assim a mania que era mais gira, melhor do que eu, enfim, ou eu teria um complexo de inferioridade, também podia ser por aí, pronto. O facto é que nos fomos afastando porque eu não tenho essas manias. Ela relacionava-se interesseiramente com as pessoas e eu não. E depois fui muito idiota (Ri-se) porque arranjei uma amiga fantástica, a grande amiga da minha vida. A minha filha andava no infantário e conheceu, olha porque andava com a Inês na escola e nós íamos as duas leva-las ao infantário portanto ficámos amicíssimas. E a miúda era gira a miúda vestia-se lindamente a mãe era gira uma coqueluche, portanto a para a minha comadre aquilo era a amiga alvo. Eu não podia ter uma amiga melhor do que ela. Bom mas como eu sou muito parva juntei-os todos. Conclusão, os anos foram passando, temos filhas adolescentes, criou-se, instalou-se um ciúme de tal maneira que a minha comadre começou afastar-se, e então, ou combinava estar com esta minha amiga sem eu estar, ou quando estávamos todos não era confortável. Pronto, resumindo e baralhando todos nos afastámos uns dos outros porque eu não gosto de relações falsas. Portanto, esta minha amiga acabou por se divorciar há dois anos atrás. A Inesinha seguiu um percurso, enfim, também nunca mais a vi, já não a vejo há quase um ano. A minha comadre também se afastou.

Ψ – No fundo perdeu toda a gente, não é?

C – No fundo é assim... Perdi, perdi, olhe, vamos lá ver em relação à minha comadre a Sónia, a Sónia só tem uma filha pronto e o que é acontece? Eu só madrinha, e eu sou uma pessoa que digo aquilo que penso e não devo. Eu via a Francisca, a minha afillhada, a ser mal-educada, a ser irreverente e dizia-lhe. E a mãe não aceitava isso. E eu não devia dizer... um dia ela faltou-me ao respeito em minha casa e eu segurei-lhe o queixo e disse-lhe “olha minha querida, tu a mim não me faltas ao respeito. Com as tuas tiazocas de Cascais fazes o que quiseres, a mim em minha casa respeitas-me”. Pronto, o que é que eu fui dizer? À minha comadre pareceu-lhe mal e afastou-se, delicadamente foi deixando de vir aos almoços, percebe? Foi-se afastando porque...e depois um dia disse-me “porque tu falas com a minha filha, parece que não gostas dela”. E eu ainda disse, tinha ela prai 15 anos e eu disse: “Não, não é não gostar, eu acho é que tu não a educas da melhor forma, mas pronto. Não consegues aceitar”. Então ela levou a miúda a um psiquiatra e a miúda hoje está super

medicada, aos 16 anos foi medicada. Ela não me quis ouvir. Para mim aquilo era um problema educacional, mais nada, relacional com a mãe. Pronto, mas não me quis ouvir. E agora eu sou madrinha, não consigo intervir porque se eu falo, então ela qualquer dia deixa de me falar, então olhe nós temos encontros sociais, por exemplo na Páscoa encontramos, no natal nos aniversários, socialmente damo-nos mas já não somos amigas.

Ψ – Deixa-me perguntar-lhe uma coisa que está aqui a matutar na minha cabeça. Porque é que a C. continua a fazer tanto pelos outros se eles lhe provam tantas vezes que não merecem esse tanto que a C. dá?

C – Não sei, é a minha forma de estar, se calhar eu gostava que o mundo fosse mais assim, que as pessoas se ajudassem mais umas às outras de forma desinteressada. O facto é que as pessoas olham-se umas para as outras sempre com uma segunda intenção, não é por aquilo que é, é por aquilo que tem. Inevitavelmente ao longo dos anos eu deparo-me com isso.

Ψ – E tens amigas genuínas?

C – Tenho, tenho, tenho uma amiga que foi criada comigo, que é a Ana, foi criada comigo, dormíamos em casa uma da outra, passámos a infância juntas, namorámos os melhores amigos, o meu marido e o namorado dela, durante 9 anos, pronto depois aos 20 ela encontrou outro homem, enfim, por quem se apaixonou e levou outro rumo e não teve coragem de me dizer, deixou de me falar, não conseguiu, e eu casei-me com o meu marido e o ex-namorado dela foi meu padrinho de casamento.

Ψ – Porque é que acha que ela não conseguiu dizer-lhe? Ela explicou-lhe?

C – Porque o indivíduo era casado e pronto, ela não foi capaz. Teve medo que eu não aceitasse e não me disse e depois pronto, passaram 20 anos, eu casei-me nunca mais a vi e agora 1 ano e meio reencontrámo-nos e pronto, perdemos muito tempo mas somos amigas mesmo verdadeiras.

Ψ – A C. acha que se dá com muita facilidade às pessoas?

C – Acho.

Ψ – Mesmo quando não as conhece bem?

C – Mesmo quando não as conheço.

Ψ – E por isso é que depois se desilude?

C – Exatamente.

Ψ – Então, volto a perguntar, porque é que acha que continua a dar tanto sem exigir à partida nada em troca, sendo que quando nós damos, mesmo que seja inconsciente, esperamos sempre que o outro retribua de alguma forma.

C – Mas é assim, nós quando damos, pois tem razão, esperamos sempre alguma coisa em troca não é, mas eu não sei... Faz parte de mim, não sou capaz de não dar. Por exemplo, a minha outra grande amiga, e essa é minha amiga há muitos anos, é a minha médica obstetra por acaso, ela foi criada com o meu marido desde bebé e depois ficámos muito amigas, fez-me o parto, portanto, a minha filha vai fazer 19 anos tá a ver, e somos amigas íntimas. Pronto, é uma pessoa a quem eu antes de dar ela já está a dar, pronto é uma pessoa muito parecida comigo, que é muito difícil de encontrar, pronto não tem assim... É uma pessoa formidável, dá o que tem e o que não tem e então emocionalmente está sempre a ajudar. Mas eu não tenho muitas amigas, eu vou-lhe contar pelos dedos das mãos, e vão-me sobrar dedos. Portanto, estas duas, tenho uma terceira grande amiga, que é a Sara, pronto que também é uma mulher que pensa como eu, acho que ela ainda consegue ser pior do que eu, pior do que eu, olhe eu vou-lhe contar. Estávamos num restaurante, um dia destes fomos jantar todas, estávamos num restaurante e ela sem querer derrubou a mala de uma senhora que estava pendurada num ganchinho, aqueles que se põe para a mala, e o gancho partiu-se, ela abre a carteira, tinha um novo que a avó lhe tinha dado, a avó dela tem 95 anos, portanto era uma coisa de recordação, ela pega e vai dar à senhora, com um beijinho de parabéns porque a senhora fazia anos, estava o bolo em cima da mesa, claro que a senhora a seguir veio-nos dar o bolo. Ela é assim, é super espontânea, super amiga, noutra dia fui fazer um anúncio, não tinha com quem ir, ligo “Sara, vens comigo?”, a Sara teve 3 horas, ainda me foi comprar um pastel-de-nata. É assim, a minha super grande amiga também, além da médica que é um amor. Não vou escalonar, tá bem? Mas pronto. As minhas 3 grandes amigas. Depois tenho uma enorme amiga, que é a Susana, que é uma miúda que foi criada comigo também e que também não nos vimos durante para aí 16 anos, ela foi viver para Oeiras e eu fiquei aqui, nunca mais a vi, reencontrámo-nos há 2 anos, olhe é como reencontrar uma irmã. Essa foi mesmo, na altura até da minha mãe estar no infantário, portanto conhecia para aí com quê, 10 anos.

Ψ – E na altura separaram-se?

C – Não, perdemos o contacto. Portanto ainda nos demos até me casar. Porque acontece é que o meu marido era de Linda-a-Velha e eu era de Algés, ou seja, os amigos daqui eu deixei porque quando se começa a namorar é uma parvoíce, mas vamos atrás do namorado e dos amigos do namorado, e então eu deixei de me dar aqui com os de Algés, perdi, afastei-me. Pois, ele tava na faculdade em Lisboa, no Campo Grande, na Clássica, ia para o Campo Grande ter com ele, passei a dar-me com os amigos dele e...

Ψ – E ele não fazia o inverso, não se dava com os seus amigos?

C – Não, não, porque eu dava-me com gente muito diferente. O Manuel é uma pessoa muito séria. Bem, eu na minha adolescência fui muito irreverente, coitada da minha mãe. Eu fui muito irreverente, embora fosse uma miúda muito bem comportada e com os valores incutidos, não é, mas eu ia para a praia de Algés rebolar-me para as calças de ganga ficarem russas, o meu marido era vestido com gravata, eu virava o cabelo para dentro do lavatório, lavava com gema de ovo para ser loira, peguei em lixívia, fiz umas madeixas porque queria ser loira. O Manuel usava uns oculinhos redondos, tá ver? à antiga, com um coletezinho dos porfrios, eu usava um blusão de fecho de cabedal e nunca tinha posto uma saia na vida até aos 16 anos..

Ψ – Porque não gostava?

C – Não, nem sabia andar de saia, andava de jardineiras e de calças, eu aos 13 anos queria furar as orelhas e tinha medo, então uma amiga minha, que hoje é atriz, congelou-me as orelhas e furámos as orelhas em casa, hum... (risos) Era terrível, a minha mãe vestia-me com uma sainha plissada e a minha mãe trabalhava aqui no infantário que era um portão comum à escola preparatória, portanto 5º e 6º ano, e então no intervalo a minha mãe via que eu não estava nem com a sainha plissada que ela me tinha posto, nem com os sapatos. Porque eu roubava as camisas ao meu pai, ia para o balneário da escola apertar umas calças super russas, muito apertadinhas, com a camisa do pai larga por cima e a minha mãe via-me no intervalo naqueles propósitos, por isso apanhava.

Ψ – Porque é que fazia essas coisas?

C – Não gostava como a minha mãe me vestia, queria uma coisa mais prática, para ser *fashion*. Eu queria ser como as outras. Queria ser moderna. Os meus pais não tinham poder económico para ir aí às marcas, às compras, então eu tinha que me virar, ruçava na praia, rasgava e uma vez a minha mãe pegou na tesoura, que horror que trauma, foi à varanda e

disse, acabou, estás a ver as calças? E cortou-me as calças (risos). Aquilo depois, já estavam tão feias que a minha mãe... Também era mau para ela, deixa andar a filha rota, era mau para a imagem da mãe. Mas pronto.

Ψ – Já teve alguma experiência de perda ou de separação, em relação a uma pessoa que seja significativa para si? Entre os seus amigos, já me disse que sim, que teve algumas experiências de perda.

C – Tive essas sim. Tive uma recentemente, portanto há 2 anos, eu restringi muito o meu ciclo de amigos a um casal, o Rui e a Sandra, porque as miúdas foram colegas desde os 2 anos como eu disse, e portanto, a minha filha agora vai ver 19 e a Inês, são exatamente da mesma idade. E a Inês ia de férias connosco, muitas vezes, já vários anos, depois os pais iam lá ter e pronto, há 2 anos atrás, a mãe decidiu separar-se mas a Inês estava comigo no Algarve, e ela telefonou-me a dizer “C. eu separei-me”, e a miúda estava comigo e foi no dia dos meus anos, foi muito desagradável, marcou-me muito porque era a minha grande amiga a quem eu contava todas as intimidades e ela a mim, pronto, e ela separou-se, pediu-me um tempo para falar e esse tempo foi infinito e ele por sua vez foi ter connosco, chorou, desabafou e pediu-nos ajuda. E eu apoiei-o a ele. Ora, como o apoiei a ele, ela achou que eu lhe tinha virado as costas a ela e deixou de me falar. Pronto, e perdia como amiga.

Ψ – Essa separação implicaria sempre com a vossa amizade?

C – Eu já cheguei a essa conclusão. Quando um casal de amigos se separa inevitavelmente toma partido. Porque já me aconteceu várias vezes, a minha amiga médica divorciou-se, ele deixou de me falar. O Rui divorciou-se, a Sandra deixou de me falar, hum... Uma amiga de que não falei, porque enfim acho que já também, já tivemos muitas avessas na vida, a Iolanda separou-se, ele deixou de me falar. Portanto é assim, já são vários.

Ψ – Portanto com esta amiga nunca mais falou desde aí, ela nunca mais a procurou para conversarem?

C – Não, não.

Ψ – E a C. tentou falar com ela?

C – Tentei. É assim nós... Quer dizer tentei. O que lhe disse ela não gostou, eu disse-lhe que ela devia procurar um psicólogo porque um psicólogo podia fazer-lhe bem, ela achou que eu lhe estava a chamar nomes ofensivos e pronto.

Ψ – E como é que a C. reage a essas perdas?

C – Muito mal, fiquei a chorar 1 ano. Muito mal, eu não conseguia falar nela. Ia com o Rui, o Rui chorava para um lado e eu para o outro, o meu marido já não conseguia ouvir-nos aos dois, hum... Foi muito mau, muito mau, muito mau, era a minha grande amiga. Íamos para a noite, íamos jantar, íamos dançar, tudo. Porque eu afastei-me muito da Sónia não é, com as ciúmeiras das miúdas afastei-me portanto agarrei-me muito à Sandra. E fui muito parva, eu acho que nós não nos devemos agarrar só assim a um casal, porque eramos muito só os quatro só os quatro, os seis com as miúdas portanto. Reagi muito mal.

Ψ – A C. acha que tem relações muito dependentes com os seus amigos? E por isso é que depois se magoa tanto e está, como com esta amiga, 1 ano a chorar. Pensa que é por de alguma forma ser dependente deles?

C – Não sei se é dependente. É porque eu espero que tenham o mesmo cuidado comigo que eu tenho com eles. Porque por exemplo, olhe outra amiga minha de infância, eu digo que não tenho amigos e a minha filha critica muito porque diz “mãe, eu não conheço ninguém com relações tão fortes como tu” pronto, mas eu depois como me sinto traída digo que já não tenho amigos. Porque para mim ser amigo é uma pessoa que está presente na nossa vida, sempre de alguma forma, não é só nas festas não é? Eu reencontrei uma amiga minha, também aqui de Algés, e quando soube que ela foi operada fui a voar ter com ela, pronto, reencontrámo-nos e tivemos muito próximas durante 1 ano, também tínhamos ficado bastante tempo sem nos vermos, entretanto ela para aí há uns 2 meses para cá, deixou de me telefonar, deixou de... Não sei porquê, há de andar em trabalho, há de andar embrulhada nas suas coisas pronto. Mas eu levo muito a peito, mas eu já fiz essa análise, porque é que tenho que levar a peito? Ela não é como eu, é uma pessoa mais desligada. Mas eu tenho necessidade realmente... Agora fez-me a pergunta, tenho necessidade que as pessoas me retribuam de alguma forma, para sentir que gostam de mim, senão eu de imediato penso, pronto esta já não é minha amiga.

Ψ – Às tantas a C. dá tanto tanto logo de início que se calhar com o intuito de agradar àquela pessoa.

C – Mas é assim, por exemplo, eu vou sair à noite, eu convido amigas A, B, C, sendo que são todas diferentes, depois às vezes a coisa corre mal, porque... Mas eu convido sempre. Depois venho a saber que o A saiu com outras, que o B com outras e ninguém me disse nada. E eu vejo no maravilhoso *facebook* que é a exposição da vida das pessoas, epá e fico “mas afinal o que é isto, então eu sou tão cuidadosa e estou sempre preocupada em convidar e esta anda aqui no forró não me diz, ai é? Então para a próxima também não digo”. Mas fico a moer, aquilo fica-me...

Ψ – E diz-lhes ou não? Ainda não percebi se fala dessas suas zangas.

C – Não, afasto-me. E elas não me procuram a seguir.

Ψ – Nunca?

C – Não, não é nunca, às vezes perguntam.

Ψ – Perguntam o que é que se passa, apercebem-se que a C. está estranha?

C – Não, fingem que não, eu estou sempre bem para as pessoas. As pessoas não têm essa preocupação, acham que eu tenho sempre programa e que estou sempre na maior e que estou sempre. Eu não mostro esse lado, de que fico mesmo triste.

Ψ – Porquê?

C – Ah... Porque... Epá porquê. Acho que não vale a pena, acho que as pessoas... Por isso é que eu lhe digo que as verdadeiras amigas são aquelas três ou quatro. As pessoas não querem saber, não perdem tempo, epá para quê, vou-me estar a mostrar. Olhe, eu um dia destes desabafei com essa rapariga que foi operada e que eu visitei e quando eu fui operada também me visitou, a Alice. Desabafei com ela, fiz-lhe um telefonema íntimo, liguei-lhe e disse, “epá oh Alice, vou desabafar contigo que a minha filha está numa fase tão difícil, agora quer mudar de curso, agora não tem amigas, agora... Epá e tu que tens uma filha que é uma miúda que está tão serena, podias-me dar uma ajuda, juntá-las a ver se... Epá eu desabafei quase em socorro, e ela há 2 meses que não me liga. Isso é ser amiga? Isso não é nada, ela ouviu o meu desabafo e passou por cima e não quis saber. Ontem meteu-se no *facebook* comigo, oh, oh Inês, eu não... Pus um gosto, um *like* é assim que se diz não é? E disse, epá eu vou manter uma relação supérflua com ela porque se eu algum dia me sento à mesa e encho o saco... Que eu tenho este problema, o meu saco é muito grande, mas

depois no dia em que o saco enche eu rebento e nunca mais falo com aquela pessoa, nunca mais.

Ψ – Morre para si aquela pessoa?

C – Morre completamente, mas é que eu não falo. Olhe eu vou-lhe dizer uma coisa, eu quando me zanguei com a Sandra, hum... Enfim, eu esperei o tal dito tempo na separação para que ela viesse ter comigo, e certo dia estamos no Oeiras Parque, numa *boutique* a escolher uma saia e eu vejo uma mão, a escolher a mesma saia, era para as filhas e tínhamos um gosto parecido e portanto estávamos a pegar na mesma saia. Quando ela se vira, eu dei de caras com ela, não falávamos já para aí quê... Um mês ou dois. E ela olha-me nos olhos, desvia o olhar, dá dois beijos à minha filha e vira-me as costas. E eu vim para fora da loja e esperei por ela. E ela estava cheia de receio de sair da loja porque viu que eu estava à espera. E eu esperei cá fora e disse “anda cá. Tu por acaso...” porque eu falo, eu demoro muito a falar e só falo com quem realmente hum... Eu considero muito, e a Sandra era a minha grande amiga mesmo. E eu virei-me para ela e disse-lhe “ouve lá, tu lá dentro viraste-me as costas a mim e estás a falar à minha filha?” “Ah, eu estou muito ressabiada contigo” foi esta a expressão e eu disse “Olha, ouve bem o que eu te digo, se não falas comigo, não falas com quem é do meu sangue, portanto acabou para ti eu e a minha família, zero, podes apagar toda a gente do *facebook*, e comigo não falas mais porque agora quem não quer falar contigo sou eu”. Nunca mais, apagou o meu pai do *facebook*, apagou-me a mim, ela fez o que eu pedi no fundo, eu chorei essa amizade mas ela fez o que eu pedi e nunca mais, já nos cruzámos, nós vivemos muito perto uma da outra, evito não é, eu se for a mercearia e vir que está lá o carro dela não entro e ela faz o mesmo.

Ψ – E zangaram-se assim... (interrompe)

C – Por nada, porque ela se separou. Ele começou-me a dizer mal dela, ainda aticou mais a fogueira, ele começou a dizer que ela não era minha amiga e que dizia mal de mim nas minhas costas, eu não sei se é verdade ou não, nunca pude tirar a limpo, pronto. Eu depois, como sou muito idiota, isto foi no Verão, portanto em Agosto, e quando chegou ao Natal ela fez uma viagem para muito longe e eu chorei esses meses todos e não podia falar no nome dela que desatava a chorar, pronto, e soube que ela viajou no Natal e feita parva mando-lhe uma mensagem “Em nome da nossa amizade, penso que é uma época em que devemos refletir, quero-te desejar tudo de bom, um feliz Natal, tatatatata”, e ela

responde-me secamente “o meu caminho quem escolhe sou eu e tu não estás nele”. A partir daí disse “morreu”, pode passar do outro lado da rua que acabou.

Ψ – E guarda saudades dela?

C – Guardo, guardo, porque vivemos muitas histórias boas não é? Assim muita coisa boa. Foram 18 anos não é, não é uma amiga... É porque agora, oh Inês, eu agora estou a reencontrar amigas de infância, enfim... Isto agora é a saudade, é muito giro porque eu separei-me da Sandra há 2 anos e nestes 2 anos têm-me aparecido, eu sou uma pessoa católica, creio com força numa força divina, não sou uma pessoa que vá à Igreja, não, vou muito raramente e acredito que Deus fechou-me aquela porta mas que me abriu outras muito boas. E as minhas amigas de infância aqui de Algés, eu estou a dar aulas aqui, deve ter sido por isso não é, reencontrei-as e tem sido muito bom. São lufadas de ar. Mas agora, passaram muitos anos...

Ψ – Já mal se conhecem...

C – Exatamente, há coisas que mudaram. Pronto, vamos ver.

Ψ – Mas a C. mesmo com essas desilusões todas continua a apostar nas pessoas, não é?

C – Sempre, eu sempre sempre sempre.

Ψ – E de onde é que vem essa vontade, identifica-se com a sua mãe nisso, ou pensa que isso vem da sua mãe?

C – Isto vem da minha avó materna. A minha avó materna era muito parecida comigo, dava tudo mas depois no dia em que se enchia fugia de casa e batia a porta. E eu faço isso, eu dou dou dou dou e dou tudo, eu dei aulas aqui, os miúdos eram do bairro da lata, e eu saía da escola toda maquilhada, chegava a casa limpava a cara, punha um carrapito, vestia um fato de treino, ia para o bairro dos negros, Outurela, dar comida, dar roupa, dar móveis, encher a casa das pessoas, e eu vinha para casa aiiii! Com a minha alma cheia porque tinha ajudado. Adorava. E eu sou assim, eu fiz o mestrado em dinâmicas de família, sociologia, fiz um estudo de caso numa família que eram os meus alunos, hum... Construí, pronto, ajudei a construir a casa dela, que era uma casinha só com um quarto, muito pequenino e uma *kitchnet*. Fui eu que ajudei a contruir, sei lá, dei forninho, micro-ondas, móveis, sofás, edredons, camas. E dou, e gosto de dar, nunca ia lá sem levar comida, porque os miúdos precisavam, pronto... Essa história teve um final triste porque ela, fez agora 1 ano,

suicidou-se debaixo de um comboio, portanto foi assim uma história que acabou muito mal. Eu entreguei-me muito, entreguei-me muito. Eu não me posso entregar tanto, agora ajudo outra família, também são nossos amigos, mas já não me entrego tanto. Vou lá no Natal, pronto... A meio do ano. Mas já estou mais defensiva, que é para não sofrer, que uma pessoa depois também sofre não é, envolvesse, também sofre. Mas a minha avó era assim tal como eu, ajudava a população, eu lembro-me de levar brinquedos para a aldeia no verão, e a minha avó pegava nos brinquedos e dava. Depois eu chegava lá “então onde é que andam os meus brinquedos?” “Ah, tu não precisas, andavam aí uns miúdos na rua, e eu dei”. Epá e eu lembro-me que aquilo custou... Já tinha poucos, e ela dava e eu sou muito parecida a ela nisso.

Ψ – Passou muito tempo com ela?

C – Não, não, só ia lá no verão. Passava 1 mês de férias no Norte, os meus avós tinham uma casa enorme, em Trás-os-Montes.

Ψ – Mas tinha uma admiração especial por ela?

C – Não, nem por isso. A minha avó tinha um feitio tramado. E eu, pronto. Eu não tinha uma relação próxima, só ia lá no verão, mas acho que herdei os genes, diz a minha mãe. Eu não saio muito à minha mãe... Quer dizer, a minha mãe é muito boa pessoa, sofre muito para dentro, é uma pessoa que foi muito marcada pelos irmãos e, tem uma vida de sofrimento enorme, é assim, acho que sou diferente da minha mãe, porque eu procuro, a minha mãe cortou com os amigos, não quer saber, vive sozinha na lida da casa, porque sofreu tanto que acabou, excluiu completamente dar-se com os outros.

Ψ – E a C. não faz isso?

C – Espero bem que não, espero bem que não venha a fazer. Porque estou um bocado farta de dar e de receber pouco em troca. Estou mesmo. As pessoas são interesseiras, pronto, vamos encontrando uma ou outra que não são, mas são maioritariamente são interesseiras.

Ψ – Como é que vai gerindo esses sentimentos todos? Culpa-se a si de alguma maneira por as pessoas serem assim consigo? Acha que é a C. que tem alguma coisa que faz com que...

C – Acho, acho.

Ψ – E acha que essa coisa é o quê?

C – Pois, não sei... Mas alguma coisa é. Acho porque, por exemplo, eu estou num jantar, ainda ontem fui a um jantar, hum... Vou contar. Ontem fui a um jantar onde era eu e o meu marido, um casal de namorados e uma amiga que se divorciou há 15 dias, a minha amiga Ana, a minha querida amiga Ana que reencontrei e portanto, divorciou-se agora. E o que é que eu pensei, Ah! Convidei a Susaninha a minha querida amiga de infância, mas ela não pôde ir porque o marido teve um problema, convidei a minha outra amiga Ana, epá e o que é que eu pensei, “vou convidar...” veja o meu pensamento! Vou convidar alguém que é para ela não se sentir mal. Então agora estou ali, eu e o Manuel, o Luís e a Sónia, a Susana e o marido, e a pobre Susana que se divorciou há 15 dias, parece que estamos aos pares. Ok? Eu disse, “não, não pode ser”. Liguei-lhe e disse-lhe “olha lá Ana, o que é que tu achas se eu convidasse a Ana e a Sara, que são minhas grandes amigas e opá...” e elas conhecem-se porque entretanto já tinham ido a um jantar, a uma noite de fados e gostaram umas das outras, para além de que as duas Anas são as duas advogadas portanto há algo em comum. E ela disse-me “sim, sinto-me mais confortável, aí que bom, porque assim não estamos ali, não se puxa o assunto, aí pá tu és tão querida, pensas logo em mim” e eu pronto, fiquei assim comigo “epá, pratiquei mesmo uma boa ação não é, ela vai ficar feliz”. Só que entretanto cheguei à sala e perguntei ao meu marido “olha o que é que tu achas de convidar duas amigas?” “mas agora vou ter a mesa cheia de mulheres, mas é só mulheres e ainda por cima divorciadas”, e eu fiquei... Eu fui para o quarto a pensar, será que fiz bem será que fiz mal. Pa... Porque é que eu me estou sempre a meter, pronto. Acho que fiz bem, porque durante o jantar correu lindamente, e eu fiquei tão tranquila, a sério. Cheguei a casa à noite e pensei assim “Aí que bom, acho que cultivei a amizade entre elas”. E isso basta-me, fico feliz por ela, fico feliz de elas acharem que eu as ajudei, é isso que me enche, gosto de ser importante por... Ai, gosto mesmo! Gosto de me sentir importante porque fiz o bem assim a alguém, gosto que me reconheçam isso.

Ψ – A C. sente que se preocupa demais com os outros?

C – Sim, sim.

Ψ – E de onde é que vêm essas preocupações? Acha que na sua infância se preocupou muito com alguém, associa a alguma coisa em particular?

C – Ah, a minha mãe também foi sempre uma mãe galinha comigo, se calhar eu agora faço o que ela fez comigo, eu critiquei e se calhar agora fiquei igual, ou pior. (ri-se) Sim, a minha mãe foi sempre super atenciosa comigo, basta que eu fui criada com ela não é, a minha mãe

estava na cozinha do infantário... Aliás, eu acho que sou professora porque vivi ali no meio dos miúdos. Eu até queria ser educadora, depois é que mudei de ideias. Porque a minha mãe era super preocupada e se calhar eu faço com os outros essa proteção, pode ser daí, foi um espelho que tive... Pode ser daí. Nunca pensei nisso...

Ψ – E, como é que descreve a sua mãe?

C – (ri-se) A minha mãe... (ri-se) A minha mãe é a joaninha, a minha mãe é uma pessoa muito doce, muito preocupada, mas eu tenho de... Epá, como é que eu vou explicar isto. A minha mãe era uma pessoa com muita vida, trabalhou no infantário portanto conhecia muita gente, uma pessoa com muita vida, falava com toda a gente, relacionava-se com toda a gente e depois quando tratou da minha avó, foi ali muito complicado, foram 3 anos. E eu estava a estudar, por isso eu tirei um curso em condições físicas muito pouco favoráveis, apesar de ter sido uma das melhores alunas de curso, tinha um excelente ambiente em casa não é, por isso acho que a minha mãe é uma lutadora. Porque é assim, a minha mãe tomou conta da mãe dela, 3 anos, a minha avó ficou no quarto dos meus pais, nós vivíamos numa casa com 2 assoalhadas, trancámos a janela do quarto e a minha avó ficou naquele quarto e a minha mãe cuidou com todo o amor e carinho, e o meu pai foi excepcional, e nós os 3 dormíamos na sala, eu numa caminha que tinha a televisão em cima, portanto um móvel armário, e os meus pais no colchão ali. E portanto isto não é fácil de gerir não é, a minha adolescência, 3 anos é muito, e os irmãos da minha mãe abandonaram-na completamente. Porque é assim, queriam uma herança que não lhes pertencia, porque a minha mãe era filha do avô João e os meus tios eram filhos de outros senhores, e por isso ouve ali um conflito, eu tenho uma aversão ao dinheiro nesse aspeto, não me diz nada, porque as pessoas matam-se por dinheiro, é impressionante. Abandonaram a mãe pelo dinheiro, é uma coisa horrível, mas aconteceu, e a minha mãe sofre imenso com isso. Os irmãos viraram-lhe as costas. E eu acho que a minha mãe merecia, hum... Merecia ter pessoas cuidadosas com ela, ao lado dela, não tem. O irmão da minha mãe faleceu e ninguém lhe disse nada. Esconderam-lhe. Pessoas da aldeia continuam a falar com ela, telefonam-lhe, epá. Pronto, eu acho que a minha mãe tem uma capacidade de sofrimento, de engolir para dentro... Olhe, eu devo ter herdado isso. Mas a minha mãe é uma pessoa muito preocupada com os outros, exageradamente até. Então com a neta, comigo. Ela vive a minha vida, vive a minha e a da minha filha. É muito preocupada é.

Ψ – E é alegre a sua mãe?

C – Tem momentos. Quando está bem-disposta é muito animada, só lhe dá para o disparate, ri-se, por exemplo, na altura do Natal, nos encontros de família, descontrai. Pronto, no dia-a-dia, gosta muito de conversar, ela tem muita necessidade de conversar, não é uma pessoa triste, não, não é, mas precisa de ter ambiente.

Ψ – Desde a morte da sua avó que acha que ela se afastou de toda a gente e... (interrompe)

C – Passou a estar muito em casa. Depois aí nasceu a minha filha a seguir e foi o renascer. No fundo é, como foi abandonada pelos irmãos, teve que se agarrar à família núcleo não é, pronto. À filha, à neta, é o que ela tem. Pronto, depois em relação aos amigos, a minha mãe também, se afastou, porque vivia em Algés onde conhecia muita gente, vai para Linda-a-Velha, aquilo é quase como um dormitório, depois não anda de autocarro, depois tem medo de cair porque já caiu não sei quantas vezes, tem um problema agora nos pés, tropeça, e por conseguinte como ganhou medo fica muito ali. Ora, vai ali à mercearia vai... Perdeu os contactos de Algés, que era onde ela comunicava e onde ela conhecia a educadora, a professora. Pronto.

Ψ – Como é que a C. se sentiu nessa fase em que a sua avó viveu com vocês, no fundo a C. perdeu muita intimidade, o vosso espaço era nulo porque estavam todos num espaço comum, não é? E isso para uma adolescente é complicado. Como é que geriu isso?

C – Bem, porque eramos os 3 muito cúmplices. E tentávamos brincar com a situação. Olhe, eu lembro-me de histórias, que eu nem nunca contei isto a ninguém mas... Lembro-me, a minha avó além de ter tido um cancro de bexiga não foi disso que ela morreu, teve arteriosclerose, e portanto ela não sabia nada o que fazia. Era do género, fazer as necessidades, levar o balde à sala e perguntaram meu pai se era servido. Eu vou-lhe contar esta que é... isto é, para quem está de fora não se calcula o que é, porque nós tínhamos que ter tudo organizado no quarto, tudo à disposição porque ela nem se lembrava onde era a casa de banho. Aliás, um dia queria ir para a janela porque achava que ali era o pátio, o pátio no Norte, é um espaço com jardim onde ela tem canteiros, onde regava as flores, portanto tivemos que pôr uma tranca senão ela saía pelo telhado... Perdeu a noção. E então ela ia para a sala. Ora, isto para um homem que é casado, sim porque não era a mãe do meu pai, e o meu pai dizia “opá não quero que isso está frio, vá lá aquecer, vá la...”, o meu pai brincava. Oh Inês, é surreal, eu já não podia, tipo a minha avó repetia as coisas, eu a querer estudar, repetia as coisas 30 vezes, eu já não podia, às tantas eu dizia “olha eu vou para o café estudar que eu já não a tou a ouvir bem” e o meu pai brincava, o meu pai e a minha

mãe de facto tiveram uma capacidade, digo-lhe, inacreditável, para tratarem dela. E por isso, eu fui muito boa aluna, porque os meus pais ajudaram-me imenso. Por exemplo, forraram-me a varanda, eram 2 assoalhadas e a varanda era aberta, os meus pais fecharam a varanda, comprámos um cortinado, eu fui escolher com a minha mãe, lembro-me tão bem, aos comboiozinhos, e eu ia para lá estudar, fechávamos a porta da sala e tranquilo. A minha mãe fazia scones à inglesa, a minha mãe quando veio trabalhar para Lisboa, trabalhou em casa de umas senhoras onde aprendeu a fazer uns cozinhados, e então ia lá com o tabuleiro, olhe estas minhas amigas bem se lembram, comiam scones, e a minha mãe ia lá levar. Pronto, e nós estudávamos ali na varanda e... Era tranquilo, éramos muito felizes. Mas no início foi difícil, e no final também foi. Porque a minha mãe estava muito cansada e não queria pôr a minha avó num lar, porque era contra os princípios dela, só que às duas por três, ou ia a minha avó ou ia a minha mãe, e nós obrigámos a minha mãe a pôr a minha avó num lar. E a minha avó foi para o lar e passado pouco morreu. Mas pronto, foi difícil.

Ψ – Imagino que sim.

C – Mas para mim, isto é superior a tudo. Os pais são os pais, temos que cuidar então, e não me venham cá com histórias, aí não tenho tempo, vou trabalhar, primeiro estão os meus pais. Ainda para mais eu sou filha única, quem é que vai cuidar? Isso não é um fardo, é obrigação, é assim, às vezes passo semanas sem ir aos meus pais, que vivem do outro lado da rua, mas quando vou, vou e estou lá 2/3 horas, mas telefono todos os dias aos meus pais, todos os dias. Portanto, estou presente.

Ψ – A C. sente que essa fase da sua adolescência a marcou até agora? Que a modificou em alguma coisa?

C – Modificou porque eu tornei-me uma pessoa muito mais nervosa. Porque mexe com os nervos de uma pessoa, às vezes é assim, estamos aqui a falar, 3 anos, imagine altura de testes e naquela noite a minha avó decidia gritar da cozinha para a sala sem parar. E eu tinha que conter e que aguentar. Não é fácil, não vamos dizer que foi fácil, acho que me marcou e que me tornou uma pessoa mais nervosa.

Ψ – Tinha quantos anos C.?

C – 16/17/18 anos.

Ψ – Sente-se mais próxima do seu pai ou da sua mãe?

C – Do meu pai.

Ψ – Porquê?

C – Porque somos muito parecidos.

Ψ – Descreva-me o seu pai.

C – O meu pai é muito parecido comigo, o meu pai está sempre preocupado com o bem-estar dos outros, não suporta ver pessoas zangadas, fica doente, fica mesmo doente.

Ψ – Fisicamente doente?

C – Fisicamente doente. Tipo, vê um sobrinho a mal tratar o pai e fica mesmo debilitado, preocupa-se imenso com o bem-estar, é uma pessoa super positiva, vê a vida sempre pelo lado bonito. É uma pessoa que se preocupa além do bem-estar dele, preocupa-se com o bem-estar dos outros. Dá o que tem e o que não tem, eu sou muito parecida com ele. Empréstimo dinheiro à família toda, eu empresto dinheiro a toda a gente, não tem noção, eu não tenho mas empresto. Eu vejo colegas minhas, eu sei que têm porque andam com malas de marca enfim, e eu tenho fama, porque o problema é assim, há pessoas que brilham... Esta minha amiga Susana disse uma coisa muito gira. Há pessoas que brilham com o pouco que têm e há pessoas que têm muito e não brilham nada. Pronto. E as pessoas notam muito, eu sou muito vaidosa, e às vezes espelho, e as pessoas dizem, “ah! Tens isto novo, tens aquilo novo”, portanto tu dás porque tens a mais. E eu estou a falar de dar materialmente mas eu acho que também dou disponibilidade, não é só dar materialmente, porque eu acho que dar também é dar afetos, também é passar a tarde com uma amiga a ver o rio, eu faço isso e o meu pai também é tal e qual como eu. Pronto, só que o meu pai teve grandes perdas ultimamente e agora é um homem muito só. Porque o meu falecido sogro era o grande amigo dele, eram grandes amigos, e o meu sogro faleceu quando a minha filha tinha 1 ano, portanto já foi há alguns anos. Depois o meu pai agarrou-se muito aos irmãos, depois a irmã faleceu e era a irmã mais nova. Depois o meu pai agarrou-se muito a um sobrinho mas não... É uma pessoa muito egoísta, não tem nada a ver com o meu pai.

Ψ – Portanto, o seu pai, neste momento, está um bocadinho isolado.

C – Sim. Mas o meu pai é a pessoa mais positiva que pode encontrar. Ensinámo-lo a andar no *facebook*, ele anda no *facebook*, diz que sim a pessoas, eu já me zanguiei com ele, mas ele

investiga, ele estuda, ele ouve as notícias 24h, vai caminhar 2h por dia, nós agora caminhamos muitas vezes ao fim do dia, vou com ele. E falamos de muita coisa, somos muito cúmplices, eu com o meu pai tenho uma relação fora do comum.

Ψ – Diferente da relação com a sua mãe.

C – Sim, sim. Sim, a minha mãe é uma pessoa mais humilde, há coisas de que eu falo mas tenho que repetir de uma forma muito simples para ela perceber. O meu pai não, o meu pai não estudou na época porque não tinha hipótese. Portanto a minha mãe tem a 3ª classe e o meu pai tem a 4ª classe. Mas o meu pai é um homem muito interessado, lê muito, e por isso, falo muito de igual para igual com ele. É muito diferente da relação que tenho com a minha mãe, é diferente.

Ψ – E sempre foi assim? Sempre se sentiu mais próxima do seu pai?

C – Ai, sempre sempre sempre. E fisicamente também sou muito parecida com ele portanto. É foi.

Ψ – Quando era para contar alguma coisa a alguém, era sempre ao pai?

C – Olhe, mais curiosamente, quando comecei a namorar, foi à minha mãe que contei primeiro.

Ψ – Por medo da reação do seu pai?

C – Pois! Na altura não ia gostar.

Ψ – Quando começou a namorar com o seu marido?

C – Sim, com 16 anos.

Ψ – Antes do seu marido teve outros namorados?

C – Variadíssimos. Eu era muito namoradeira. Estas minhas amigas que reencontrei agora diziam que o meu marido não era para mim, porque eu era muito namoradeira e gostava muito de namoriscar este e aquele, e depois aos 16, encontrei o Manuel e pronto, a partir daí, namorámos muitos anos, casámos, pronto.

Ψ – Ok. Já falamos da vossa relação um bocadinho melhor.

A C. sente que, nas suas relações com os outros, é a C. que tem que ser mais flexível para que a relação resulte?

C – Sim, sim.

Ψ – Ok. De que forma é que a sua relação com os seus pais influenciou a sua personalidade?

C – De que forma é que influenciou... Influenciou porque o amor está acima de tudo na relação deles. E na minha também. Amor, franqueza, verdade. São os valores muito fortes que me foram passados.

Ψ – As suas experiências de perda, de que me tem estado a falar, principalmente nas relações de amizade, têm um impacto negativo em si?

C – Sim.

Ψ – E como é que esse impacto se traduz em si? O que é que altera?

C – Fiquei mais forte. Fiquei mais forte, mais exigente. Eu acho que me entrego, de há dois anos para cá, com alguma precaução. Se eu sinto que a relação está a ficar dependente, afasto-me.

Ψ – Seja com quem for?

C – Seja com quem for. Não gosto de relações obsessivas, nem dependentes. Por exemplo, nós agora temos um grupo de amigos, e eles gostam muito de estar connosco, acham que nós somos pessoas muito verdadeiras, e explico-lhe que são pessoas 10 patamares acima do meu, e que viram em mim uma pessoa diferente, porque eu não sou interesseira. Só para ter noção, um deles, eu vou falar disto... Isto é anónimo eu posso falar à vontade, não é?

Ψ – Sim, claro que sim.

C – Um deles tem um Porsche e está a pensar trocar por um Porsche acima desse, tem... Epá são pessoas que... Por exemplo, o ex-marido dessa nossa amiga, tem um avião particular, tá a perceber? São pessoas com um patamar de vida muito acima do meu. E eu não me interessa isso. Estou a falar disto porque eu ri-me tanto tanto. E ele perguntava-me, “porque é que te estás a rir?”, “opá, gostava tanto que tu me fosses buscar de Porsche à escola, só assim para eu tirar uma fotografia”. Pronto. E é mesmo esse o espírito, não é

para me armar, sou superior, não, não tenho esse intuito e... Agora perdi-me na conversa, não sei o que é que ia dizer.

Ψ – Tinha a ver com o impacto negativo das perdas...

C – Impacto negativo. Pronto. E quando as pessoas me desiludem eu acho que me torno mais forte, e o que é que eu faço. Eles estão sempre a tentar sair connosco, quando eu sinto que querem hoje, querem amanhã, digo que não. Porque eu tenho medo Inês, eu não quero cair outra vez no mesmo.

Ψ – Porque já foi dependente em tempos?

C – Fui, a relação com a Sandra e o Rui marcou-me imenso. E eu não quero, portanto daqui para a frente é assim, vou ter cuidado. Podemos ir, podemos estar mas...

Ψ – A C. sente que tem uma relação de dependência com os seus pais?

C – Com os meus pais tenho, tenho. Olhe, não compro um carro sem pedir opinião, uma casa ou... Percebe? Aliás, eu quis comprar um carro, e o meu pai fez-me a cabeça para ser este e foi este. Eu não acho normal, e eu não gosto do carro, e demorei até gostar. Mas é assim, o meu pai faz-me de tal maneira a cabeça que eu...

Ψ – O seu pai dá-lhe a volta...

C – Completamente.

Ψ – A sua mãe não tanto?

C – A minha mãe não tanto, mas o meu pai sim, tem uma pressão muito grande. Não tomo a decisão sem falar com ele, tenho muito em conta o que ele me diz. E a mãe, pode não ser consciente, mas olhe que inconscientemente fica-me lá o que ela me diz. Tipo, antontem fui lá e ela disse “epá, essa roupa faz-te mesmo gorda”, e eu não voltei a vestir. “Olha que ela é capaz de ter razão”. Não lhe disse mas fiquei a pensar naquilo. Portanto lá está, tem influência.

Ψ – Como é que a C. lida com as mudanças ou com situações imprevisíveis?

C – Aiii, mal. Mal, mal.

Ψ – O que é que é o lidar mal?

C – Tenho medo.

Ψ – De quê?

C – De me dar mal.

Ψ – Porque não confia em si?

C – Porque não confio, sou muito insegura. Mas não passo essa imagem, mas sou. Tenho um medo terrível. Trabalhei 14 anos numa escola e não queria vir para esta porque era uma escola mais antiga, e além disso estava lá a direção e eu fui escolhida para ter o filho da diretora. E eu tive tanto medo, tendo medo. Porque era uma enorme responsabilidade. Tenho medo da mudança.

Ψ – Tem medo de não corresponder?

C – Tenho medo de não corresponder.

Ψ – Como é que a C. se descreve?

C – (ri-se) Tenho muito mau feitio, sou uma pessoa muito orgulhosa, gosto de ter razão, gosto que reparem em mim, sou vaidosa. Tenho um bom coração, sei que tenho. Pá, mas tenho mau feitio. Fazem-me uma, perdooo. Fazem-me duas normalmente, ainda desculpo. Mas à terceira é que nem que depois passem ao meu lado. Não sou capaz. Sou má. Porque eu acho que sou tão boa, acho que me entrego tanto tanto que depois...

Ψ – Magoa-se. O sofrimento é tão grande que depois já não dá?

C – Pois. E pronto.

Ψ – E características boas? Para além do bom coração.

C – Sei lá. Sou extrovertida, sou animada, não sou capaz de estar calada. Acho que me adapto bem a qualquer circunstância. Gosto de pôr os outros à vontade. Por exemplo... (ri-se) As pessoas não gostam de dizer asneiras, socialmente não se pode dizer asneiras à mesa. Eu sou nortenha, e ouvi toda a vida asneiras, e nunca disse uma asneira ao pé dos meus pais, atenção. Ainda hoje... Por acaso acho que o ano passado disse, estava mesmo irritada, pedi licença e rimos todos imenso com o que eu disse. Mas digo, gosto de dizer uma chalaça para as pessoas descontraírem, não gosto de um ambiente de tensão, não gosto de formalidades, detesto.

Ψ – Teve muitas formalidades na sua vida?

C – Não, evitei sempre. Eu gosto de um ambiente onde me sinta confortável, onde me sinta eu.

Ψ – É por isso que gosta também de pôr os outros confortáveis.

C – Sim, é. Gosto. Gosto por exemplo quando o meu padrinho vai lá a casa, pronto, e é um homem que é advogado na carreira militar, pronto, uma pessoa com algum relevo, e gosto que ele chegue a minha casa e se sente no chão a beber chá. Há 30 anos que faz isso. Acho o máximo, é a descontração pura não é, estamos ali e depois está frio, vamos buscar uma manta. É é... Somos nós, na nossa essência, não é? Não gosto de estar em casa da minha comadre em Cascais, a pessoa que viveu comigo, e da minha filha deixar cair uma batata frita e de ela ir tirar porque não pode cair migalhas ao chão, porque o tapete é persa. Não gosto de estar em casa dela e ter que estar corretamente sentada porque se vê a celulite. Não gosto de estar nas festas dela, com 50 pessoas todas cheias de Louis Vuitton e eu nem sei o que é que vou vestir.

Ψ – A C. liga muito à opinião dos outros?

C – Ligo.

Ψ – E porquê?

C – Não sei... Então porque gostava que tivessem boa opinião de mim.

Ψ – Porque a C. precisa que os outros tenham boa opinião de si para acreditar na pessoa que é?

C – Pois, se calhar...

Ψ – Gosta de estar sozinha?

C – Gosto, gosto.

Ψ – Como é que se sente quando está sozinha?

C – Eu, ai, sinto-me bem. Gosto de pintar, gosto de fazer ponto cruz, gosto de ler, gosto de jogar Sudoku, gosto de ver filmes, gosto de escrever poemas. Hum... Gosto de arrumar gavetas, gosto de desarrumar coisas, gosto de decorar, inventar. Ai, eu adoro estar sozinha (ri-se).

Ψ – Está sempre ocupada quando está sozinha?

C – Ai, não sei estar quieta. Eu não sei ver televisão, tenho um problema. As pessoas normais sentam-se a ver televisão, eu se tiver alguma coisa para ver na televisão tenho que estar a cozer ou a mexer com as mãos, porque me irrita estar a ver televisão, acho um desperdício de tempo. Só se for a ver um filme, e sou viciada. Todas as noites eu vejo um filme, ou metade de um filme. Para adormecer. Nem que chegue às 3h da manhã. Eu vejo um bocadinho.

Ψ – Ok. Como é que é a sua relação com o seu marido?

C – É razoável, estamos casados há 23 anos (ri-se). Com 9 de namoro. Já teve períodos melhores, piores. Somos muito diferentes um do outro. Não foi a paixão da minha vida, foi um amigo que depois veio a dar um namoro. Somos muito independentes. E é assim, ele sabe que eu sou um pássaro livre, pronto, eu sou uma pessoa respeitadora, mas não sou... Pá, uma mulher obediente que faz as refeições e está em casa, não sou capaz. Tenho que ter as minhas amigas, ir ao café, ir ao cinema, ir... Mas primeiro pergunto obviamente, não é? Ele faz os jogos dele com os amigos e eu nesse tempo faço coisas com as amigas. Sim, ele é muito objetivo, é muito lógico, é uma pessoa mais racional, não tem nada a ver, é uma pessoa muito diferente de mim. Damo-nos bem claro, damo-nos bem... Senão não estávamos juntos há tanto tempo.

Ψ – Às vezes as pessoas aguentam muito tempo sem estar bem, não estou a dizer que é o caso.

C – Sim. Olhe, já passámos muita coisa juntos Inês, e eu acho sobretudo queremos estar juntos para caminhar juntos, nesta fase em que a filha já está crescida. Mas não é uma relação perfeita, muito pelo contrário.

Ψ – Sente-se dependente do seu marido?

C – Acho que sim, também tenho muito em conta o que ele diz, e de que maneira.

Ψ – Ele é parecido com alguém que tenha sido ou seja, importante na sua vida?

C – Não. É parecido com a mãe dele, é igual à mãe. A minha sogra foi a pessoa menos importante na minha vida, e é com quem ele é parecido.

Ψ – Não o acha parecido com ninguém da sua família?

C – Não. É assim, ele é um rapaz com bons princípios mas é uma pessoa muito fria que não transmite afetos, é muito difícil.

Ψ – Ele foi sempre assim?

C – Pior desde que o pai faleceu mas sim. Então de há 18 anos para cá piorou... Psss. Ficou um bloco de gelo, como eu lhe digo, ele é uma pessoa... Pá pronto, tem um feitio muito especial, é uma pessoa que é amigo da família, faz tudo por nós, mas passar afeto para ele é muito complicado.

Ψ – E como é que caracteriza o seu sentir nessa relação?

C – (ri-se) hummmmm... É assim, como eu lhe disse é um casamento de muitos anos, portanto nesta altura é um estar em companheirismo com uma pessoa que está a envelhecer comigo. Mas... Às vezes não é fácil, às vezes não é fácil, porque... Ele é uma pessoa que para demonstrar afetos é... Nem com a própria mãe que eu observo. Não consegue, é muito difícil. Portanto... Eu a determinada altura também deixou de me apetecer demonstrar. Eu achei que, quando eu não quis ter um 2º filho ele não aceitou muito bem, portanto as coisas a partir daí...

Ψ – Porque é que não quis ter um 2º filho?

C – Olha, porque tive muito, sofri muito quando foi a C.

Ψ – Com o parto?

C – O parto foi cesariana. Eu depois estive ali quase um mês sem me mexer porque me doía imenso, mas depois disso... Eu tinha pânico de ter filhos, portanto ou era cesariana para eu não sentir ou não queria. Como foi com a minha grande amiga ela fez tudo. Aquilo foi uma festança. O meu marido assistiu de uma janela, pronto. Foi um momento bom, não tenho trauma nenhum, foi um momento ótimo. Não senti, estava anestesiada, mas depois custou-me, ela não me deixava dormir, de hora a hora, tinha que acordar. 3 meses para esquecer. E depois eu não quis voltar... Depois ela cresceu, começou a ser calminha e eu pensei, “não vou voltar a passar por aquilo outra vez, Deus me livre”.

Ψ – Foi difícil a sua filha como bebé?

C – Foi, até aos 3 meses. Depois comecei a trabalhar, ela foi para os meus pais, começou a comer papas e acalmou.

Ψ – Ela mamava até aí?

C – Pois, se calhar, nós deduzimos hoje, pode também ter sido, olhe, se calhar tinha fome, nós dávamos pouco... Não sei. Mas foi difícil, eu depois não me apetecia nada voltar a... Não nada nada. Depois para aí quê, há uns 8 anos atrás... Há uns 8 não, há uns 10/12 anos atrás, ainda me passou ali pela cabeça, mas foi um sol de pouca dura. E a partir daí eu acho que nós, de facto, afetivamente nos afastámos bastante, bastante. Mas convivo bem com isso porque ele é um bom companheiro, enfim. Portanto, isso deixa de ser o mais importante, compenso-me com os amigos, na sumula da história.

Ψ – Se calhar, por isso é que também faz tanto por eles não é?

C – É, o meu marido é capaz de ir daqui até ao Algarve e não falar, por exemplo, está-me a ver a mim a ir calada daqui para o Algarve? Portanto, às vezes não é fácil, e às vezes irrita-me solenemente que ele seja assim.

Ψ – E diz-lhe que está irritada?

C – Puxo a conversa, ponho o som muito alto e digo-lhe que já não o consigo ouvir.

Ψ – Ele ri-se.

C – Não tenho já paciência para lutas, para discussões. Também não vou deixá-lo porque também não é isso que quero, ele é um bom companheiro. É uma pessoa que nos trata bem, enfim, é uma pessoa educada, dá-nos tudo, a mim e à minha filha. Pronto, falha nalguma coisa.

Ψ – Cumpre com os valores não é?

C – É por isso claro, e como pai é excepcional, não posso dizer nada, por isso não... Não ponho em questão. Mas gostava de ter uma pessoa ao lado mais afetuosa, a relação não é fácil, nada fácil.

Ψ – Principalmente isso, mais afetuosa?

C – Sim, sim.

Ψ – E mais preocupado consigo?

C – Ah, sim. Ele preocupa-se, mas como é uma pessoa que não fala, há muita coisa que lhe passa ao lado, não se apercebe. Só que por exemplo, às vezes, eu já rebentei e estou a

chorar e ele, “ah, parece que és parva, isso não tem importância nenhuma” porque para ele não tem, porque ele é muito racional. Para ele, os amigos... É tudo amigo. Deixam de falar, não tem problema nenhum. Ele não se stressa com os amigos e eu sim, portanto, enquanto eu estou a chorar aquilo para ele não faz sentido.

Ψ – A C. sente-se uma pessoa sozinha, embora esteja casada e tenha amigos?

C – Sim, sim, sinto sinto.

Ψ – E esse sentimento, tem a ver com o quê? Acha que pode ter a ver com não se sentir valorizada?

C – Pode, pode ter a ver com isso.

Ψ – Sente que os outros gostam de si?

C – Alguns sim. Os meus pais, alguns amigos acho que gostam de mim, fazem-me sentir querida, mas... Porque eu não tenho família não é, a família são os meus pais. Os meus cunhados parecem gostar muito de mim e fazerem tudo por mim. Mas depois, como nós somos considerados, monetariamente, superiores a eles, ou com mais dinheiro do que eles, eles fazem as maiores diversões do mundo e não me convidam. E eu fico muito sentida. Fico. Porque eu convido sempre, porque tenho esse cuidado sempre. Fizeram um piquenique enorme, nada! Porquê? Porque acham que “ah, eles não. Eles vão a restaurantes de luxo portanto eles não vão gostar disto”. E eu fico doida com isso. Porque as minhas raízes são das mais humildes e eu sou uma pessoa que... Às vezes acho que as pessoas não me chamam por causa do Manuel, acho mesmo. Porque o Manuel é uma pessoa muito seletiva. Na primeira impressão que têm dele, têm impressão de uma pessoa com alguma austeridade, e eu acho que às vezes as minhas amigas se retraem um bocado por causa dele. E então eu acabo por sair com elas sem ele, o que também não é muito confortável não é, porque eu sou casada. Mas tem que ser, porque nem ele quer ir nem elas o querem lá, portanto é bom para todos, está bem assim.

Ψ – Como é que a C. gere esses sentimentos todos em relação ao seu marido?

C – Ponho para trás o que ele tem de menos bom. E vou buscar à minha filha, que é uma miúda que é muito companheira, fala muito comigo, e pronto, acaba por me ajudar.

Ψ – A C. sentiu-se amada pelos seus pais?

C – Sim, senti.

Ψ – E de onde é que virá essa falta de amor-próprio? Nunca fez essa pergunta a si mesma?

C – Eu acho que tem a ver com o Manuel.

Ψ – Antes de se casar com ele acha que a sua autoestima era diferente?

C – Não, eu até era bastante patinho feio. Até era bastante patinho feio. Mas, como eu sempre achei que ele era uma pessoa superior a mim, tinha sempre um grande orgulho por ele ter tirado direito, por ele trabalhar na melhor empresa do mundo, por ele ser classificado como um dos 100 melhores, haver aquele reconhecimento todo. Portanto, no fundo eu tinha sempre uma admiração por ele e um complexo... Não é um complexo, fico feliz.

Ψ – Também sente que o seu pai é superior a si nesta questão da capacidade? Ou sente que os seus pais valorizam a questão da formação?

C – Ah, isso valorizam. O maior orgulho foi eu ter tirado o mestrado, porque eu tirei o curso de bacharel, portanto que são 3 anos, depois quando a minha filha estava na primária, tirei a licenciatura mais 1 ano e meio e depois fiz a pós-graduação, há 10 anos, com o mestrado a seguir e para eles foi a maior alegria. A minha mãe primeiro dizia que eu não ia ser capaz, discutimos imenso nessa altura, porque eu dizia que ela não acreditava em mim. E ela até me escreveu uma carta, tão querida, a pedir-me desculpa a dizer que, porque era uma meta inatingível, é um motivo de orgulho. Não, olhe, eu não sei de onde é que vem isso, essa minha falta de acreditar em mim. Olhe, profissionalmente, também não tenho motivos para, porque eu sou reconhecida, aliás eu vim para aqui para ser professora do filho da diretora, porque sou uma pessoa muito honesta e muito franca a trabalhar, portanto, classifiquei o miúdo de forma de negativa, integrei-o nos deficientes, nenhuma professora o faria, porque vejo toda a equipa que me rodeia “Ai, é o filho da x”, tudo a fazer, tudo em falcatura, eu não. Eu sou uma pessoa, tem que ser é. Porque a própria diretora assinou o documento com data de Abril e eu só vi o documento dia 23 de Maio e eu coloquei lá, depois de ela ter assinado, só tomei conhecimento a 23 de Maio. Estou a chamar mentirosa à diretora, não quero saber, foi quando eu vi, eu sou uma pessoa de princípios, mesmo, isso aí.

Ψ – Falta-me só perguntar-lhe agora, em relação à sua filha. Como é que descreve a sua relação com ela?

C – É assim, olhe, tem dias (ri-se).

Ψ – Se quiser fazer “um apanhado” desde que ela era pequenina até agora...

C – Então é assim, eu, quando a minha filha era bebé, quis fazer com ela o que a minha mãe fez comigo, levá-la para a escola comigo. E a minha filha era super feliz, super alegre, eu aí trabalhava em Cascais, numa aldeia perto de Cascais, e ela ia a cantar para lá, vinha a cantar para cá, era uma coisa maravilhosa. Mas aconteceu-me que eu não me dei bem nesse colégio, tive que me vir embora, e tive que tirar a minha filha de lá, porque achei que estava a prejudicá-la com isso, deixe-me lá ver se eu não me perco aqui com... Como é que foi? Eu deixei a minha filha tinha 3 anos... Exatamente, foi 1 ano e tal comigo, porque ela foi criada com os meus pais, desde bebé, desde meses, quando chegou aos 3 anos eu achei que tinha que sair do infantário, portanto, tinha que a tirar dali. E vim, para um ao pé de casa, para os meus pais poderem ir buscá-la, trazê-la, portanto, cortei radicalmente ali a relação com ela. Porque ela com 3 anos entre para um infantário novo, portanto neste corte, que eu culpabilizei-me imenso, imenso, imenso, a minha filha passou a ser outra criança. Mudou radicalmente. Ficou mais triste, ela sentiu imenso esse corte, apesar de com 3 anos, ela sentiu imenso. Foi assim uma coisa... Pá, deve ter sido traumático na vida dela. Pronto, entretanto, eu mudei de escola, depois eu ia sempre buscá-la aos meus pais, e estava com ela, eu era uma mãe super presente, ia para casa contar história, brincava com as bonecas. Pronto. Quando chegava o pai, ela deslumbrava-se e era outra vez aquela alegria. Porque o Manuel pode não ser o melhor, podemos não ter a melhor relação como marido e mulher, mas ele como pai é formidável. Ele despia o fato e iam os dois fazer teatro para cima da cama, ou brincar à discoteca na sala, e portanto ela foi uma miúda feliz. Portanto, ela não tem motivos para ser uma criança triste, mas era. Ela não era uma miúda extrovertida.

Ψ – Até aos 3 anos não, é isso?

C – A partir daí foi. Depois entrou para a primária. Na primária ela era gordinha.

Ψ – Como é que foi a entrada dela? Reagiu mal, chorou?

C – Não, não, porque estava no mesmo colégio, já levava a amiga Inês. Portanto as melhores amigas foram para a primária portanto foi ótimo. Só que depois aí ficou gordinha, a Inês continuou magrinha, ela teve que usar óculos, ela teve que pôr aparelho. Pronto. Ela era o retrato do patinho feio a entrar na primária. E aí, ela foi um bocadinho motivo de chacota na turma, gozavam um bocadinho com ela por ser gordinha. Ela tinha

amigos, mas pronto, não se sentia feliz. De tal maneira que quando chegou ao 4º ano pediu-me para sair. E então foi para um colégio sozinha, sem conhecer ninguém, para Belém. Pronto. Muda de colégio e faz as melhores amigas. Aliás a melhor amiga dela, ainda hoje, a M., vem desse colégio. Pronto. Entre outras, mas esta é aquela amiga que é a grande amiga. Só que depois, eu como mãe, senti que o colégio, enfim, não estava a dar aquilo que nós pretendíamos, e falei com ela e disse-lhe “acho que tens que voar daqui para fora”...

Ψ – A nível académico?

C – Sim, sim. Nem sequer deixavam na biblioteca trazerem livros para casa, portanto, quer dizer, era um ensino completamente retrogrado, não podia ser. Então eu, consegui que ela entrasse para as Oficinas de São José em Lisboa, os Salesianos, e ela mudou. Só que mudou no 8º, ou seja desenraizou-se outra vez. E aí foi terrível. Porque ela vai para um mundo, não é que o colégio seja muito elitista, não é, mas ali há predominância de miúdas ali de Campo de Ourique, aquela zona é uma zona economicamente elevada, portanto, são miúdas muito ligadas à moda, muito coqueluches, muito popularuchas, e a minha filha foi-se completamente a baixo, completamente. A minha filha agarrou-se a uma miúda que ainda é pior que ela, que é a M., que é uma miúda muito deprimida, que perdeu o pai há poucos anos e portanto é uma miúda muito triste, e a minha filha liga-se ao elo mais fraco. E não foi bom, porque puxou-a para baixo.

Ψ – E era a única pessoa com quem ela se dava?

C – Era com quem ela se dava mais. Depois, pronto, 9º ano, a coisa ali melhora. Ela conhece um grupo de amigas muito giras, que não eram da turma, e pronto, e aí começa a ter amigas, felizmente, que não são da turma mas que são um grande suporte para ela. A I., a A., a X., começa a ter ali amigas com quem se dá que acompanha até ao 12º, embora em turmas diferentes. Ela na turma nunca se enraizou.

Ψ – E em relação às notas? Ela conseguiu ter boas notas?

C – Média, média, média. Passou sempre, não era brilhante, mas era uma aluna razoável. Depois...

Ψ – Desculpe interrompê-la C., deixe-me só fazer-lhe uma pergunta. A vossa relação nesses anos, a partir dos 3 anos, sente que mudou muito?

C – Ah, ali no início senti, ali no início senti. Eu culpei-me, pensei “agora o que é que eu faço? Eu não posso voltar para o trabalho anterior porque sai em litígio... Ali os primeiros anos, para aí 4/5 anos, foi complicado, não foi fácil, mas depois eu era uma mãe muito presente portanto eu acho que a relação aí ficou boa. Onde piorou foi na adolescência. Porque ela era muito pai pai pai, e eles eram muito os dois, e o Manuel canaliza todo o amor e toda a forma de dar afeto para a minha filha. Festas rosto da minha filha, beijinhos, abraços, tudo, tudo.

Ψ – Isso desde que ela era bebé?

C – Ah, sim, desde que ela era bebé.

Ψ – Acha que isso depois também teve influência na sua decisão de não querer ter mais filhos?

C – Se calhar, pode ter tudo a ver. Porque sentia que tinha havido uma substituição, absolutamente. Porque é assim, os afetos, ele perdeu o pai, portanto, naturalmente canalizou o amor para a filha, mas excluiu-me ali um bocado. Pronto, e depois a minha relação com ela foi muito complicada, ali nos 13/15, embora as mães digam todas que é assim.

Ψ – Também foi influenciada por esse sentimento em relação ao Manuel? Também sentiu que a sua relação piorou porque o Manuel a dada altura... (interrompe)

C – Sim, as pessoas diziam-me. As amigas diziam-me. Então isso aí derrotava-me completamente, as pessoas diziam-me “Ah vocês são dois, são dois mais um à parte”, tu tens que melhorar a tua relação com a tua filha, tu tens que... E quanto mais as pessoas diziam mais eu achava que estava distante. Então fui a uma psicóloga com a minha filha.

Ψ – Peço desculpa, consegue-me descrever o que é que é essa má relação?

C – é assim, os gostos preferenciais, nós estamos a discutir em casa uma coisa básica, vamos ao cinema, e eu digo “ai gostava tanto de ver a Grace do Mónaco” e ela dizia “ai mãe, o filme é ridículo não vou ver isso”, e o pai dizia “claro que é ridículo, isso ninguém vai ver”.

Ψ – Ok. O seu marido ligava-se... (interrompe)

C – Em tudo, não tem noção. Na roupa que eu usava, na comida, no que eu queria, onde eu ia. Pronto, foi a tal maneira que eu até olhei para outros homens. Olhei mesmo. Pensei, pá estou a olhar porque é assim, vamos ver se alguém olha para mim, e alguém olhou para mim, e eu aí senti, pronto afinal o problema não é totalmente meu portanto vamos continuar, e pôr os pontos nos i's porque eu sou uma mulher séria, mas pá questionei-me, questionei-me imenso, era muito complicado. Eu decidi levar a uma psicóloga, e a psicóloga não sei se ajudou ou não porque a minha filha não gostava de lá ir, portanto foi assim meia dúzia de sessões. Depois aos 15 anos, deu-se ali uma reviravolta. Olha, não sei se a psicóloga teve peso ou não, se calhar teve. A miúda também cresceu, começou a conversar mais, eu puxei o máximo que podia por ela, tipo, convidava-a para irmos à tarde lanchar, para irmos a um jardim, para irmos, pronto conversar, para ela se abrir comigo e sim, ela começou a falar comigo.

Ψ – A C. sente que ao longo destes anos desistiu um bocadinho da relação com a sua filha?

C – A certa altura sim.

Ψ – Em que altura? Mais na adolescência?

C – Sim, mais na adolescência, para aí até aos 15/16 anos. É que é muito complicado, no dia-a-dia, estar sempre a ver os dois, os dois, os dois. Foi de tal maneira que eu, determinada altura disse, eu vou deixar de estar na sala. Portanto, eu acabo de jantar e vou para o quarto, ver filmes, ver livros, estar no *facebook* ou... Portanto, deixei de estar ali em família. E às vezes eu venho ali à sala e digo-lhes, “epá vocês não têm vergonha?”, porque estão os dois a verem os seus programas, a fazerem os seus jogos e eu estou lá dentro. E eles dizem “não, tu é que te exclus e não estás aqui a ver”, “pois, mas eu não gosto disso”. Portanto, nós, como nos incompatibilizamos no gosto, eu isolo-me.

Ψ – Sente que não há cedência nenhuma da parte deles?

C – Não, nenhuma. Agora é assim, aquele espaço é deles, é o espaço da noite, só que eu saio às 15h. Portanto, eu lancho com ela, vou ao cinema com ela, estou com ela à tarde e pronto, eu percebo. O pai só chega àquela hora e eu... Pá não faço disso um cavalo de batalha, pronto, é o espaço deles, só que o meu espaço com ele não existe. Porque repare bem, quando ele vai para a cama eu já estou a dormir. Quando é que eu estou com ele? Quando estou com os amigos. Às vezes à frente dos amigos eu pego-me com ele, porque às vezes parece que não o conheço, é esquisito.

Ψ – A C. sente que culpa um bocadinho a sua filha por isso ou culpa-o a ele? Ou aos dois?

C – Culpo um bocadinho os dois, porque ela também podia ter cuidado. Mas agora o que se passa, de repente e para aí de há 1 ano para cá, o que se passa (ri-se), curiosamente, ela começou-se a aproximar de mim e a contar-me segredos da vida dela, que não conta jamais ao pai, e houve uma coisa que a psicóloga me disse, que eu fiquei muito surpreendida. Disse-me que eu era o ídolo dela e que ela disse que eu não tive mais filhos porque o pai é uma criança, e portanto, eu tenho dois filhos em casa. Portanto, ela a figura que respeita é o avô, não é o pai, ela vê o pai como um parceiro.

Ψ – Ok, estou a perceber.

C – Não vê o pai como uma autoridade.

Ψ – A mãe é uma autoridade?

C – Sou, eu sou muito rígida com ela. Mas agora a nossa relação estreitou-se muito muito muito, de há 1 ano para cá ela conta muito, partilha muito, é muito companheira.

Ψ – E afastou-se do pai?

C – Já faz frente ao pai. Tipo, estamos a jantar, eu digo que quero uma coisa, e ela já diz “há que respeitar”. Às vezes ela intercede. Nós discutimos imenso, eu e o meu marido, nós temos uma relação conflituosa.

Ψ – Há quanto tempo é que é assim?

C – Sei lá...

Ψ – Quando a sua filha era pequenina já era?

C – Não, não.

Ψ – Acha que se tornou assim em que altura?

C – Ai pá, sei lá, há uns anos para cá, não sei precisar isso. Se calhar a partir do momento em que ela cresce, não sei... Não consigo. Uma pessoa depois também enche o saco. Portanto, há mulheres que se divorciam e mulheres que aguentam. Eu aguento porque tenho muitos escapes, porque senão não aguentava.

Ψ – E porque se calhar o divórcio para si também tem um peso grande? Um bocadinho pela sua educação, ou não?

C – Sim, porque no dia em que eu disse ao meu pai que... Os meus pais estão a par, que eu tenho momentos menos bons, mas ele é um rapaz muito bom com a família, e eu depois peso na balança. E no dia em que eu disse ao meu pai, eu tou a ficar um bocado cansada, e o meu pai caiu à cama com febre. E eu disse, ai não não, o meu pai tem um *pacemaker*, não. Podes-te arrebitar porque eu aguento, isso tá fora de questão. Mas é assim, nós temos um casamento muito complicado.

Ψ – Não sente que há algum egoísmo da parte dos seus pais, por terem essa postura tão rígida em relação a esse assunto?

C – Epá, pois, porque têm medo que eu fique sozinha, porque sou filha única. É natural, eu acho que é natural. E eu também, como diz, vejo o divórcio em ultimíssima instância, porque é assim, eu ver-me sozinha, uma coisa é gostar de estar sozinha em casa, outra coisa é viver sozinha... Eu era incapaz, era incapaz, porque eu tenho que ter alguém a cuidar de mim, sinto que tenho que ter, pronto. Tenho muito medo de ficar doente, ali esparramada e sem ninguém a tratar de mim, tenho medo disso, assusta-me.

Ψ – E, apesar de tudo, o Manuel acaba por ser um porto seguro em alguma coisa, não é? Mais que não seja porque já estão juntos há tantos anos...

C – É assim, leva-me o pequeno-almoço à cama, eu digo que quero uma coisa e ele já foi buscar ao fim do mundo, é assim, ele ouve-me. Como eu lhe digo, ele não sabe passar afetos, de tocar. Claro que custa não é, porque e irmos para outro patamar, mais íntimo, que é muito complicado de, enfim, de falar para mim. E eu já fui a um psiquiatra, já andei em psicólogos. Pá, mas eu já arrumei esse assunto. Eu acho que temos que fazer uma opção. Ou vivemos para envelhecermos juntos com uma pessoa que nos trata bem, pá vamos pesar na balança, que nos trata bem, cuida de nós, que é um bom amigo, epá não é um bom marido, paciência, é um bom amigo... Não sei se me estou a fazer entender. Do que ficar sozinha, e epá também, não sei o que é que pesa mais para mim? Para mim pesa mais uma relação que me dê estabilidade do que o resto. Pronto, um dia destes arranjo um amante e a coisa resolve-se.

Ψ – C. olhe, gostei imenso de a ouvir, muito obrigada. Queria só terminar, pedindo-lhe para concluir a questão da sua filha, que para mim é importante. Portanto, neste momento, a vossa relação está estável, é isso?

C – Sim, está estável, eu tenho que limar, que fazer alguns ajustes. De vez em quando, ela ainda responde com 4 pedras mas eu procuro sempre dar a volta de uma forma afetuosa, mas acho que estamos com uma relação boa, na minha opinião eu acho que sim.

Ψ – Se fizesse um apanhado destes anos todos, pensa que a sua relação com ela foi mais negativa do que positiva?

C – Não, não não. Eu percebo a irreverência da adolescência, eu fui péssima.

Ψ – Portanto, nisso ela sai à mãe.

C – (ri-se) Sim. Eu acho que isto também foi muito culpa do pai, porque puxou-a muito, puseram-se muito numa postura contra mim. Eu vou na rua e eles vão os dois à frente e eu vou atrás.

Ψ – Parece que ela substitui completamente a C.

C – Completamente, oh Inês é assim, é uma coisa que as pessoas reparam, quem está muito próximo de nós, quando estamos todos, numa situação de férias por exemplo. Só que eu também me defendo, não me interessa publicamente expor-me. Por exemplo, se eu estou na praia e isto acontece, eu ponho os *phones* e vou caminhar 2h, e não quero nem saber. Ou pego na minha cunhada, olha anda daí. Portanto, tento defender-me um bocadinho. Agora ela já vai comigo. Pronto, foi crescendo. Mas não, de todo, eu acho que é positiva, acho que é uma boa relação. Espero que ela diga isso da relação que tem comigo. Digo eu... Às vezes tenho que lhe dizer não, às vezes tem que ser. Sou dura, tem que ouvir um não. Tem que haver alguém...

Ψ – Pois, e os não's são muito importantes quando dados na altura certa. C., muito obrigada, foi um prazer.

C – Obrigada.

Anexo III – Entrevista CF. (Filha)

A CF. apresenta uma figura pouco investida e uma postura física insegura. O seu discurso é organizado, com muitas pausas e descrições curtas, pouco desenvolvidas, o que parece concordar com a postura pouco confiante. Mostra-se pouco confortável pelo facto de a entrevista ser gravada mas acaba por aceder ao meu pedido de gravação, após explicação minha.

Dados Biográficos

Nome: C

Idade: 18 anos

Naturalidade: Lisboa

Residência: Linda-a-Velha

Profissão: Estudante

Com quem vive: Pai e Mãe

Ψ – Olá C., o meu nome é Inês. Quero antes de mais agradecer a sua disponibilidade para participar no meu estudo. Sou estudante de Psicologia Clínica e estou no último do mestrado a realizar a dissertação do final de curso. O estudo que estou a desenvolver para a minha dissertação está relacionado com a maternidade e o meu objetivo é perceber o que é que é passado, ao nível psicológico, de mãe para filhos. Vou-lhe pedir que me responda a algumas perguntas que lhe vou colocar o mais abertamente possível.

CF – Ok.

Ψ – Olha, quero começar por perguntar-te como é que tu eras em pequenina, do que te lembras?

CF – Hum... (ri-se) Eu não me lembro muito bem mas acho que não dava muito trabalho, era tímida, não sei, são essas as ideias que eu tenho.

Ψ – Alegre, bem-disposta, conversadora?

CF – Sim, mais conversadora, sei lá, acho que antes dos 6 anos era mais conversadora, a partir daí comecei-me a fechar mais e ser mais tímida.

Ψ – Tens ideia que eras muito dada às pessoas?

CF – Do que eu me lembro não, mas daquilo que vejo em vídeo de quando era mais pequenina, aí era super aberta.

Ψ – Mais pequenina, antes dos 6 anos é isso?

CF – Sim.

Ψ – Ok. Como é que correu a tua entrada para a escola, lembraste?

CF – (ri-se) Hum... (ri-se) Correu bem, acho eu, sinceramente, eu não me lembro muito bem dessas coisas. Mas acho que correu bem.

Ψ – Não te lembras se choraste quando entraste?

CF – Pelo que a minha mãe me diz eu chorei, mas eu não me lembro.

Ψ – Como é que era a tua relação com os teus colegas, desde que tu te lembras?

CF – A partir do 1º ano, como eu já me começava a fechar mais, só tinha para aí uma amiga, portanto, se formos ver, a partir daí, não era assim grande relação.

Ψ – E com essa amiga, era uma boa relação?

CF – Sim, aliás, durou até hoje.

Ψ – Queres descrever um bocadinho essa relação do que te lembras?

CF – Então, tínhamos as típicas brincadeiras de crianças, estávamos juntas todos os dias, a toda a hora, e depois começávamos a estar juntas também fora das aulas, os nossos pais começaram-se a dar, e isso também ajudou a nós desenvolvermos a relação.

Ψ – Ok. E porque é que achas que te fechaste a partir dos 6 anos, porque é que achas que te tornaste mais tímida?

CF – Hum... Dantes eu não estava na mesma escola, estava noutra em que a minha mãe trabalhava, portanto eu dava-me super bem com toda a gente, e depois quando mudei foi... 1º já não gostava tanto da educadora e os miúdos nessa altura também começavam a mandar bocas aos mais tímidos e eu comecei-me a fechar mais.

Ψ – Eles mandavam-te bocas a ti?

CF – Sim.

Ψ – Que tipo de bocas?

CF – É assim eu não me lembro de tudo, obviamente, mas havia lá um rapaz deficiente, que pronto, eu estava habituada a dar-me com toda a gente, portanto eu não tinha complexos em dar-me com ele, mas os outros miúdos tinham e por isso mandavam-me bocas por eu me dar com ele... Era mais por aí.

Ψ – Sentiste que eras um bocadinho gozada nessa altura? Logo aos 6 anos é isso?

CF – Sim, sim.

Ψ – Por isso é que depois acabaste por ter só uma amiga?

CF – Pois, nessa altura sim.

Ψ – Ok. Qual era a tua reação perante essas bocas que eles te mandavam?

CF – Não ligava, nem sequer respondia, nunca fui muito de responder de volta. Simplesmente ignorava e pronto.

Ψ – E ficavas triste?

CF – Sim, claro.

Ψ – E chegavas a casa e contavas à tua mãe ou ao teu pai?

CF – Não, não tenho nada ideia disso. Acho que não.

Ψ – Mas, depois no dia a seguir apetecia-te ir para a escola?

CF – Sim, inicialmente não me importava de ir, mas depois com o tempo foi piorando e deixei de ter grande vontade de ir para a escola.

Ψ – Ok. Então sentes que isso te afetou de alguma maneira especial? Sentes que isso teve um impacto até hoje em ti?

CF – Sim, acho que teve um impacto na minha maneira de ser, mesmo depois quando eu fui mudando de escola, ao longo da vida, isso... Tive sempre outra atitude, tipo “será que estes também vão gozar comigo?”, portanto acho que sim.

Ψ – Houve alguma dificuldade em relação à tua aprendizagem? Passaste sempre os anos todos?

CF – Sim, sempre fui daquelas alunas que não estuda grande coisa mas que depois consegue-se safar. Portanto...

Ψ – E não estudas porque não gostas?

CF – Não, não gosto mesmo.

Ψ – Falta-te motivação?

CF – Sim, eu preciso de ter imensa motivação, se eu não gosto de uma disciplina é horrível para estudar, não consigo.

Ψ – Como é que tu caracterizas as tuas relações de amizade, atualmente?

CF – Depende, há relações mais fortes, aquelas pessoas a quem posso contar tudo e com quem posso mesmo contar, e depois há outras mais superficiais, que só servem para sair, ir para compras, ir ao cinema, ficamos por aí.

Ψ – Consegues caracterizar um bocadinho melhor as relações mais próximas?

CF – As relações mais próximas... Hum... Não sei.

Ψ – Como é que tu és nessas relações?

CF – Com as pessoas com quem eu me dou mesmo bem, são aquelas com quem eu me consigo abrir, como eu sou muito tímida, hum... E portanto, são pessoas em quem eu confio tanto que sou eu mesma, não tenho problemas nenhuns. Pronto, enquanto que com as outras é mais... Estou sempre a pensar no que vou dizer ou como é que vou agir.

Ψ – Ok. Já tiveste alguma experiência de perda ou de separação de uma pessoa importante na tua vida ou próxima?

CF – Não, não. Quer dizer, fui sempre mudando de escola e perdendo alguns amigos, mas não foi nada que me tenha custado muito, foi...

Ψ – Encaixavas bem.

CF – Exato.

Ψ – Já agora, como é que tu reages à mudança? Hoje em dia. A uma situação nova, desconhecida...

CF – Inicialmente não gosto muito, aliás só a ideia de mudança, fico sempre de pé atrás.

Ψ – Porquê?

CF – Por medo de não me adaptar. Acho que é mais por aí. Mas depois gosto de mudar, acho que me faz bem.

Ψ – Em que sentido?

CF – Psicologicamente. Se calhar como eu sou... Precisamente por ser tímida, as mudanças obrigam-me a mudar um bocado a mesma atitude e a estar mais aberta. E portanto, pode custar mas é bom.

Ψ – Portanto, enquanto não sabes o que é estás um bocadinho com medo mas depois sentes que te consegues ir adaptando e até tens sucesso na adaptação...

CF – Sim, sim. (40:56)

Ψ – Como é que te descreves, como é que descreves a tua personalidade?

CF – Hum...

Ψ – Já percebi que tímida, e mais?

CF – Desinteressante... (ri-se) Não sei. Não sei muito bem como é que me hei de descrever.

Ψ – Desinteressante porquê?

CF – Não sei, acho que não há nada de... Especial. Não sei, em mim, não sei.

Ψ – E consideras-te uma pessoa mais alegre, mais triste?

CF – Não é que eu seja uma pessoa triste, mas sou muito introvertida, portanto, as pessoas podem ter a ideia que eu sou triste, por causa disso.

Ψ – E tu, que ideia é que tens? Achas que és uma pessoa alegre?

CF – Sim, eu acho que sim.

Ψ – Ok. Está bem. Portanto, já disseste agora. Achas que as pessoas de fora te podem ver como uma pessoa triste... E mais, como é que achas que as pessoas te vêem, tanto as que são próximas como as que não são.

CF – Hum... As que me são próximas conhecem-me, portanto... Gostam de mim, sabem como é que eu sou, hum...

Ψ – Como é que achas que elas te descreveriam?

CF – Compreensiva, paciente, boa amiga provavelmente, e pronto... Acho que é por aqui. As que não me conhecem... Não tenho grande ideia. Acho que devem achar que eu sou uma pessoa que se fecha muito, que se fecha tanto que nem sequer têm grande ideia de como é que eu sou. Acho que é isso.

Ψ – Como é que descreves a tua mãe?

CF – Hum... É uma pessoa completamente diferente de mim, extrovertida, fala imenso, portanto, chocamos imenso. É boa pessoa mas, à sua maneira?

Ψ – Como é que é isso de à sua maneira? Eu vou ser chata, vou puxar por ti.

CF – É boa pessoa mas... A relação dela comigo é uma coisa que é tão conflituosa que, pronto... Não... Não é boa, pelo menos na minha opinião. Apesar de ela achar o contrário.

Ψ – É conflituosa porquê?

CF – Por sermos tão diferentes... Por ela... Ela sai muito, tem imensos amigos, fala imenso. E eu sou precisamente o contrário, não que eu não tenha amigos, mas não sou nada de estar sempre a sair e de fazer as coisas que ela gosta.

Ψ – E ela quer que tu faças as coisas que ela gosta?

CF – Pois, exatamente.

Ψ – E tu dizes-lhe alguma coisa, chateias-te com ela?

CF – Sim, nós chateamo-nos várias vezes por imensas coisas, pelas coisas mais estúpidas. Hum... Mas eu tento evitar discussões, portanto às vezes também não digo muito aquilo que eu penso e... Deixo andar.

Ψ – Não gostas de discussões?

CF – Não. Aliás, eu não discuto com ninguém, só com ela mesmo.

Ψ – Então, quando estás zangada como é que tu mostras a tua zanga com os outros?

CF – Eu tento ir mais pelo diálogo, tento falar e resolver as situações. Não gosto nada de discussões, do género, estar aos gritos com uma pessoa. Acho que isso não leva a lado nenhum.

Ψ – Ok. Mas dizes o que pensas e explicas porque é que estás zangada?

CF – Sim, só não digo isso de uma maneira a atacar a outra pessoa. Tento resolver...

Ψ – E tu achas que a tua mãe é agressiva, ataca-te um bocadinho?

CF – Sim, sim, definitivamente.

Ψ – E porque é que tu pensas que ela faz isso?

CF – É precisamente por querer que eu seja mais como ela, que eu me abra mais... Hum... E então fica chateada por eu ser assim e por não fazer as coisas à maneira dela.

Ψ – E tu acabas, por isso, por te sentires mal, pela forma como tu és?

CF – Sim.

Ψ – E dizes-lhe isso?

CF – Não.

Ψ – Guardas para ti. E partilhas isso com as tuas amigas mais próximas?

CF – Sim, com as mais próximas.

Ψ – Ok. Nunca lhe tentaste dizer essas coisas?

CF – Não, não.

Ψ – Não vale a pena?

CF – Não.

Ψ – Porquê? Achas que ela não vai entender?

CF – Exato.

Ψ – Então, pensas que a tua relação com ela será sempre assim?

CF – Sim, acho que sim.

Ψ – E foi sempre assim, quando eras pequenina também era assim a tua relação com ela?

CF – Do que eu me lembro, sempre foi assim um bocado conflituosa. Se calhar foi piorando com os anos, não sei. Se bem que há outras coisas que também fomos melhorando. Eu agora acho que tenho muito mais paciência e penso mais antes de agir para evitar conflitos, portanto.

Ψ – Como é que tu reages quando ela está a começar uma discussão e a ti não te apetece discutir?

CF – Eu tento dizer que devíamos falar, que a discutir não resolve nada. Mas não vale a pena. Portanto já nem tento coisa nenhuma, é deixar.

Ψ – Deixas falar e depois vais-te embora?

CF – Exatamente.

Ψ – Portanto, consideras a tua relação com a tua mãe uma má relação... Que relação é que gostavas de ter com ela?

CF – Eu gostava de ter uma relação em que eu pudesse falar com ela sobre tudo. E sei que não é o caso.

Ψ – E sem ser com as tuas amigas, por exemplo, com o teu pai, consegues falar de tudo?

CF – Falo mais com o meu avô, o meu pai não tanto.

Ψ – Também não te dás muito bem com o teu pai?

CF – Hum... Eu dou-me bem com o meu pai mas eu dou-me bem com ele para as coisas... Para as parvoíces, para as brincadeiras. Está tudo ótimo. Quando é uma coisa séria já... Não dá para falar.

Ψ – Então já agora, descreve-me a tua relação com o teu pai.

CF – Hum... (ri-se) Eu acho que é melhor do que a relação com a minha mãe, porque ele mostra interesse naquilo que eu gosto, portanto, se eu gostar de uma coisa ele vai-me perguntar “ah então, explica lá como é que é isso, do que é que gostas”, e portanto mostra-

se interessado, portanto nesse especto, é boa. Depois, quando é para falar de coisas mais sérias, aí já não é tão boa porque o meu pai é o oposto da minha mãe, não fala nada. Zero. Por isso é super difícil falar com ele.

Ψ – Tu achas que és um bocadinho a mistura dos dois?

CF – Sim, um bocadinho se calhar.

Ψ – E identificas-te mais com qual dos dois?

CF – Com o meu pai.

Ψ – Em quê?

CF – Porque ele é mais introvertido como é, mas por outro lado, quando conhece as pessoas, consegue-se abrir e ser uma pessoa completamente diferente.

Ψ – Ok. Qual dos teus pais é que é um modelo para ti? Ou se é algum...

CF – Hum... É assim, se eu tiver que dizer um, eu vou dizer o meu pai, mas não é que eu queira seguir exatamente os passos dele.

Ψ – Hum, hum, ok. Portanto tu sentes-te mais próxima do teu pai do que da tua mãe?

CF – Sim.

Ψ – Não contas nada à tua mãe?

CF – Não, eu até tenho feito um esforço, ao longo dos anos, para lhe contar mais coisas mas como ela nunca percebe ou critica sempre, tenho deixado de tentar.

Ψ – Ela não percebe? Sentes-te muito incompreendida por ela?

CF – Sim.

Ψ – Mas sentes-te amada por ela?

CF – Sim, sim.

Ψ – Mesmo?

CF – Sim.

Ψ – Às vezes sabemos mas não o sentimos...

CF – Não, mas eu sei disso.

Ψ – Sentes que nas relações, tens que ser tu mais flexível do que os outros, para a relação funcionar?

CF – Eu sinto que dou mais de mim aos outros do que eles me dão a mim, sinceramente, mas... Isso dantes incomodava-me mas agora já não tanto.

Ψ – Dás mais de ti porquê? Porque é que sentes isso? O que é que tu dás que os outros depois não retribuem?

CF – Eu acho que me preocupo imenso com os outros... Hum... Não sei, por exemplo, uma amiga minha tem uma coisa importante num dia, e eu nesse dia, desejo-lhe sorte ou quando acaba pergunto-lhe como é que correu, tenho esta preocupação. Enquanto que os outros não têm essa preocupação comigo. Pelo menos, é raro. Mais ou menos isso.

Ψ – Já houve situações em que te sentiste insegura ou ameaçada, emocionalmente, na relação com os meus pais?

CF – Não, acho que não.

Ψ – E de que forma é que tu pensas que a relação que tens com os teus pais, influenciou a tua personalidade?

CF – Hum... A minha relação com a minha mãe, acho que... Eu sou muito insegura hoje em dia, principalmente por causa dela, por causa do que ela me diz, das críticas, isso tudo fez com que eu me fosse tornando cada vez mais insegura.

Ψ – O que é que ela te diz?

CF – Não sei, quer dizer, isto agora assim. Por exemplo... Ela tem complexos, acha que é gorda, que está a ficar obesa, portanto diz que eu também estou a ficar obesa e que nós temos que ir para o ginásio as duas. Portanto, ela usa-me muito para, para fazer as coisas que ela precisa. Para não se sentir sozinha nisso vai dizer “nós precisamos disto, nós precisamos daquilo”. Por exemplo. E portanto, eu fico a pensar que sou gorda, quando dantes isso não me passava muito pela cabeça.

Ψ – Ok. Hum... Portanto, tu acabas por acreditar nas coisas que ela te diz, acabam por ter valor porque te fazem mudar a imagem que tu tens sobre ti.

CF – Quer dizer, agora já tenho esta imagem sobre mim portanto só vai reforçar aquilo que eu já acho. Mas... Mas foi ajudando a montar aquilo que eu acho de mim.

Ψ – E o teu pai?

CF – Com o meu pai. Eu acho que se calhar, também sou tão fechada, por nunca terem havido grandes diálogos cá em casa, nós nunca falamos sobre as coisas, sobre os problemas, portanto eu acho que isso também me influenciou. Se nós tivéssemos vindo a falar, eu agora era uma pessoa mais aberta, ou tinha mais facilidade em falar com os outros.

Ψ – Mas a tua mãe, tu disseste à bocado que é muito faladora. Ela nunca tentou que esses diálogos existissem, já que o teu pai é o mais fechado?

CF – É assim, ela tentar, tentou. Só que os nossos diálogos acabam sempre em discussão, a maior parte das vezes, porque nós falamos sempre aqui em casa e é sempre com o meu pai presente também, só quando somos nós as duas é que às vezes conseguimos chegar a um acordo e conseguimos ter uma conversa... Normal.

Ψ – Porque é que achas que quando o teu pai está presente discutem sempre e quando ele não está presente, até conseguem ter uma conversa normal, como tu dizes?

CF – (ri-se) Eu acho que a minha mãe fica um bocado irritada, porque, lá está, o meu pai não fala nada. Portanto nós estamos aqui os 3 a ter uma discussão e ele vai estar o tempo todo calado, a olha para a televisão, ou para o computador e não vai fazer um único comentário. E portanto, a minha mãe, acho que fica irritada com essa atitude dele e só vai descarregar mais em mim. E eu por minha vez fico irritada, porque a culpa não é minha e eu é que estou a levar com aquilo.

Ψ – E dizes-lhe? “Estás a gritar comigo mas tu estás irritada é com o pai!”, já lhe disseste uma coisa destas? Por exemplo...

CF – Sim, já disse mas a discussão continua...

Ψ – Durante a tua infância, recordaste de haver algum comportamento ou sentimento da tua parte, que fosse difícil, para ti, de gerir?

CF – Hum...

Ψ – Percebeste a pergunta?

CF – Acho que sim...

Ψ – Se tu durante a tua infância, te sentias de alguma forma mais negativa e que não sabias muito bem como lidar com esse sentimento negativo?

CF – Eu acho que este sentimento negativo se foi formando ao longo dos anos, eu não estou a ver uma altura específica em que eu não conseguisse lidar com isto.

Ψ – Estás a referir-te a que sentimento negativo?

CF – Ao sentimento negativo em relação a mim...

Ψ – Hum hum.

CF – Portanto não sei, não me lembro de uma altura específica.

Ψ – Por exemplo, em relação à tua timidez, como é que tu agias... Porque pelo que tu me disseste, pelo que eu percebi, antes dos 6 anos eras mais aberta e depois tornaste-te um bocadinho mais tímida.

CF – Sim.

Ψ – E foste-te fechando, fechando... Como é que tu nessa altura gerias a tua timidez?

CF – Eu fui-me sempre fechando aos poucos, portanto, nem me fui apercebendo do que estava a fazer. As pessoas é que me começaram a dizer que eu era muito tímida, que não falava nada. E eu começava a dizer “o quê? Isso não é verdade”, portanto eu nem me fui apercebendo disso.

Ψ – Só quando as pessoas te começaram a dizer...

CF – Sim, exato.

Ψ – Como é que te sentes quando estás sozinha? Gostas de estar sozinha?

CF – Gosto.

Ψ – O que é que tu fazes quando estás sozinha?

CF – Hum... Escrevo, leio, hum... As coisas normais acho eu, vejo televisão. Hum...

Ψ – Escreves sobre alguma coisa em especial?

CF – Não, são coisas que me vêm à cabeça, e quando eu me sinto assim, inspirada vá, tenho que escrever logo. E às vezes quando estou sozinha, dá-me para isso e escrevo.

Ψ – E guardas o que escreves, mostras a alguém?

CF – Hum... Mostro alguns a umas amigas às vezes. Outros não, outros guardo para mim.

Ψ – Aqueles mais pessoais?

CF – Sim.

Ψ – Isso é um escape teu? Sentes que é quase uma terapia para ti, a escrita?

CF – Sim, acho que sim.

Ψ – Sentes-te mais inspirada quando estás mais em baixo?

CF – Sim. Aliás sai sempre melhor quando eu estou mais em baixo do que...

Ψ – E escreves sobre o que estás a sentir na altura?

CF – Não, nem é muito por aí. Até pode ser sobre uma coisa super alegre. Só que na altura inspiro-me para escrever.

Ψ – E gostas de escrever sobre o quê, tens algum tema mais frequente?

CF – Não... Vêm-me assim frases à cabeça. Pode ser a coisa mais vulgar de sempre, género “uma cadeira azul está ali”, isto vem-me à cabeça e eu a partir daí começo a desenvolver um texto sobre a cadeira. Pronto.

Ψ – Quando estás acompanhada, como é que te sentes?

CF – Depende da pessoa com quem eu estou, não é?

Ψ – Depende da companhia, sim.

CF – Sim, se estiver com amigos claro que gosto imenso, aliás prefiro, do que estar sozinha. Se for com pessoas que eu não conheço, aí já não gosto tanto, porque estou mais desconfortável, a pensar de mais. Pronto.

Ψ – Tu acreditas que essa tua timidez veio só da tua mudança de escola?

CF – Não, quer dizer, a mudança de escola foi só uma das coisas que me fez...ficar tímida

Ψ – Pensas que foi o início da timidez?

CF – Sim, exatamente. Depois foi mais os comentários que as pessoas iam fazendo e a partir daí foi só aumentando.

Ψ – Tu até aos 6 anos estiveste sempre com a tua mãe na mesma escola que ela? Foi isso?

CF – Sim.

Ψ – E achas que pode ter alguma coisa a ver, de repente mudares para uma escola onde não está a tua mãe? Achas que na altura, se calhar estavas muito agarrada a ela e muito dependente dela, se calhar, e por isso é que depois não soubeste reagir muito bem a mudança?

CF – Talvez

Ψ – Eras muito pequenina, não é? Não sabes.

CF – Não tenho mesmo ideia disso. Não sei.

Ψ – Ok. Tens namorado?

CF – Não.

Ψ – Já tiveste alguma vez namorado?

CF – Não.

Ψ – Nunca tiveste? e porque? Posso perguntar?

CF – Ahh...isso é um bocadinho complicado... Não sei, é porque eu sou tão insegura e já ouvi tanta coisa ao longo da vida que... Fecho-me sempre, não consigo estar numa relação tão próxima com uma pessoa.

Ψ – Ok, portanto nunca tiveste nada com nenhum rapaz?

CF – Não.

Ψ – E nunca te sentiste interessada por nenhum rapaz?

CF – Sim, isso já.

Ψ – E quando te sentes interessada, não lhe dizes?

CF – Não. Só aconteceu uma vez na vida e como não foi correspondido, a partir daí, nunca mais voltei a dizer a ninguém.

Ψ – E ele o que é que ele te disse, na altura, foi bruto contigo?

CF – Sim, disse-me que eu era feia, que não era nada que eu já não soubesse. Mas pronto, só piorou ainda mais a situação, mas já foi há muitos anos.

Ψ – Há muitos?

CF – Há muitos para mim...eu tinha para aí uns 13 ou 14.

Ψ – Sim já foi há algum tempo. As tuas amigas têm namorados?

CF – Umas sim outras não.

Ψ – Tens alguma amiga assim como tu, que nunca tenha tido...

CF – (Ri-se) Sim, tenho várias.

Ψ – Nunca tiveram namorado e são tímidas também?

CF – Umas sim, outras não. Não necessariamente.

Ψ – Eu estou-te a perguntar isto para saber se tu procuras pessoas mais parecidas contigo ou...

CF – Isso sim.

Ψ – Ok. Sim todos procuramos, à partida, mas se te aproximamos mais de pessoas tímidas?

CF – Sim.

Ψ – Sim? É mais fácil, não é? Sentes que elas estão na mesma situação que tu e torna-se mais fácil.

CF – Claro

Ψ – Como é que tu te descreves a ti? Como é que te caracterizas?

CF – Huum... sou insegura, preguiçosa...mas também sou muito compreensiva com as pessoas, tenho imensa paciência...Acho que sou leal, do género, não consigo virar as costas a uma pessoa assim, sem mais nem menos. E pronto é isso.

Ψ – Ok. Quando as coisas não acontecem como tu esperas, como é que reages?

CF – Humm... depende das coisas...

Ψ – Então podes ir por temas por exemplo...sugere tu o tema...Quando não correm por exemplo na faculdade?

CF – Do género, quando tenho más notas e não estava à espera disso?

Ψ – Sim, por exemplo.

CF – Ahh... depende porque, por exemplo, lá está, como eu não estudo muito depois não posso estar à espera duma nota espetacular, portanto quando tenho uma má nota, penso, pronto agora vou-me esforçar para conseguir melhor a seguir, portanto aí não costumo ficar muito chateada. Agora, se for uma coisa para a qual eu me esforcei mesmo e deu mau resultado, então aí fico chateada e fico a achar que não vale a pena o esforço. E para que é que eu fiz se quer isto?

Ψ – E isso desmotiva-te depois para as outras coisas?

CF – Sim, desmotiva.

Ψ – Ok. E não pões a hipótese de ter sido, sei lá... Que o esforço até valeu a pena mas pronto, foi outro fator qualquer que...

CF – Normalmente não é esse o pensamento. (Ri-se)

Ψ – Ok. Como é que te sentes quando és reconhecida pelos outros?

CF – Reconhecida...?

Ψ – Pode ser quando te elogiam ou quando és reconhecida, valorizada pelos outros.

CF – Ah ok. Como é que me sinto...sinto-me bem.

Ψ – E gostas de ser elogiada?

CF – Sim, desde que eu não seja o centro das atenções gosto.

Ψ – E gostavas que a tua mãe te elogiasse, às vezes, mais do que aquilo que faz?

CF – Sim, definitivamente.

Ψ – Tu elogias a tua mãe?

CF – Não muito. (Ri-se)

Ψ – Ela não te elogia a ti, portanto também não te dá vontade de a elogiar?

CF – Exatamente (Risos)

Ψ – Ok. Preocupas-te demais com os outros, não é? À bocado estavas a dizer que és muito preocupada, sentes que é demais a tua preocupação às vezes?

CF – Não, acho que não. Acho que é mais do que a maior parte das pessoas. Mas também não acho que seja nada obsessivo, isso não.

Ψ – Sentes-te dependente dos outros? Ou de alguém?

CF – Sinto-me dependente dos meus pais.

Ψ – Em que aspetos?

CF – Porque eu sempre fui muito protegida. Por exemplo, os meus pais levavam-me à escola, iam-me buscar e eu sempre me senti um bocado presa. Por outro lado também não tinha a coragem de dizer nada porque eles estavam a fazer um esforço e a darem-me tudo o que podiam.

Ψ – Portanto sentes-te dependente deles ainda hoje, e de forma é que isso é hoje? Como é que sentes que essa dependência te influencia?

CF – Eu sinto que não tenho muita liberdade. A minha mãe diz que eu tenho toda a liberdade do mundo, mas isto é tudo na teórica, porque depois na prática não é nada assim.

Ψ – E como é que sentes que isso te influencia depois a ti? Tu sentes que a dependência vem mais dos pais do que de ti? Ou sentes que é mútuo?

CF – Ah não sei, é assim eu acho que, como os meus pais sempre me protegeram muito, eu depois acabei por entrar também nessa proteção e a sentir-me dependente. E acho que isto me influencia definitivamente. Por exemplo, as minhas amigas querem ir sozinhas para o Porto e eu não posso fazer isso, porque é uma coisa completamente impensável eu ir sozinha com as minhas amigas. Nem pensar, tem que ir algum adulto e eu já tenho 18 anos portanto... A situação parece ridícula. (Ri-se)

Ψ – Sentes que é completamente desadaptado, não é?

CF – Sim.

Ψ – Não concordas, de todo, certo?

CF – Sim. Percebo porque, lá está, sempre fui tão protegida que percebo, mas acho mal.

Ψ – Ok. Ainda sentes que procuras um bocadinho o colo do teu pai ou da tua mãe, que procuras essa proteção?

CF – Sim, sim...sim.

Ψ – Como é que tu caracterizas a forma como expressas as tuas emoções?

CF – Hum... Dificilmente... Não é muito fácil, para mim, exprimir as emoções, mas tenho tentado ao longo dos anos e acho que estou muito melhor do que estava há uns anos atrás.

Ψ – Hum... Como é que é esse “dificilmente”?

CF – Não é expressar mas com dificuldade.

Ψ – O que é que é preciso para tu expressares, em que situações... Uma situação pouco relevante não te leva a expressar emoções?

CF – Não.

Ψ – E que situação é que te leva a expressá-las, por exemplo?

CF – É assim, se for uma situação negativa eu só vou expressar ao extremo, do género, se for uma situação que eu já não estou a aguentar mais.

Ψ – Enches muito?

CF – Sim sim. Se for uma coisa positiva, aí acho que já digo com mais facilidade e... É diferente.

Ψ – Desculpa voltar atrás... Como é que te faz sentir a dependência que tens em relação aos teus pais?

CF – Faz-me sentir mal porque eu começo-me a comparar com outras pessoas da minha idade, com as minhas amigas por exemplo. E começo a perceber que a minha dependência não tem nada a ver... Que elas são muito mais independentes do que eu, e que podem fazer coisas que eu não posso.

Ψ – Se pudesses mudar alguma coisa em ti, neste momento, o que é que mudavas?

CF – Em mim, mas na minha personalidade?

Ψ – Sim.

CF – A minha timidez. Ou melhor, era mais a insegurança porque eu acho que a insegurança é que leva à timidez portanto...

Ψ – De onde é que achas que vem essa insegurança?

CF – Vem do que eu já disse, tanto da minha mãe como de outras pessoas.

Ψ – E de onde é que tu pensas que vem a zanga da tua mãe? Consegues pensar que a zanga não é contigo, tu já me disseste que quando ela se começa a achar muito gorda a seguir diz-te a ti e é dela. Portanto, de onde é que achas que vem?

CF – Hum... Ai, não sei. Vem... Depende. Se ela está chateada por algum motivo ela vai descarregar em mim muitas vezes, e vai-se chatear comigo, muitas vezes vão ser discussões que não têm sentido nenhum, “mas porque é que te estás a chatear comigo”, é mais para descarregar.

Ψ – E porque é que achas que ela descarrega em ti e não noutra pessoa? Tu sentes-te culpada por isso algumas vezes?

CF – Já não.

Ψ – Já sentiste que a culpa era tua? Que eras tu que tinhas alguma coisa que a punha zangada?

CF – Durante imenso tempo achei isso mas depois comecei a falar com as minhas amigas sobre as discussões, e elas a dizerem-me que era ridículo e que eu não tinha motivo nenhum para me sentir culpada. E este apoio das minhas amigas fez-me perceber que não, eu não tenho culpa disto.

Ψ – E isso mudou há quanto tempo?

CF – Não sei, não há muito, 2 anos, 3 anos.

Ψ – Tu estás a estudar o quê?

CF – Psicologia.

Ψ – E porquê psicologia?

CF – Porque eu sempre tive esta ideia que queria ajudar os outros... Lá está, como tenho aquela preocupação toda, hum... E não sei, agradava-me a ideia de ouvir uma pessoa e de ajudá-la a resolver os problemas dela. E foi um bocadinho por aí...

Ψ – E estás há quanto tempo no curso?

CF – Há um ano.

Ψ – E estás a gostar?

CF – Não.

Ψ – Porquê?

CF – Porque eu sou uma pessoa que precisa constantemente de motivação e eu não estou a gostar de nenhuma cadeira, eu perco a motivação toda, perco o interesse todo... E... Pronto.

Ψ – O que é que tu esperavas do curso que não está a acontecer?

CF – Esperava que fosse mais prático, que tivesse mais a ver com psicologia em si, parece que o que eu estou a dar não tem nada a ver.

Ψ – Mais prático como? Por exemplo, gostavas de fazer o quê a nível prático?

CF – Não sei bem, eu acho que o meu curso é muito teórico. Os professores falam falam falam, e as aulas são só baseadas nisto. O que para mim é uma seca.

Ψ – E estás a pensar continuar?

CF – Não.

Ψ – Estás a pensar mudar de curso?

CF – Sim.

Ψ – Para quê?

CF – Para línguas.

Ψ – Porquê línguas?

CF – Porque é uma coisa que eu sempre gostei imenso mas nunca pensei nisso a nível profissional. Sempre achei que era só... Pronto, gosto de línguas e pronto. Mas depois pensei melhor e... Se posso fazer isso profissionalmente então...

Ψ – O que é que gostavas de fazer?

CF – Do género, posso traduzir, é uma coisa que gosto imenso de fazer. Aliás, às vezes escrevo em inglês, imenso até.

Ψ – Não pensas em letras? Num curso de letras?

CF – Sim, aliás, este curso é línguas, literaturas e culturas, portanto tem imensa coisa, não sei... Acho que tem tudo a ver comigo e nunca tinha pensado nisto a nível profissional e afinal... Existe uma coisa que tem a ver comigo.

Ψ – E o que é que os teus pais dizem sobre isso? Ficam chateados por mudares de curso?

CF – É assim, eles não estavam muito à espera que eu mudasse de curso, eles sabiam que eu não estava a gostar mas não ao ponto de querer sair. Portanto, inicialmente não aceitaram muito bem. Hum... Mas depois começámos a ver cursos, e eu disse que estava interessada neste, e o meu pai aceitou bem e a minha mãe mais ou menos... (ri-se) Claro.

Ψ – Porquê? O que é que ela te disse?

CF – Ela tem muito a ideia de que este curso é para professores, para eu ser professora um dia, e ela não quer que eu seja professora, à força toda, é uma coisa que eu também não quero ser. Mas este curso não é só para isso, é para muitas outras coisas, só que como no tempo dela era para isso, ela ainda está nesse tempo, acha que ainda é assim.

Ψ – Queres-me falar um bocadinho da relação que tens com o teu avô?

CF – Pode ser. Então, a minha relação com o meu avô é ótima, porque em casa dos meus avós é completamente diferente o ambiente, do que é aqui em casa, porque nós falamos imenso. Lá está, falamos sobre as coisas, não há discussões, e se houver algum problema nós vamos falar sobre isso. Por exemplo, uma coisa que eu gosto imenso lá em casa é que nós estamos a almoçar e não temos a televisão ligada. Só isso mostra que nós estamos com atenção ao que os outros estão a dizer, e estamos ali em convívio. Não tem nada a ver com um jantar aqui em casa, em que a televisão está ligada, uma pessoa está a mandar mensagens, outra está no computador e... Não há conversa.

Ψ – Sentes que não há ligação nenhuma entre as pessoas aqui em casa?

CF – Não, não há.

Ψ – E a relação dos teus pais, é boa?

CF – Sim, acho que sim.

Ψ – Lidas bem com a relação que eles têm, não há nada que te incomode ou que te chateie?

CF – Quer dizer, incomoda-me um bocado que eles estejam sempre a discutir, todos os dias, pelo menos uma vez, discutem. Mas isso é porque têm personalidades tão diferente que estão sempre a chocar constantemente.

Ψ – E achas que isso é uma boa relação?

CF – Não é lá muito boa, mas também há outras coisas boas na relação deles, portanto...

Ψ – Tu vês mais as coisas boas?

CF – Sim, diria que no geral é uma relação boa.

Ψ – E imaginas que, um dia, quando te casares, vais querer ter uma relação parecida com a deles?

CF – Não, não, nem pensar.

Ψ – Como é que tu imaginas uma relação amorosa? Como é que gostarias que fosse?

CF – Eu gostaria de ter total confiança na outra pessoa, hum... Não discutir. Claro que isso às vezes, é inevitável, mas lá está, eu gostava de conversar com a pessoa, de tentar resolver as situações sem ser aos gritos, sem ser... Assim, a discutir. O típico ambiente aqui em casa.

Ψ – E mais o quê? O que é que tu esperas de um futuro namorado?

CF – Hum... Atenção. Por exemplo, eu reparo nisto. Parece que os meus pais não dão grande atenção um ao outro, e isso é uma coisa que eu quero. Eu quero que a pessoa com quem eu esteja me oiça, do género, eu estou a falar e quero que a pessoa se interesse pelo que eu estou a dizer, hum... E não quero que a outra pessoa vá só acenando e dizendo que sim, e não estar a ouvir nada, por exemplo. E gostava de estar apaixonada, porque por exemplo, nós olhamos, eu olho para os meus pais e... Por discutirem tanto e por estarem sempre nisto, não parece que sejam apaixonados. E por exemplo, eu olho para os meus tios

e acho que a relação não tem nada a ver. Eu olho para eles e sei que eles estão apaixonados, mesmo passados tantos anos de casamento. E pronto, era isso que eu queria.

Ψ – Já estiveste apaixonada uma vez... Como é que te sentias apaixonada?

CF – Hum... (ri-se) Bem, isso já foi há tanto tempo... Hum... Não sei é uma sensação boa. Como se aquela pessoa fosse a pessoa mais importante do mundo e mais nada importasse.

Ψ – Tu não tens vontade de ter um namorado?

CF – Tenho, sim.

Ψ – E achas que, neste momento, não estás disponível para isso?

CF – Eu acho que... Eu estou a tentar ter uma atitude mais aberta... Hum... Porque eu sei que as coisas não acontecem porque eu não deixo mesmo e fecho-me completamente. Portanto agora estou a tentar mudar isso.

Ψ – Do que é que tens medo, quando te fechas assim?

CF – Tenho medo de me magoar. Porque as relações com rapazes, de amizade ou do que for, que eu já tive até agora, acabou tudo mal. Hum... Não sei, inicialmente os rapazes gozavam muito comigo, portanto eu, logo a partir daí, quando alguém se aproxima de mim eu fico logo a pensar que alguma coisa de mal vai acontecer aqui.

Ψ – Hum... Desconfias?

CF – Sim.

Ψ – És desconfiada da intenção do outro?

CF – Sim, é isso.

Ψ – E tu gostavas de encontrar uma pessoa parecida com o teu pai, por exemplo?

CF – Hum... Em alguns aspetos se calhar sim, noutros não. Hum... Eu acho que preciso de uma pessoa que seja mais extrovertida que eu, porque senão... Eu preciso que me deem um empurrão, portanto eu gostava de encontrar uma pessoa que fosse extrovertida e me faça rir. E o meu pai é uma pessoa assim muito fechada, portanto...

Ψ – Por acaso é engraçado, porque a tua mãe... Tu disseste há pouco que ela é isso, extrovertida, muito faladora, e é engraçado que, vivendo tu com ela, ela podia puxar um bocadinho... Mas se calhar puxa da maneira errada não é?

CF – Exatamente. Ela puxar puxa, mas puxa de uma maneira de que eu não gosto e que só faz com que eu me revolte e me vire contra ela.

Ψ – Porque sentes que ela não compreende a tua timidez e a tua introversão?

CF – Sim, eu sinto que ela quer mudar completamente aquilo que eu sou, e isso é uma coisa que eu não quero, nem pensar.

Ψ – Como é que tu reages quando te desiludes?

CF – Fecho-me.

Ψ – E quando uma pessoa te desilude, a partir daí deixa de ter qualquer hipótese contigo, ou seja, cortas a relação com aquela pessoa e acabou?

CF – Naquele momento eu corto e fecho-me, não quero conversas, mas depois... Não quer dizer que a relação acabe aí.

Ψ – Consegues voltar a confiar na pessoa outra vez?

CF – Depois é difícil voltar a confiar na pessoa, e também depende porque há situações mais graves do que outras... Mas sim, eu consigo perdoar.

Ψ – Já perdeste muitas amigas ao longo da vida?

CF – Perdi algumas... Não muitas, mas algumas.

Ψ – Pelo que é que foram essas perdas?

CF – Hum... Algumas foi porque fomos cada uma para uma faculdade e depois acabamos por deixar de nos dar. E eu já me voltei a encontrar com algumas amigas, e agora acho que já não tenho nada a ver com elas e portanto também acabo por me afastar.

Ψ – Desidentificaste-te delas.

CF – Exato. Mas, quer dizer, isso também não me custa porque eu entretanto já fiz novas amigas.

Ψ – Agora no curso, conseguiste fazer alguma amizade?

CF – Sim, sim, fiz um bom grupo por acaso.

Ψ – E sentes que tens boas amigas?

CF – Sim.

Ψ – Portanto, quando te desiludes dás uma nova oportunidade, embora seja difícil voltares a confiar é?

CF – Sim.

Ψ – E em que é que muda a tua relação com essa pessoa?

CF – Deixo de lhe contar as coisas e depois com o tempo vou percebendo se posso voltar a confiar ou não. E se não puder, passa a ser uma relação superficial e pronto, fica por aí.

Ψ – E sentes que as tuas amigas investem na relação de amizade que têm contigo?

CF – Sim, acho que sim.

Ψ – Sentes que te valorizam?

CF – Sim.

Ψ – E tu tens facilidade em valorizar os outros?

CF – Sim, acho que sim.

Ψ – Ok. Pronto C., penso que já não tenho mais nada para te perguntar. Muito obrigada por teres aceitado participar no meu estudo. Gostei muito de estar a conversar contigo.

CF – Obrigada.